

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Boletim n.º 215

— LÍNGUA E LITERATURA
GREGA —

N.º 6

ROBERT AUBRETON

INTRODUÇÃO
A
HESÍODO



São Paulo – 1956

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor — Prof. Dr. Alípio Correa Neto

Vice-Reitor — Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Diretor: — Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula

Vice-Diretor: — Prof. Dr. Paulo Sawaya

Secretário: — Lic. Odilon Nogueira de Mattos

CADEIRA DE LÍNGUA E LITERATURA GREGA

Prof. Dr. Robert Henri Aubreton

Assistente — José Cavalcante de Souza

Auxiliar de Ensino — Gilda Maria Reale Starzynsky

Hilda Penteado de Barros

Toda correspondência relativa ao presente Boletim e às publicações em permuta deverão ser dirigidas ao || **All correspondence relating to the present Bulletin as well as exchange publications should be addressed to**

CADEIRA DE LÍNGUA E LITERATURA GREGA

Faculdade de Filosofia — Caixa Postal 8 105 — São Paulo — Brasil

INTRODUÇÃO A HESÍODO

INTRODUÇÃO

A

HESÍODO

Por

ROBERT AUBRETON

Doutor em Letras

Professor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras
da Universidade de São Paulo.



São Paulo – 1956

HOMENAGEM
A NOSSA ALMA MATER
A FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PREFÁCIO

Assim como nosso trabalho precedente, *Introdução a Homero*, êste estudo sôbre Hesíodo é o resultado de um curso ministrado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Não tem a pretensão de substituir os numerosos trabalhos que já suscitou e ainda há de suscitar a obra de Hesíodo, mas seu objetivo é tão sômente dar ao estudante um conhecimento razoável dos problemas que provoca a obra hesiódica, para que lhe seja possível tirar maior proveito de sua leitura.

Provavelmente o plano do presente trabalho causará estranheza. Poderia parecer mais lógico dar antes a bibliografia do poeta e a descrição do meio em que viveu. Mas, na realidade, sabemos acêrca de Hesíodo apenas o que êle, mesmo nos revela; nossos conhecimentos sôbre a Grécia do VII século são muito vagos, principalmente no que diz respeito à Grécia continental. Um dos pontos de interêsse desta obra é justamente esclarecer-nos sôbre o mundo grego que acaba de sair do "túnel" em que o mergulhou a invasão dórica mais ou menos cinco séculos antes, e também informar-nos sôbre a mentalidade, as aspirações do homem dessa época.

Êste trabalho se inicia, pois, com informações filológicas. Não é importante saber como nos chegou a tradição dessas obras, dois mil e quinhentos anos depois de sua redação, e que fé podemos ter na autenticidade desses versos? Só depois de ter refletido sôbre o pensamento e o talento do poeta nos será possível esboçar-lhe os traços. Assim, não ficaremos espantados com a influência que exerceu através de todo o mundo grego.

Agradecemos à nossa colaboradora tanto neste trabalho como na Cadeira de Grego da nossa Faculdade, Dona Gilda Maria Reale Starzynski.

CAPÍTULO I

A OBRA DE HESÍODO

A tradição manuscrita Alguns *códices* nos conservaram as três obras atribuídas a Hesíodo, desde a mais longínqua antiguidade: a *Teogonia*, os *Trabalhos e Dias* e o *Escudo*. Um dos últimos editores, P. Mazon, julga que todos êsses *códices*, com exceção de um, remontam a um texto único, transcrição de um arquétipo, que comportava numerosas falhas, e cuja cópia pode datar da Renascença Bizantina do século IX (1). Êsses diversos manuscritos só nos permitem, portanto, remontar ao arquétipo, isto é, aos séculos II ou III d. C. . Estamos, pois, longe de atingir o texto do próprio autor, ou seja, de um milênio antes. Além disso, é bastante ignorada a história do texto no período anterior à crítica alexandrina. Podemos, pois, suspeitar que, através dos séculos, essa tradição manuscrita sofreu modificações consideráveis. Mas não se deve deixar de lembrar que os escribas, em geral, tiveram sempre tão grande respeito pelos textos, que, muitas vezes, preferiram transcrevê-los com erros a modificar o que percebiam ser enganos evidentes (2). É também preciso não esquecer que as obras da antiguidade foram submetidas no século II a. C. à crítica erudita das escolas de filologia de Alexandria e de Pérgamo, antes de chegar aos filólogos bizantinos dos séculos XII e XIII. É então o resultado dessa crítica que os manuscritos nos trazem. Dêsses *códices* os mais importantes são:

Laurentianus gr. 31,39 do século XII, também chamado *Mediceus*. É o *codex D* dos *Trabalhos*.

Laurentianus gr. 32, 16 do século XIII (1281), *codex D* da *Teogonia*, *I* dos *Trabalhos*, *E* do *Escudo*.

Laurentianus gr. 31, 32 do século XIII, *codex L* dos *Trabalhos*.

(1). — Restam, todavia, alguns *códices* que ainda não foram estudados.

(2). — Ver a este respeito o livro bastante atual de A. Dain, *Les manuscrits*, Les Belles Lettres, Paris, 1949, pp. 15 e ss.

Messanius gr. do séc. XIII, *codex Z* dos *Trabalhos*.

Parisinus gr. 2771 do século XI, *codex C* dos *Trabalhos*.

Parisinus gr. 2708 do século XV, *codex P* dos *Trabalhos*.

Parisinus gr. 2772 do século XIV, *codex H* da *Teogonia*, G do *Escudo*.

Parisinus gr. 2773 também do século XIV, *codex O* dos *Trabalhos*, F do *Escudo*.

Parisinus gr. 2833 do século XV, *codex F* da *Teogonia*, M do *Escudo*.

Venetus Marcianus gr. 464 do século XIV (1316), da mão de Demétrio Triclínio: contém as três obras.

Uma outra tradição é conservada por um único manuscrito de Paris, o *Parisinus suppl.* gr. 663, do século XI, diferente do conjunto dos outros testemunhos quanto aos fragmentos que contém. O texto dos *Trabalhos* não é fornecido por êsse manuscrito que é o *codex C* da *Teogonia*, B e C do *Escudo*. Julga-se que se trate de extratos, de "trechos seletos" escolares; mas nem por isso êsse *codex* é menos importante como testemunho de uma tradição.

Os *papyri*, por sua vez, trazem-nos uma tradição anterior aos *códices*. Mas também êles são posteriores à crítica alexandrina. Todavia, podem apresentar um texto diferente dos da tradição manuscrita dos *códices*, o que não é desprovido de interêsse. Os treze *papyri* que possuímos do texto de Hesíodo atestam 235 versos da *Teogonia*, 201 versos dos *Trabalhos e Dias*, 88 do *Escudo*, isto é, 512 versos para um total de 2.327 (3). Através dêsses testemunhos, nota-se que existiam na época de sua redação (I a V séculos d. C.), tradições diversas daquelas conservadas pelos *códices* (4).

Devemos ainda ir além e pretender que já na época dos Pisistrátidas existia uma dupla tradição? Ou que do trabalho realizado nessa época resultou uma dupla rescensão? Tentou-se explicar dessa maneira as repetições encontradas na obra hesiódica (5). A tese não está comprovada.

Enfim, não se devem negligenciar as tradições indiretas, sobretudo aquelas que fornecem testemunhos sôbre o estado do texto em época anterior ao período alexandrino. E as citações de filósofos como Xeno-

(3). — Eis as passagens para as qua's se possuem os *papyri*: *Teogonia*, vv. 1-52, 75-145, 148-154, 210-238, 260-270, 626-640, 643-656, 658-673, 777-783, 811-817, 833-840, 846-848, 871-872, 879-880, 930-939, 994-1004; *Trabalhos e dias*, 111-118, 153-161, 169, 174-185, 199-204, 210-221, 241-248, 252-335, 344-363, 366-380, 491-494, 511-519, 527-528, 544-552, 686, 828; *Escudo*, 1-32, 207-213, 350-354, 382-384, 426-440, 456-480.

(4). — Quanto às diversas edições antigas de Hesíodo e a tradição seguida pelos copistas dos manuscritos, ver R. C. W. Zimmermann, *Zu Hesiod* em *Philologische Wochenschrift*, 1935, pp. 1068-1072.

(5). — H. G. Evelyn White, *A Pisistratean edition of the Hesiodic Poems*, em *Classical Quarterly*, 1924, pp. 142-150. T. A. Sinclair, *The Pisistratean Hesiod* em *Classical Quarterly*, 1927, pp. 195-198, julga que a demonstração não é convincente.

fonte, Platão, Aristóteles, ou de um orador como Ésquines, são de raro valor, sem deixar de mencionar também as de Plutarco, Estobeu e Orígeno.

Os comentários dos filólogos bizantinos fornecem ainda testemunhos antigos que êles próprios puderam recolher em sua época. Os *Trabalhos e Dias* foram comentados no século V por Proclo, nos séculos XII e XIII por João Tzetzés, Máximo Plamude e Manuel Moschopoulos; a *Teogonia*, por Demétrio Triclínio, e o *Escudo*, por Constantino Lascaris (5a).

A edição mais antiga das obras de Hesíodo é a de Demétrio Chalcocondylas, ou *editio princeps* dos *Trabalhos*, em 1493. Seguem-se-lhe as edições completas dos Aldos, Veneza, 1493; dos Junta, Florença, 1516 e 1540. de Bâle, 1542, e de Henri Estienne, Paris, 1566.

As melhores edições atuais são:

C. Götting, *Hesiodi carmina*, edição com comentário latino, revista por J. Flach, Teubner, Leipzig, 1878.

F. S. Lehrs, *Hesiodi carmina et fragmenta*, texto com tradução latina, Didot, Paris, 1878.

A. Rzach, *Hesiodi carmina*, edição crítica, com estudo da tradição manuscrita e tradição indireta, Teubner, Leipzig, 1884; 3a. edição, 1921.

P. Waltz, *Travaux et jours*, edição comentada com tradução, Paris, 1909.

P. Mazon, *Travaux et jours*, edição crítica com comentário, Paris, 1914.

H. G. Evelyn-White, *Hesiod, the homeric hymns and homeric*, com tradução inglêsa, Loeb class., Londres, 1915.

U. von Wilamowitz-Moellendorff, *Hesiodi carmina*, Berlim, 1928.

P. Mazon, *Hésiode*, edição crítica com tradução, Les Belles Lettres, Paris, 1928.

Existe um index de Hesíodo: J. Paulson, *Index Hesiodeus*, Londres, 1890.

Os trabalhos sôbre Hesíodo que podem ser consultados com pro-
veito são:

M. Mondot, *Hésiode et son siècle*, Montpellier, 1835.

J. D. Guignaut, *De la Théogonie d'Hésiode*, Paris, 1835.

J. A. Symonds, *Studies of the greek poets*, Londres, 1843.

J. Girard, *Le sentiment religieux en Grèce*, Paris, 1869.

J. Flach, *Das system der hesiodischen Kosmogonie*, Leipzig, 1874.

Th. Martin, *Mémoire sur la cosmographie grecque á l'époque d'Homère et d'Hésiode*, Paris, 1874.

G. Murray, *A history of ancient Greek Literature*, Oxford, 1897.

(5a) — Th. Gaisford, *Scholia Hesiodi*, Oxford, 1814-1820; Leipzig, 1823. H. Flach, *Glossen und Scholien zur hesiodischen Theogonie mit Prolegomena*, Leipzig, 1876.

- Dimitrijević, *Studia Hesiodica*, Leipzig, 1899.
- P. Decharme, *La critique des traditions religieuses chez les Grecs*, Paris, 1904.
- P. Waltz, *Hésiode et son poème moral*, Bordeaux, 1906.
- U. von Wilamowitz-Moellendorff, *Sitzungsbericht der pruss. Akademie der Wissenschaften*, 1910.
- Ed. Mayer, *Hesiods Erga und das Gedicht von den fünf Menschengeschlechtern*, Berlin, 1910.
- P. Mazon, *Hésiode, La composition des Travaux et des Jours*, em *Revue des Études Anciennes*, t. XIV (1912), pp. 339-356.
- P. Waltz, *Notes sur la Théogonie*, em *Revue des Études Grecques*, t. XXVII (1914), pp. 230-235.
- P. M. Schuhl, *Essai sur la formation de la pensée grecque*, Paris, 1919.
- G. Murray, *Five stages of Greek Religion*, Oxford, 1923.
- A. Trever, *The Age of Hesiod, study in economic history*, em *Classical Philology*, 1924.
- O. Kern, *Die Religion der Gräzeschen*, Berlin, 1926.
- R. Burn, *The world of Hesiod*, Londres, 1926.
- M. P. Nilsson, *A history of Greek Religion*, Oxford, 1928.
- Fr. Pfister, *Die Hekate-Episode in Hesiods Theogonie*, em *Philologus*, t. 84 (1928), pp. 1-9.
- E. Romagnoli, *Esiodo, I poemi, coll. I poeti greci tradotti*, Bolonha, 1929.
- G. Gallavotti e A. Ranconi, *La lingua omerica, com appendice sulla lingua di Esiodo*, Bari, 1948.
- G. M. Reale, *Hesíodo e a evolução religiosa na Grécia antiga*, em *Revista de História*, 1, (1950), São Paulo, pp. 19-48.

A crítica moderna nem sempre reconheceu a paternidade de Hesíodo para as obras reunidas sob o seu nome. O erudito crítico P. Waltz não afirma que a *Teogonia* é uma obra posterior à época de Hesíodo? (6). E A. Croiset diz o seguinte: “As poesias colocadas sob o nome de Hesíodo pertencem, claramente, a autores que viveram em diversas épocas e em diversos lugares”. E acrescenta, ao falar da *Teogonia*: “Nem o objetivo principal, nem a maneira de compor, nem o espírito são idênticos” (7). No verso 22 da *Teogonia* em que o poeta se nomeia, P. Waltz vê uma alusão ao poeta dos *Trabalhos e Dias* mas não uma identificação (8). Ora, não seria espantoso que um poeta

(6). — P. Waltz, *Hésiode et son poème moral*, p. 35, nota 2.

(7). — A. e M. Croiset, *Histoire de la Littérature grecque*, t. I., p. 535.

(8). — P. Waltz, *Notes sur la Théogonie*, em *Revue des Études Grecques*, XXVII (1914), pp. 229-235.

nomeasse um predecessor, como o faz nesses versos, sem falar de si mesmo? Além disso, quando, nos *Trabalhos*, Hesíodo relata ter consagrado um tripé às Musas do Helicão “nos lugares onde, pela primeira vez, elas me colocaram na estrada dos cantos harmoniosos” (9), parece referir-se claramente aos versos 21-29 da *Teogonia*.

Enfim, os partidários da diferenciação colocam a *Teogonia* depois dos *Trabalhos*: “Hesíodo lhes ensinou o trabalho e a justiça; seu sucessor vai falar-lhes das gerações dos deuses” (10). E a *Teogonia* seria até o complemento obrigatório dos *Trabalhos* uma espécie de remédio para os males que esmagam o mundo (11).

Tal não é a nossa opinião. Pensamos que, ao contrário, se pode considerar a *Teogonia* como uma obra de juventude (12). Basta les êstes versos em que canta as Musas do Helicão, para compreender que foi esta a primeira obra do poeta Hesíodo:

*Foram elas que a Hesíodo um dia ensinaram um belo canto,
quando êle apascentava seus cordeiros ao pé do Helicão divino.
Eis as primeiras palavras que me dirigiram as deusas,
Musas do Olimpo, filhas de Zeus que tem a égide:
“Pastores domiciliados nos campos, tristes opróbios da
terra, que sois só ventre,
“sabemos contar mentiras em tudo parecidas com as realidades,
“sabemos também quando o desejamos, proclamar verdades”.
Assim falaram as filhas verdadeiras do grande Zeus,
e, como bastão, ofereceram-me um ramo soberbo, por elas cortado
duma oliveira florescente; depois, inspiraram-me palavras
divinas, para eu glorificar o que há de ser e o que foi,
enquanto me ordenavam celebrar a raça dos
Bem-aventurados imortais.*

Que o poeta tivesse intenção de escrever outros cantos podemos supô-lo pelo último verso dessa passagem. As Musas ordenaram-lhe que cantasse os deuses,

*e elas mesmas em primeiro lugar, no comêço e no fim de
cada um de meus cantos;*

Não é exatamente o que êle vai fazer desde o início dos *Trabalhos* (13)?

(9). — *Trabalhos*, 659.

(10). — A. e M. Croiset, *op. cit.*, p. 537. É também a tese de T. W. Allen, se bem que êste crítico pareça admitir a unidade de autor (*The date of Hesiod*, em *Journal of Hellenic Studies*, XXXV, (1915), pp. 85-99).

(11). — C. Papacostea, *L'évolution de la pensée grecque, Hésiode, la Theogonie* em *Revisita Clássica*, I (1929), pp. 191-201. Mas o autor atribui as duas obras a Hesíodo.

(12). — P. Mazon, *Hésiode*, p. 30; U. von Wilamowitz-Moellendorf, *Hésiodos Erga*, Berlin, 1928, p. 153.

(13). — *Teogonia*, 22-34.

E há ainda outra prova da identidade de autor no que contêm êstes versos dos *Trabalhos*:

Não digamos que só ha uma espécie de Luta; sôbre a terra há duas . . .

*Uma favorece a guerra e as discórdias funestas,
a outra nasceu em último lugar da Noite tenebrosa,
e o Crônida, lá no alto, sentado em sua morada etérea,
colocou-a nas raizes do mundo, bem mais proveitosa para os homens.*

O poeta, portanto, reconhece duas filhas da Noite, uma a Luta-Discórdia, outra a Luta-Trabalho. Ora, na *Teogonia*, à qual êle se refere visivelmente como a uma obra anterior, dizia: *E a Noite deu à luz*

*Velhice maldita e Luta de coração violento.
E a odiosa Luta, esta, deu à luz Pena, a dolorosa,
Esquecimento, Fome, Dôres cheias de lágrimas (14).*

O poeta demonstra que mudou de opinião.

Enfim, se os Antigos sempre atribuíam as duas obras a Hesíodo, Pausânias é o único a afirmar que na Beócia só se reconhecia como autêntica a autoria dos *Trabalhos* e *Dias* (15).

Em conclusão, tôdas as provas internas mostram nos *Trabalhos* alusões à *Teogonia*, fazendo desta obra a primeira cronològicamente e tirando tôda realidade à interpretação segundo a qual o autor da *Teogonia* se referiria ao dos *Trabalhos* como se se tratasse de um predecessor.

(14). — *Trabalhos*, 11-12; *Teogonia*, 225-226. Pode-se ainda encontrar uma prova da identidade do autor no fato de que o poeta da *Teogonia* ignora o mito da caixa de Pandora, o que seria incompreensível se se tratasse de um continuador, que, evidentemente, teria conhecido, os *Trabalhos*.

(15). — *Pausanias*, II, 31,4.

la ((1). Nos fins do século, já A. Croiset punha na justa medida tais afirmações e conservava apenas o seguinte: os *Trabalhos* sofreram algumas recomposições, e não se deve procurar neles uma sequência de pensamentos ininterruptos. Esse crítico vê, nesse poema, o produto dum época ainda primitiva e rude. Já vimos a respeito de Homero o que se deve julgar dessa tese, se bem que tais considerações sejam mais justas acêrca da Beócia do século VIII do que da Jônia de época correspondente (2).

A crítica moderna admite que os *Trabalhos* possam ter sido feitos de partes heterogêneas que o poeta teria composto em momentos diferentes e para diversas circunstâncias; mas evita emitir hipóteses que, no mais das vèzes, repousam apenas sôbre concepções completamente subjetivas dum época que tão pouco conhecemos, ou sôbre idéias "a priori", que resultam do fato de se querer aplicar aos poetas arcaicos nossas concepções modernas acêrca da composição literária. Por falta de provas da multiplicidade de autores, chega-se a uma tese mais simples, — já que nunca se duvidou da autenticidade da atribuição dos *Trabalhos* a Hesíodo —: se êste poema é devido a uma arranjador, êste só pode ser Hesíodo. Não podemos saber se o poeta se inspirou em obras anteriores, e se sua obra foi feita da aproximação de partes tiradas dessas obras (3). De fato, nada nos permite suspeitá-lo, porque não se conhece, entre os Antigos, nenhuma obra dêsse gênero cu que tratasse da agricultura, e que lhe tenha sido anterior.

Quanto às dificuldades advindas do próprio plano, não se deve esquecer que ainda aqui se trata dum obra para ser recitada e que, por conseguinte, o rigor da composição está longe de dever ser absoluto. Isto já foi dito acêrca dos poemas homéricos. A prova da recitação oral reside no próprio número de versos do poema: não ultrapassa o de um canto de Homero; ora a recitação é muito mais rápida que o canto, e não podemos supor que êsse poema fosse acompanhado musicalmente.

A seguir, conforme veremos, o caráter dessa obra é essencialmente polêmico e pessoal. Mas provàvelmente porque o poeta quis dar-lhe um campo mais geral, acrescentou-lhe conselhos práticos aos camponêses para quem o poema parece ter sido escrito. É evidente que o poeta que compôs os *Trabalhos* foi o mesmo que escreveu a *Teogonia*: tôda a sua explicação do mundo e da vida elabora-se à volta dos deuses e mitos que

(1). — Trata-se dos trabalhos de Twisten, em 1815; K. Lehrs em 1817, e A. Fick, em 1887. Os trabalhos de H. G. Evelyn White, *Hesiod's description of winter*, em *Classical Review*, XXX (1916), pp. 209-213, e *Hesiod, Works and Days*, em *Classical Review*, XXXI, (1917), pp. 68-96, orientam-se no mesmo sentido: a pintura do inverno seria feita de três versões diferentes. A tese contrária é sustentada por A. T. Carnoy, *Hesiod's description of winter*, em *Classical Philology*, 1917, pp. 227-236.

(2). — M. Croiset, *op cit.*, p. 493; R. Aubreton, *Introdução a Homero*, *passim*.

(3). — P. Mazon, *op. cit.*, p. 81, e, anteriormente, P. Waltz, *op. cit.*, pp. 39 e ss., W. Bannier, *Zu griechischen und lateinischen Autoren em Rheinisches Museum für Philologie*, LXXII, pp. 217-237.

já cantou precedentemente. Ademais, êsse Hesíodo é um poeta essencialmente religioso, e nenhuma das crenças religiosas — ou supersticiosas — de seu tempo lhe é estranha. Bem o demonstra na última parte dos *Trabalhos*, provando dessa maneira a continuidade de seu pensamento.

Enfim, pode-se dizê-lo, a composição é cuidada, bem entrosada, apesar da diversidade de idéias. O meio de ligação são as alusões à vida privada do autor, suas desavenças com Perses. Tudo isso prova sobejamente a unidade, ao mesmo tempo que nos dá uma idéia da arte de compor em Hesíodo.

Assim é que, apesar da falta de ordem formal no poema, há, não se pode negá-lo, um plano real; a ordenação corresponde a uma lógica completamente sentimental. Invectivas e lições misturam-se segundo a inspiração do poeta. A sequência das idéias deve-se a associações de pensamentos. O falar da justiça conduz o poeta a desenvolver o mito das idades que mostra a queda do homem até a época hesiódica a qual, para o poeta, é execrável: "laudator temporis acti". A necessidade do trabalho impele-o a explicar porque êsse trabalho é obrigatório aos mortais, e também a dar um método de ação. E daí os conselhos ao agricultor. Tudo, evidentemente, não concorda com uma lógica rigorosa; mas a harmonia, a facilidade da composição provam que se trata de algo muito diverso de um poeta primitivo, e que o desleixo de composição chega a ser criador de arte.

Não queremos dizer, entretanto, que com o decorrer dos tempos, algumas interpolações não se tenham introduzido na obra, ainda que a crítica moderna reconheça muito poucas e recuse até aquelas que a antigüidade aceitara, visto que as razões invocadas pudessem faltar de imparcialidade, ou porque a exclusão fôsse o resultado de uma má interpretação do texto. Assim é que o prelúdio (v. 1-10) era condenado por Aristarco, porque no século III os sacerdotes do Vale das Musas queriam fazer crer que o poema havia sido dedicado às Musas do santuário de Helicão e não às de Piéria; e os versos 654-662, interpretados como sendo uma alusão ao combate literário entre Hesíodo e Homero, foram condenados por Plutarco (4).

Só alguns versos são recusados pela crítica como tendo sido juntados ao texto (5), e é tudo que resta da crítica de Lehrs, Göttling (6), e dos Alexandrinos que, freqüentemente, julgaram útil expurgar o texto de reflexões morais que podiam interromper a sequência dos conselhos (7).

(4). — P. Mazon, *op. cit.*, pp. 77-79. Ver ainda G. Méautis, *Le Prologue à la Théogonie d'Hésiode dans Revue des Études Grecques*, LII (1939), pp. 571-587.

(5). — Pois é o resultado a que chega P. Mazon, *Hésiode*, Paris, 1951, pp. 78-79. Ver ainda P. Waltz, *op. cit.*, p. 43.

(6). — Conservam-se as lições de Lehrs, v. 108, Hagen, v. 189, Göttling, vv. 318, 815.

(7). — Ver por exemplo, os versos 124-125; 169; 223; 310; 318; mas, ao contrário, são conservados os versos 70-72; 124; 294; 317; 353-354; 370-372; 375; 377; 406; 561-563; 649; 654-662; 740; 794-797; que não se encontram em Aristóteles ou que são marcados com o obelo pelos alexandrinos.

Concepção da poesia

Como na *Teogonia*, o poeta considera-se um inspirado. Ele é o intérprete das Musas e o seu papel é dizer a Verdade aos homens. Basta comparar o verso da *Teogonia* (8):

Nós sabemos também, quando o desejamos, proclamar verdades.
com o dos *Trabalhos* (9).

Eu vou fazer, Perses ouvir verdades.

Assim, pois, o poeta elevou a poesia; esta não é mais somente matéria de ficção, mas revela as profundezas dos céus, ou ensina aos homens a lei moral e humana. É, pois, sempre como um educador dos povos que o poeta se apresenta. A base desse ensinamento é sempre divina: emana de Zeus. Eis porque o poeta se ergue muito alto. Sente-se capaz de dar lições a todos, a seu irmão compreende-se, mas também aos grandes deste mundo. A uns e outros demonstra o preço da virtude e do trabalho. Mas a lei que apresenta não é dada como algo de austero; ele põe-lhe uma verdadeira bonomia (10):

Mas tu, Perses, ouve a justiça; não deixes crescer em ti
o descomedimento.
O descomedimento é coisa má para os pobres: até os poderosos
têm dificuldade em suportá-la, e seu peso os esmaga,
no dia em que se chocam com os desastres.

Pela primeira vez na história literária grega, um escritor, um poeta, transforma acontecimentos de sua vida privada em material de literatura, e de literatura inspirada. Verdadeiramente é em si mesmo, nos acontecimentos de sua existência, da vida de seus contemporâneos que Hesíodo encontra inspiração. Mas desse realismo ele passa imediatamente para um grau mais elevado. É o poeta que ensina, que ensina a vida, tanto a dos campos como a da alma; e pretende expor toda a sabedoria, sabedoria material e moral. E esse magistério é oficial, foi a divindade que lho confiou.

O papel que ele representa lhe dá plena autoridade. É com grandeza que se dirige aos poderosos para lhes mostrar que há seres superiores a eles, dos quais dependem, aos quais devem prestar contas. Suas palavras são rudes (11):

(8). — *Teogonia*, 28.
(9). — *Trabalhos*, 10.
(10). — *Ibid.*, 213-216.
(11). — *Ibid.*, 263-264.

*Pensai nisto para regular vossa linguagem, ó reis,
comedores de presentes, e para todo o sempre
renunciai às sentenças torcidas.*

Suas responsabilidades são grandes, com efeito (12):

*É preciso que o povo pague pela loucura dêesses reis que,
com tristes desígnio,
falsificam seus decretos com fórmulas torcidas*

Educador, o poeta não o é somente quando trata das elevadas leis da moral ou quando dá a explicação do mundo, mas nos fatos materiais da existência; e são os conselhos que dá ao camponês, a êsse camponês que, na Grécia, é também navegador. É um camponês que fala aos outros camponeses; os conselhos que apresenta são muito gerais quando trata das diversas operações da cultura do solo. Mas, o poeta tem idéias pessoais: e as expõe com toda a autoridade que lhe confere seu título de inspirado (13).

*Eis a lei dos campos tanto para os que habitam
perto do mar como para aquêles que, no recôncavo dos vales,
longe das vagas agitadas, em terras férteis,
vivem. Semeia, nu, trabalha nu,
e nu deves ceifar se queres a tempo
acabar os trabalhos de Deméter.*

Ainda quando se trata de navegação — e o poeta confessa sua incompetência pessoal — acha que tem o direito de dar lições aos outros, porque é inspirado (14):

*Não tenho outra experiência de naves de mil cunhas.
Mas nem por isso deixarei de dizer-te os desígnios
de Zeus que tem a égide,
pois as Musas ensinaram-me a cantar um hino maravilhoso.*

Como intérprete de todos os conhecimentos humanos e divinos, o poeta reuniu todos os ditados do campo, expressão de sabedoria milenar e da experiência, resultados também da superstição; mas não são ainda uma expressão do respeito de Hesíodo aos deuses, de seu sentimento de onipresença, sentimento do qual parece estar compenetrado?

(12). — *Trabalhos*, 260-262.

(13). — *Ibid.*, 388-393.

(14). — *Ibid.*, 660-662.

Mensageiro dos deuses, vate da verdade e da moral, educador dos humanos, poeta utilitário que fala ao mesmo tempo da experiência e das crenças dos camponeses, eis como se nos apresenta Hesíodo nos seus *Trabalhos*. Inspiração menos divina, talvez, que a da *Teogonia*, mas muito mais humana, mais próxima de nós, mais universal.

Pode-se também perguntar até que ponto o poeta tem a impressão de ser um iniciador para os Beócios, sem dúvida de nível inferior que os gregos da Ásia; se, em seus conselhos, êle não se aproveita de uma experiência, de uma civilização que o eleva acima de seus contemporâneos.

Da mesma forma que, na *Teogonia*, Hesíodo ordenou os deuses em torno de Zeus, fazendo pois, como Homero, da concepção olimpica o essencial da religião; assim, a personalidade de Zeus domina todo o poema dos *Trabalhos e Dias*, do Zeus

que brame sôbre nossas cabeças, sentado em seu palácio muito alto (15). Ê o deus que comanda todos os outros: às suas ordens, Atena, Afrodite, Hefesto, Hermes obedecem sem demora (16). Zeus preside também os destinos dos homens, cria as diversas raças, dá aos humanos doenças, penas, fadigas e mortes (17). Estamos muito afastados das lutas de prestígio em que se empenhavam os deuses homéricos.

De agora em diante, Zeus é sobretudo o deus justiciero, aquêle que concede a uns a "paz nutridora dos jovens homens" e a prosperidade, a outros, os injustos, "a imensa calamidade" (18). Está cercado de Imortais para vigiar os homens. Ê pois o deus onipresente (19):

*O ôlho de Zeus, que percebe tudo e tudo apanha,
vê também tudo isso, se lhe aprouver...*

Dele vêm toda a sorte:

*A riqueza não deve ser arrebatada: dada pelo céu vale muito mais.
A muitas crianças, Zeus pode facilmente dar uma imensa fortuna,*

diz o poeta (20). Ê dêle que vem igualmente a chuva fecunda (21), é ainda êle que dá aos frutos sua maturidade (22), é êle que confere aos homens a pobreza funesta, ou aos navios sua perdição (23).

- (15). — *Trabalhos*, 8.
 (16). — *Ibid.*, 59-67. Ver *Teogonia*, 885.
 (17). — *Ibid.*, 90-105.
 (18). — *Ibid.*, 228, 243, 281 e ss.
 (19). — *Ibid.*, 267-268.
 (20). — *Ibid.*, 320 e 379.
 (31). — *Ibid.*, 415, 488-489.
 (22). — *Ibid.*, 474.
 (23). — *Ibid.*, 638, 668.

E o poeta aconselha, desde logo, ao camponês o respeito com coisas religiosas (24):

Não zombes dos mistérios: com isto o Céu se encoleriza,

e também a prece ritual, seguindo rigorosamente as prescrições (25):

*Abstem-te, quando a aurora aponta, de oferecer
a Zeus libações de vinho negro
com mãos que não tenhas lavado; assim também aos outros deuses:
sabe que eles não te ouvem e desprezam tuas preces.*

E ainda:

*Pede seus favores com libações e oferendas,
quando tu te deitas e quando volta a santa luz (26).*

Essa mesma piedade, essa mesma consciência da onipresença da divindade impele o poeta a emitir tôdas essas séries de prescrições mais ou menos supersticiosas. Consciente do respeito devido aos deuses, o poeta julga que a tudo em que se revela a vontade dêles, é preciso estar atento. Qualquer transgressão, qualquer mau presságio negligenciado provoca o castigo. Todo o poema é dominado por um pensamento místico, um amor profundo da divindade, um sentimento contínuo de sua presença. É uma verdadeira meditação mística em que aparece o sentimento profundo que impelirá tantos gregos às religiões de mistérios, às revelações órficas ou à religião dionisíaca. Tôda a vida moral é impregnada por êsse sentimento religioso que constitue o seu próprio fundamento.

Mas o que domina todo o poema é a piedade para com Zeus, o deus todo poderoso. Sem dúvida, Deméter é a deusa da Terra, e Posidão, o deus do Mar (27); êles concedem aos humanos os dons do solo, ou a proteção no mar. Mas êsses mesmos dons advêm também de Zeus, como se êste deus tivesse reunido em si todos os poderes das outras divindades. Zeus, vitorioso, colocou-se no lugar de todos os outros, apresentando-se com seus títulos (28). E seu papel essencial é estabelecer a justiça, fazê-la reinar sôbre o universo. Se tem o olhar

(24). — *Trabalhos*, 755-756.

(25). — *Ibid.*, 724-726.

(26). — *Ibid.*, 338-339.

(27). — *Ibid.*, 667.

(28). — *Ibid.*, 465. Já se observou que pela primeira vez aparecem, tomando o lugar dos deuses antropomórficos da epopéia, os "demônios", os Gênios benfazejos (v. 122), ou senhores do destino (v. 314), distribuidores de riqueza (v. 123 e 126), numerosos imortais, que vigiam nossas ações (v. 253-255). Ver Plutarco, *De defectu oraculorum*, X, 425 b; P. Waltz, *op. cit.*, 75-77.

sobre o mundo inteiro, é essencialmente para controlar se o homem cumpriu suas obras de justiça (29). E esta Justiça é sua filha virgem; aquela "que honram e veneram todos os deuses" (30). É só dessa maneira que os deuses interferem na vida dos homens. Eis o aspecto essencial da moral hesiódica (31).

O poeta apela ao homem que considere a justiça, a justiça à qual têm direito todos os homens. Não é uma novidade? Na *Iliada*, jamais encontramos essa noção. A força bruta ou inteligente se impõe. Um Agamenão mostra um certo respeito para com aqueles dentre seus vassallos que representam a força; aos mais fracos, só dá um pouco de atenção, e é impondo-se-lhes que gosta de demonstrar seu poder. Os deuses homéricos não protegem os humanos em função de suas obras, ou sua piedade. Esta é mais negativa: consiste em não se comprometer com os deuses, seres apaixonados por excelência e de que os humanos são frequentemente as vítimas. Todavia, na *Odisséia*, já tínhamos notado um progresso muito claro: o homem era protegido pelos deuses conforme demonstrasse piedade, embora a paixão dos deuses se manifestasse ainda num Posidão, por exemplo.

Em Hesíodo os deuses, e Zeus em particular, não agem mais ao sabor de suas paixões, mas conforme os homens obedeçam às suas leis. Se Zeus presenteia o homem com a mulher, e com ela todos os males, é a consequência de uma dupla falta de Prometeu. O filho de Titã, Japeto, atraía um primeiro castigo para os homens, tentando enganar Zeus, e essa era uma falta contra a Justiça (32). O deus, como consequência, subtraiu aos homens o fogo, a esses homens que já são os protegidos de Prometeu. Este último quer então reparar o primeiro prejuízo que causou aos humanos; e aquele a quem Hesíodo tinha, precedentemente, qualificado de velhaco se tornou o benfeitor do gênero humano. Com efeito, Prometeu rouba a Zeus o fogo, e o conduz à terra; desta vez é falta contra a Vontade formal de Zeus, o senhor do Olimpo (33).

Às diversas raças de homens que se sucederam sobre a terra, Zeus deu um destino em função de sua virtude: bons gênios ou hóspedes das Ilhas dos Bem-aventurados (34) ou, ao contrário, gênios dos Infernos, hóspedes do Hades, seres destinados ao aniquilamento (35). Se o crime

(29). — Ver J. Kerschensteiner, *Zu Aufbau und Gedankenführung von Hesiods Erga*, em *Hermes*, LXXIX (1944), pp. 149-191. O autor insiste sobre o caráter profundamente religioso dessa obra. Na pessoa de Zeus, o autor entreve a ação divina em todas as coisas.

(30). — *Trabalhos*, 253-257.

(31). — L. Robin, *La Pensée grecque et les origines de l'esprit scientifique*, Paris, 1948, pp. 22-26.

(32). — *Trabalhos*, 47-48; *Teogonia*, 535-564. Trata-se de uma falta completamente gratuita. Não vemos outra razão a não ser a vontade de recusar a Zeus uma homenagem que este pretendia em lugar de seu pai, Crono.

(33). — *Ibid.*, 50-58, 105; *Teogonia*, 565-570.

(34). — *Ibid.*, 122-123; 170-171.

(35). — *Ibid.*, 141-142; 152-153; 180.

foi obra dos deuses, antes da éra de Zeus, e embora Zeus tenha usado também de sua força para impôr-se, agora é o reino da Justiça, e, desde o começo do poema, o poeta canta essa justiça divina (36):

*Fácilmente êle dá a força e facilmente abate os fortes,
fácilmente humilha os soberbos e exalta os humildes,
fácilmente corrige as almas torcidas e aniquila as vidas orgulhosas,
Zeus que brame sôbre nossas cabeças, sentado em
seu palácio muito alto.*

Essa justiça Hesíodo pede primeiramente aos grandes. Verifica, por certo, que êstes têm tendência a servir-se de seu poder para abater o fraco e impor-lhe sua lei (37), para ser apenas “comedores de presentes” (38), favoráveis em seu julgamento a quem sabe prodigalizar-lhes homenagens. E quanto a êle, o poeta, o humilde rouxinol, o belo cantor, acredita-se poder fazer dêle o que se quer (39)? Absolutamente não; êle lembrará aos juizes que há deuses que vigiam suas sentenças, e que a consequência de suas injustiças será atrair sôbre suas cidades, súditos e emprêsas a cólera de Zeus (40):

*Ê preciso que o povo pague pela loucura de seus reis
que, com tristes desígnios,
falsificam seus decretos com fórmulas torcidas.*

Acaso antes já não tinha notado:

*Freqüentemente, até uma cidade inteira ressentem-se
pelas faltas de um só
que se desvia e trama o crime.*

Ê a concepção da justiça imanente, dos povos arrastados por seus chefes à desgraça! Ao contrário, que felicidade está reservada aos que observam a justiça, assim como a seus povos (41)!

*Mas êsses que, ao estrangeiro e ao concidadão, emitem sentenças
corretas e nunca se afastam da justiça,
êsses vêm expandir-se a sua cidade, e, nos muros,
a população tornar-se florescente.*

(36). — *Trabalhos*, 5-8.

(37). — *Ibid.*, 207-212.

(38). — *Ibid.*, 39; 220-221.

(39). — Creio ver, nêstes versos 207 e ss., uma alusão do poeta ao papel que se pretende fazê-lo representar.

(40). — *Trabalhos*, 260-263; 240 e ss.

(41). — *Ibid.*, 225 e ss. Ainda nêstes versos pode-se ver uma alusão ao mar hostil, tal qual podia ser considerado por um camponês.

*Por seus pais se estende a paz nutridora dos jovens,
e jamais contra eles
Zeus de vasto olhar reserva a guerra dolorosa.*

.....
*A terra oferece-lhes uma vida abundante; sôbre os
montes o carvalho
traz, no cimo, glandes, no meio, abelhas;
suas ovelhas lanudas se tornam pesadas de velo,
suas mulheres lhes procriam filhos semelhantes aos pais;
êles desabrocham numa prosperidade sem fim; e não partem
em navios, pois lhes oferece o solo fértil suas messes.*

E ainda, é essa justiça que o poeta reclama dos particulares. Ela é o símbolo do próprio homem (42):

*Que os peixes, as feras, os pássaros alados
se devorem, pois entre eles não há justiça;
mas aos homens, Zeus faz dom de justiça, que é, essencialmente,
o primeiro dos bens.*

Fidelidade aos juramentos, justas sentenças amigáveis dadas em nome de Zeus (43), justiça para com os subordinados: “que o salário estipulado com um amigo seja assegurado” (44), eis o que deve regular as relações entre os humanos. E àquê que seguir esse caminho, o poeta promete a prosperidade (45). Aquê que

*ferindo a justiça, comete o crime inextinguível,
verá diminuir no futuro a prosperidade que deixou,
enquanto que a prosperidade do homem fiel a seu
juramento, no futuro,
aumentará. . . .*

Eis palavras que se aproximam das dos escritores bíblicos, de modo que se pode dizer que o ensinamento de Hesíodo se elevava ao nível do de seus contemporâneos, os poetas hebreus, e que suas concepções morais já anunciavam as de Platão e Aristóteles (46). É uma religião pura e profunda a de Hesíodo; penetra até o fundo da alma, impregna tôda a existência, é geradora de transformação moral.

Acrescentamos que Hesíodo é já, na literatura grega, um apóstolo da não violência: “Ouve, diz êle,

(42). — *Trabalhos*, 277-280.

(43). — *Ibid.*, 194, 282-283; 334-336.

(44). — *Ibid.*, 370.

(45). — *Ibid.*, 284-286.

(46). — C. N. Smiley, *Hesiod as an ethical and religion teacher*, em *Classical Journal*, XVII (1904). pp. 514-522.

Ouve a justiça, esquece a violência para sempre (47).

“A riqueza não se deve arrebatat”, dirá êle ainda; pois lá está o justiçaero que não se faz esperar:

Os deuses têm então pressa de aniquilar o culpado, de arruinar-lhe a casa, e sua fortuna não o segue por muito tempo (48).

Só devem ser usados os meios justos para obter os bens da fortuna (49):

*Não procures os lucros mal adquiridos: lucro mal adquirido
vale por um desastre.*

Certamente, não concebe que se possa receber ofensa sem restituí-la duas vêzes; porém conhece o perdão das injúrias (50):

*Se por primeiro êle fala ou age a teu respeito de modo ofensivo,
lembra-te de fazê-lo pagar duas vêzes a sua ofensa.*

*Mas se, em seguida,
êle procura trazer-te a sua amizade e quer
oferecer-te uma satisfação,
aceita-a. . .*

Estamos longe das epopéias que cantam a guerra; descobrimos o camponês para o qual a luta só traz ruína. O poeta ignora totalmente a guerra (51). Hostil à injustiça, aspira a ver todos os homens em paz, atingindo a felicidade. Não é uma novidade que se deve assinalar?

Ele também distingue duas espécies de Lutas: aquela que “faz aumentar a guerra”, e de que “ninguém gosta entre os mortais”, e a que é instigadora do trabalho, que cria a sã emulação (52).

A grande lei divina para atingir a felicidade, a prosperidade, é o trabalho. Todo o poema canta o trabalho. É certo que, por si mesmo, o homem se deixa arrastar, pois o trabalho é penoso (53):

*A miséria, pode-se, tanto quanto se quer, alcançá-la
e sem fadiga: o caminho é plano e ela se aloja bem perto de nós.*

Mas, essa miséria gera a fome (54) e também a vergonha e a mendicância. Ou o preguiçoso recorrerá à violência para adquirir o que o trabalho não lhe terá dado; ou então se queimará de inveja (55):

(47). — *Trabalhos*, 275. Ver G. Méautis, *L'actualité d'Hésiode* em *Revue Universitaire*, II (1929), pp. 325-328.

(48). — *Ibid.*, 320; 325-326.

(49). — *Ibid.*, 352.

(50). — *Ibid.*, 709-713.

(51). — H. T. Wade-Géry, *Hesiod* em *Phoenix*, IV, (1949), pp. 81-93.

(52). — *Trabalhos*, 11 e ss. Possuimos uma espécie de ilustração dessas duas Éris de Hesíodo num *pinax* do século VI. Ver D. M. Robinson, *An illustration of Hesiod on a block figured plate by the striae painter* em *American Journal of Archeology*, 1930, pp. 353-359.

(53). — *Trabalhos*, 287-288.

(54). — *Ibid.*, 302.

(55). — *Ibid.*, 366-367.

é uma calamidade desejar em silêncio o que não se tem.

E o poeta canta a felicidade do trabalho (56):

teu interêsse é trabalhar, e trabalhar com violência.

Eis aqui outros argumentos que o moralista acrescenta à sua tese:

*É por seus trabalhos que os homens se enriquecem
com rebanhos e ouro.*

e mais

*sòmente trabalhando, êles se tornam mil vêzes
mais caros aos Imortais (57).*

Esta riqueza dá mérito e glória, e sobretudo, “nada vale o prazer de encontrar tudo em sua casa” (58). Assim, um dia, o trabalhador não terá que dirigir ao seu coração cruéis censuras, e temer “a desesperança do cruel inverno” (59).

Todavia, o trabalho, o bom êxito que acompanha um longo trabalho, a economia feita lentamente,

*Se tu acumulas pouco e fazes isto frequentemente,
êste pouco poderá tornar-se muito (60),*

tudo isso não deve endurecer o coração do homem. Se deus dá a felicidade e a fortuna ao homem que o honra, pode acontecer que essa felicidade e essa fortuna sejam recusadas ou que o pobre seja oprimido pelo rico, homem poderoso que pode ser causa tanto de males como de bens para todos os seres. E a razão por que o rico não chegará

*a fazer opróbio a um homem de pobreza maldita
que corrói a alma: ela é um dom dos deuses sempre vivos! (61)*

E eis já o pobre revestido de uma dignidade religiosa. O poeta não se esquece de que seu pai fugiu da Ásia “diante da pobreza funesta que Zeus dá aos homens” (62). Não se esquece jamais do pedaço de terra que foi seu quinhão e que amou, porque é sua propriedade:

(56). — *Trabalhos*, 314 e 321.

(57). — *Ibid.*, 308-309.

(58). — *Ibid.*, 313; 365; 476.

(59). — *Ibid.*, 496 e 499.

(60). — *Ibid.*, 362.

(61). — *Ibid.*, 717-718.

(62). — *Ibid.*, 638.

*êles não sabem quanto a metade vale mais que o todo,
e nem que riqueza há na malva e no asfódelo (63).*

É também necessário conservar o comedimento (64):

Guarda a medida; o propósito é em tudo a qualidade suprema.

Sente só reprovação e desprezo pela preguiça, a preguiça que leva à miséria e à mendicidade. Talvez seja isso um reflexo do camponês que avalia as pessoas pelas suas geiras de terra. Mas o poeta não parece esquecer-se da pobreza paterna, pois essa pobreza não era o efeito da preguiça. Seu pai soube lutar, e, afinal, é essa luta o que há de essencial na vida; lutando, adquiriu os bens de que Hesíodo tira proveito, êsses bens que Perses apenas soube dissipar, porque, por sua vez, não soube lutar (65).

Provavelmente se há de achar egoísta essa moral que faz do indivíduo como que o centro do mundo, a razão de ser de todos os atos:

se falas mal de outrem, ouvirás pior sôbre ti (66).

e

Convida à tua mesa quem te ama (67).

É certo que o espírito prático de Hesíodo se orienta muito para a aquisição de bens, para a autodefesa de seus próprios interesses; não se trata, no entanto, de um hino à riqueza. O poeta verifica fatos; é uma moral prática o que tenta transmitir ao irmão. Vendo a vida tal qual ela é, demonstra por certas frases que nem sempre aprova a condição dada aos humanos. Não percebemos ao mesmo tempo a queixa e a resignação no verso:

O dinheiro é a vida dos pobres mortais (68)?

E também acha motivos mais elevados que o simples proveito ou egoísmo; conhece a alegria de dar:

*aquêle que dá de bom coração, ainda que dê muito
é feliz por dar, e nisso seu coração encontra alegria (69).*

Na amizade, deseja reflexão e interesse, mas também fidelidade e perdão das injúrias (70). Considera um crime o fato de esquecer o respeito devido aos órfãos e aos velhos (71):

(63). — *Trabalhos*, 40-41.

(64). — *Ibid.*, 694;720.

(65). — *Ibid.*, 630-641.

(66). — *Ibid.*, 721.

(67). — *Ibid.*, 342.

(68). — *Ibid.*, 686.

(69). — *Ibid.*, 357-358.

(70). — *Ibid.*, 707, 711-712, 713-714.

(71). — *Ibid.*, 330-332.

*o crime dêsse que se desvia a ponto de prejudicar os orfãos
é semelhante
ao de quem procura contendas com um pai idoso, no triste limiar
da velhice e o assalta com palavras brutais.*

É, aliás, um dos crimes de que se tornarão culpados os homens viciosos da raça futura (72).

Essa moral repousa também sôbre o respeito dos deuses. Nela já se acha ao mesmo tempo um amor do homem por si mesmo, do homem a quem o trabalho e a abundância dão a dignidade, e um amor de Deus, de um Deus protetor daquêle que cumpre fielmente sua obrigação.

Hesíodo, é, pois, em conclusão, o poeta piedoso por excelência: justiça, respeito à palavra dada, amor à concórdia e ao trabalho, tudo isso indica claramente um homem que tem o olhar fixo na divindade, e quer evitar tudo que pode feri-la. Assim, pois,

*feliz e afortunado aquêle que, sabendo tudo que se refere
aos dias, faz sua tarefa sem ofender os Imortais,
consultando os avisos celestes e evitando tôdo êrro (73).*

Há ainda um outro aspecto que se pode estudar na moral de Hesíodo, o da responsabilidade humana. É o homem plenamente responsável por seu destino (74). Sem dúvida ainda são os deuses que criam o Bem e o Mal, assim como as raças que êles criaram alternadamente, boas e más. De outro lado, Zeus desejou a decadência do homem (75), criatura de que afinal não precisa, que está longe dêle. Se os homens em nada podem alterar essa decadência intencional, pelo menos Zeus pensou em renunciar a sua cólera, ou então, utilizá-la para a glória do seu filho Herácles. Se perdoa ao Titânida Prometeu não pode continuar a impor sua cólera aos protegidos dêle. É o resultado a que chega o uso feito por Hesíodo de todo o cabedal religioso e poético que herdou. Daí por diante, o homem, tal qual êle o concebe, é livre de escolher entre o Bem e o Mal, entre o trabalho e a preguiça, entre a paz e a violência, entre o favor dos Deuses ou sua cólera. É êle mesmo que realiza sua vida como bem lhe parece, e o favor e desfavor divino são função dessa mesma decisão humana. Ainda aqui estamos longe do destino que cai pesadamente sôbre os heróis da *Ilíada*: a moral de Hesíodo é uma moral de responsabilidade e que se parece muito com aquela que encontramos na *Odisséia*.

(72). — *Trabalhos*, 190.

(73). — *Ibid.*, 826-828.

(74). — C. Salac, *Le mythe d'Hésiode sur les cinq générations*, em *Listv. Filologické*, XLIV, pp. 385-404.

(75). — *Teogonia*, 526-536; 551-552.

Porém, nesta última epopéia os heróis eram bons e máus; aqui vemos o homem na alternativa, diante de uma escolha que deve efetuar, escolha de grandes consequências, e que exige uma certa coragem. Em Hesíodo, como diz A. Croiset, “brilha o sentimento da dignidade humana e a altiva satisfação de ter ganho sua parte de felicidade à fôrça de inteligência e de vontade” (76).

Os *Trabalhos e Dias* são realmente a própria continuação da *Teogonia*. Esta era a síntese teológica, os *Trabalhos* são um compêndio de vida prática que, incessantemente, nos conduz à reflexão moral.

Essa liberdade do homem diante do bem e do mal, a escolha possível entre uma vida de preguiça ou uma existência de trabalho, entretanto, não aparece ao poeta como o bem supremo. Ele sonha com uma existência em que o homem não deveria mais trabalhar, em que poderia gozar em paz de todos os bens, quer adquiridos, quer recebidos dos deuses. Mas

*Os deuses esconderam dos homens os meios de vida.
Senão, sem esforço, trabalharias um dia
para recolher de que viver durante um ano, nada fazendo.
Logo, sôbre a lareira pendurarias o leme do navio:
e assim terminaria o trabalho dos bois e das mulas pacientes (77).*

E o poeta, que conhece tôda a tradição religiosa — ele é “o que sabe”, (78) — conta a gênese do homem. De fato, assistimos a uma verdadeira decadência. Das cinco raças que os deuses criaram, duas foram criadas pelos Imortais antes de Zeus, três devem a vida a Zeus. Ora, foi verdadeiramente, uma idade de ouro que tiveram os primeiros homens sob o reinado de Crono (79).

*Viviam como deuses, o coração livre de cuidados,
longe e ao abrigo das penas e das misérias.*

Os campos por si mesmos produziam inumeráveis bens, sem fadiga para o ser humano que, sempre jovem, passava a vida em festins,

(76). — A. Croiset, *op. cit.*, p. 507.

(77). — *Trabalhos*, 43-46.

(78). — *Ibid.*, 107. A. Salac *Le mythe de Prométhée et Pandore chez Hésiode* em *Listv. Filologicke*, XLIII, pp. 81-91, 190-204 mostra tudo o que é pessoal ao poeta, como ele transforma os mitos para dar-lhes um significado mais profundo. Por sua vez, A. Cavalli (*Reminiscenze Hesiodae nel libro di Daniele*, em *Ricerche Religiose*, 1931, pp. 558-560), pretende que o profeta Daniel teria haurido na mesma fonte religiosa de Hesíodo, quanto às cinco idades do mundo. Sôbre tôda essa tradição ver L. Séchan, *Le mythe de Prométhée*, Paris, 1951.

(79). — *Trabalhos*, 112-113.

sem conhecer nem a doença nem a velhice. A própria morte era-lhes como que um doce sono (80):

... *E a terrível*

Velhice sôbre eles não pesava; mas, braços e pernas sempre jovens, eles se divertiam em festins, longe de todos os males. Morrendo, pareciam cair no sono. Todos os bens eram seus; as colheitas, o solo fecundo as produzia por si mesmo, abundantes e generosas; e eles, na alegria e na paz, viviam de seus campos, no meio de bens sem conta.

Por que e como desapareceu essa raça? O poeta diz simplesmente: "Depois que o solo cobriu os desta raça". Todavia, parece que a raça de prata não foi a sequência lógica e normal dessa primeira raça. O desaparecimento da idade do ouro terá sido o resultado da luta que opôs Crono e os Titãs a Zeus e aos deuses do Olimpo? Existia, é certo, uma hostilidade dos deuses contra os homens. Hesíodo fala dos "tempos em que se resolvia a querela dos deuses e dos homens mortais em Mecône" (81). Qual foi a razão dessa querela? O poeta não a menciona, mas podemos suspeitá-la. Quando se deu êsse episódio, a luta dos deuses e dos Titãs já tivera como resultado a queda dos irmãos de Crono. Daí por diante, tudo que provém dêles deve ser suspeito a Zeus e seus companheiros. Ora, examinando bem os diversos textos que Hesíodo nos oferece, tanto na *Teogonia* como nos *Trabalhos*, parece-nos que Prometeu, o filho de Titã, foi o protetor do homem da idade de ouro (82). Eis a possível razão dessa hostilidade dos deuses contra os mortais. Nessa querela, Prometeu está presente e parece realmente representar os homens, defendendo seus interesses. E a atitude do Titânida vai provocar o enfraquecimento dessa raça tão privilegiada, e logo sua desapareição. Esta cronologia do mito é ainda corroborada pelo fato de que o poeta conta que a segunda raça foi criada pelos habitantes do Olimpo e a terceira por Zeus. Torna-se claro que a raça de prata nasceu durante o interregno que se seguiu à queda de Crono, antes que Zeus tivesse sido escolhido como senhor do Olimpo (83):

Depois, uma segunda raça, bem inferior, raça de prata, mais tarde foi criada pelos habitantes do Olimpo.

O primeiro crime de Prometeu, o filho do Titã, foi querer enganar Zeus, cujo poder ainda estava longe de se ter afirmado, oferecendo-lhe

(80). — *Trabalhos*, 109 e ss.

(81). — *Teogonia*, 535-536.

(82). — Deve-se comparar *Teogonia*, 521-617, *Trabalhos*, 48-100; 109-142. Ver ainda L. Robin, *op. cit.*, p. 24.

(83). — *Teogonia*, 881-885; *Trabalhos*, 127-128.

as partes inferiores do animal que acabava de matar (84). Êste primeiro ato enganoso resulta no primeiro castigo do homem (85):

*Zeus te ocultou a vida no dia em que, com a alma agastada,
viu-se enganado por Prometeu de pensamentos velhacos.
Desde êsse dia, aos homens inventou tristes cuidados.*

O castigo dessa primeira culpa será a perda do fogo que parece ser um dos novos atributos de Zeus: libertador dos filhos de Urano, os irmãos de Crono, o novo senhor do mundo recebeu deles o raio, o trovão e o relâmpago, instrumentos de sua futura vitória (86). Daí por diante, a essa raça "filha dos freixos, terrível e poderosa", Zeus não mais concede o fogo, fonte de todo o progresso na civilização (87):

Recusa-se a dirigir sôbre os freixos o impulso do fogo infatigável.

Por que essa vingança de Zeus sôbre os homens e não sôbre a pessoa do próprio Prometeu se o Titânida não tivesse já demonstrado um interesse particular pelos homens? Arremessando sôbre êstes o pêso de sua cólera, Zeus sabia que iria atingir no coração aquêle que o quisera enganar. Talvez Hesíodo já conhecesse a tradição que considerava Prometeu como o criador do gênero humano. Nesse caso, o deus teria feito recair o castigo sôbre os seus próprios filhos (88). Todavia, apesar dessa privação do fogo, por longos anos, o homem continuou a viver

*longe e ao abrigo das penas, da custosa fadiga,
Das doenças dolorosas, que aos homens trazem o trespasso (89).*

Mas, enquanto os homens da primeira raça, já mortos, se tornaram "bons gênios, guardiães dos mortais, distribuidores de riquezas", e isto pela vontade de Zeus, surgia uma nova raça, fruto do descomedimento; novamente entra em cena Prometeu que, dessa vez, desejando restituir aos humanos aquilo que seu primeiro êrro lhes havia feito perder, rouba

(84). — *Teogonia*, 537 e ss.

(85). — *Trabalhos*, 47-49.

(86). — *Teogonia*, 503-507.

(87). — Convém aproximar êstes dois textos, *Trabalhos*, 145 e *Teogonia*, 563:

ἐκ μελιᾶν δεινόν τε καὶ ὄβριμον ^e οὐκ ἐδίδου μελήσι πυρὸς μένος ἀκαμάτοιο.
Não sabemos qual o significado exato dessa menção dos freixos na tradição e no espírito do poeta.

(88). — Platão, *Protágoras*, 320-322. Ver J. Duchemin, *Le mythe de Prométhée*, em *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, 1952, fasc. 3, pp. 39-72.

(89). — *Trabalhos*, 90-92. Encontram-se na idade de ouro vestígios de uma dupla tradição, em vista das contradições que se verificam; tais contradições podem explicar-se como resultado das versões que Hesíodo tenta unificar. Ver G. Evelyn White, *The iron age in Hesiod*, em *Classical Review*, XXX (1916), p. 72.



I — O altar das Musas no Vale do Helicão.



II — “A colheita” — Vaso de steatite do Minoano médio III,
encontrado em Hagia — Triada.

do grande Zeus o fogo e o leva a terra, escondido no talo duma planta selvagem (90). Dá-se então o castigo de Prometeu e da segunda raça, quando aparece a mulher, criatura nova, de cuja formação participou todo o Olimpo. Instrumento da vingança de Zeus, ela é de fato o presente que todos os deuses fazem ao homem, Pandora. Exteriormente, é tôda beleza, graça. Hefesto, Atena, Afrodite e as Graças divinas deram à mulher tudo que tinham de melhor. O poeta, na *Teogonia* (91), pintara principalmente a beleza exterior e até mesmo artificial (92). Nos *Trabalhos* (93), descreve uma beleza real, como se o misógino de outrora, embora sem abandonar grande parte de suas primeiras prevenções, se tivesse tornado mais sensível ao encanto feminino (94).

Mas logo Afrodite transforma essa nóvel criatura numa possível fonte de males, conferindo-lhe o "doloroso destino, os cuidados que quebram os membros". E a obra do mal é completada por Hermes. Este coloca na mulher espírito impudente, coração cheio de artifício, mentiras, enganos (95). Zeus então doa ao homem êsse "mal tão belo" (96), de encantos infinitos. Mas como sabe que Prometeu desconfiará de tôda dádiva que lhe possa vir do senhor do Olimpo, cujos sentimentos a seu respeito conhece, Zeus entrega o presente ao irmão dêle, a Epimeteu (97). E assim êsse "infeliz" foi a origem da desgraça dos homens, não obstante o conselho dado por seu irmão de nada receber de Zeus. Como teria podido adivinhar tantos males nessa beldade? Era "armadilha profunda, sem saída" (98). Mas nesses nomes dados aos dois filhos de Titã há uma intenção filosófica, quer seja devida a Hesíodo quer a uma tradição anterior. Prometeu é o que sabe, Epimeteu, ao contrário, é a ignorância, a tolice com tôdas as suas consequências (99).

(90). — Aquilo que pode parecer fabuloso nesse transporte do fogo revelou-se de acôrdo com os costumes egeus. Ver P. Mazon, *Hésiode*, p. 88.

(91). — Ainda aqui se deve comparar *Teogonia*, 570-584, e *Trabalhos e Dias*, 69-82. Ver E. Schwartz, *Prometeus bei Hesiod*, em *Sitzungsberichte der Preussischen Akademie der Wissenschaften*, 1915, I, pp. 133-148.

(92). — *Teogonia*, 570-584.

(93). — *Trabalhos*, 60-76.

(94). — S. M. Adams vê no mito de Pandora uma transposição do papel da Terra, uma tentativa de dar a esta divindade um lugar no mundo divino do Olimpo. É evidente que no nome de Pandora podemos reconhecer a terra fecunda que dá nascimento a todos os seres. Era a concepção de C. Robert (*Pandora*, em *Hermes*, 1914, pp. 17-38), quando via em Pandora uma filha da Terra. Aqui, Hesíodo parece lutar contra essa interpretação e afirma que êsse nome significa "aquela que recebeu todos os dons de todos os deuses". Então ainda isso prova como os *Trabalhos* dependem da *Teogonia*, (*Hesiod's Pandora*, em *Classical Review*, XLVI (1932), pp. 193-196).

(95). — *Trabalhos*, 67-68; 77-78.

(96). — *Teogonia*, 585.

(97). — *Trabalhos*, 84-86; *Teogonia*, 511-514.

(98). — *Teogonia*, 589. Veja L. Séchan, *L'Eve grecque* em *Bulletin de l'Association G. Budé*, t. 23. (1929), pp. 3-36.

(99). — J. Duchemin, *op. cit.*, p. 40. Quis-se ver em Epimeteu uma invenção do poeta. Mas, já na *Teogonia* (511), Epimeteu é chamado o Desajeitado e tal menção, evidentemente, invoca uma tradição bem conhecida dos leitores.

Quanto aos resultados da aparição da mulher sôbre a terra, o poeta, na *Teogonia*, já os pintara como “obras de angústia” suscitadas por aquela “que não se acostuma com a pobreza odiosa, mas só com a abundância” (100). Nos *Trabalhos* revela como tais desgraças caíram sôbre os homens. Os deuses tinham escondido dos homens todos os males, encerrando-os em um pote de tampa larga. A curiosidade de Pandora os “dispersou pelo mundo”: tristezas, doenças, sofrimentos. “A terra está cheia de males, o mar também”, clama o poeta. No pote só fica Elpis, Elpis que, aos olhos do poeta é ainda um desses males encerrados pela divindade na jarra de Pandora. Esta Elpis não pode ser a Esperança. É verdade que os Antigos só raramente consideravam a Esperança como um bem salutar (101); no seu ver, ela não era mais que “uma ilusão que alimenta nossos vãos esforços”. Eurípedes a considera “um flagelo para os mortais” (102). Não pode ser essa Esperança que o poeta designa com o nome de Elpis, já que realmente ela se expandiu através do mundo, enquanto que a Elpis de Hesíodo, que é um mal, ficou no pote. Ademais, a Esperança só é um mal na medida em que é uma ilusão, ou, como diz Sófocles, engana nossos desejos temerários (103). Em conclusão, essa Esperança dá uma razão de ser à existência dos humanos. É, pois, de outra Elpis que fala Hesíodo, provavelmente aquela a que se refere Platão (104), a previsão conjectural do futuro; pois, a crer no filósofo, era um antigo sentido da palavra Elpis. Devemos, pois, com Waltz (105), interpretar Elpis como o conhecimento da desgraça futura, a preciência que é o picr dos males (106), o castigo supremo, e que Prometeu, de acôrdo com Êsquilo (107), ou Pandora, segundo Hesíodo,

(100). — *Teogonia*, 593; 601-602.

(101). — *Teognis*, v. 637-638: ἔλπις καὶ κίνδυνος ἐν ἀνθρώποισι ὁμοία· οὗτοι γὰρ χαλεποὶ δαίμονες ἀμφοτέρω.

(102). — *Suplicantes*, 479: ἔλπις γὰρ ἔν κἀκίστον, ἢ πολλὰς πόλεις συνῆψ', ἄγουσα θυμὸν εἰς ὑπερβολάς.

(103). — *Antígona*, 615: Ἄ γὰρ δὴ πολὺπλαγκτος ἔλπις πολλοῖς μὲν ὄνασις ἀνδρῶν, πολλοῖς δ' ἀπάτη κουφονόων ἐρώτων.

(104). — *Leis*, 644 c-d: πρὸς δὲ τούτων ἀμφοῖν αὐτὸ δόξας μελλόντων, οἷν κοινὸν μὲν ὄνομα ἔλπις, ἴδιον δὲ, φόβος μὲν ἢ πρὸ λύπης ἔλπις, θάρρος δὲ ἢ πρὸ τοῦ ἐναντίου.

(105). — P. Waltz, *A propos de l'Elpis hésiodique*, em *Revue des Études Grecques*, XXIII (1910), pp. 48-57, em resposta a um artigo de J. Girard, *Le mythe de Prométhée dans la poésie hésiodique*, em *Revue des Études Grecques*, XXII (1909), pp. 217-270. Girard considerava Elpis como um bem saído do cofre onde se encontravam misturados bens e males.

(106). — É a interpretação dada por H. Lebègue, *Annales de la Faculté de Bordeaux*, 1885, pp. 249-253. Ver também J. Girard, *Le sentiment religieux en Grèce*, p. 87, e P. Waltz, *op. cit.*, p. 57.

(107). — P. Waltz, *art. cit.*, nota que só os advinhos receberam o dom pouco invejável de ler o futuro, dom que só gera desencorajamento e visão das desgraças que estão por vir

poupou aos humanos. Estamos muito afastados da Esperança-Virtude; mas era exatamente êsse o conceito da Antiguidade (108).

O poeta propõe todo o problema do mal e apresenta sua solução. E ao ver o mundo tão miserável, não pode deixar de gritar tôda sua angústia (109).

Vemos agora quais foram essas duas raças, uma contemporânea do segundo crime do filho de Japeto, a outra, filha desta Pandora, fonte de todos os males. Eis a descrição feita pelo poeta da raça de prata (110).

*Êsses não se pareciam, nem no aspecto, nem no
espírito aos da raça de ouro.
A criança durante cem anos, ao lado de sua digna mãe, (111)
crescia a brincar com a alma pueril, em sua casa,
e quando, crescendo com a idade, atingia o termo da adolescência,
vivia pouco tempo e sofria mil desgraças
por sua loucura. Não sabiam abster-se entre si
dum louco descomedimento e aos Imortais recusavam
oferecer um culto, sacrificar aos santos altares dos Bemaventurados.*

Reconhecemos fãcilmente os filhos do Titânida que quis enganar Zeus. O deus puniu Prometeu e o poeta o aprova; mas seus filhos, por estarem solidários com êle, recusaram também oferecer o tributo de sua adoção, imitando a falta de comedimento do seu antepassado. Êsse descomedimento que revelam, foi herdado de Menito, "muito cheio de orgulho", de Prometeu, desembaraçado, sagaz, e também velhaco (112). O descomedimento e impiedade lhes causaram um rápido fim, semelhante ao dos Titânidas. Todos êles haviam conhecido um castigo, fruto de seu orgulho: Menito jazia no fundo do negro Êrebo, Atlas foi esmagado sob o pêso do vasto céu que suporta eternamente; Prometeu foi condenado a um medonho suplício. Os homens da segunda raça, por sua vez, foram sepultados sob a terra para se tornarem os Bem-aventurados dos Infernos (113).

*Então, Zeus, filho de Crono, sepultou-os, encolerizado,
porque não devotavam
homenagem aos deuses bem-aventurados, que possuem o Olimpo.*

(108). — F. Martinazzoli, *Lo sdoppiamento di alcuni concetti morali, in Esiodo e la Elpis, em Studi Italiani di Filologia Classica, XXI* (1946), pp. 11-22. Não é a concepção de K. von Fritz, *Pandora, Prometheus and the myth of the ages, em Review of Religion*, 1947, pp. 227-260.

(109). — *Trabalhos*, 101.

(110). — *Ibid.*, 129-136.

(111). — Sem querer dar a êsse texto uma lógica muito grande, é preciso assinalar que a mulher já existe nesse segunda raça, mas o poeta chama-a "digna". Trata-se de uma raça diversa daquela que Pandora vai gerar? De outro lado, o poeta diz: vivia pouco tempo", o que significa mais de cem anos. É interessante comparar com o texto da Gênese, VI, 3; "E Deus diz: Não morará meu espírito para sempre entre êsses homens que são carne, seus anos serão limitados a cento e vinte".

(112). — *Teogonia*, 510-512; *Trabalhos*, 135.

(113). — *Trabalhos*, 137-139.

Desde então, a decadência desaba sobre o mundo: a terceira raça é de guerreiros terríveis, que se matam reciprocamente. A descoberta do bronze só lhes traz miséria: não deixa nenhum nome sobre a terra. Eis a descrição que o poeta faz dos filhos de Epimeteu, o desastrado Titânida, e de Pandora (114):

..... *Êsses só pensavam
nos trabalhos lastimosos de Ares e nas obras
de descomedimento. Não comiam
pão; seu coração era como o aço rígido;
aterrorizavam; poderosa era sua força, invencíveis os braços
que se prendiam aos ombros, em seus corpos vigorosos.
De bronze eram suas armas, de bronze suas casas;
com bronze trabalhavam, pois o ferro negro não existia.
Sucumbiram sob seus próprios braços,
e partiram para a bolorenta morada do Hades que dá arrepios,
sem deixar nome sobre a terra. Por terríveis que fôssem, o negro
trespasso os apanhou, e abandonaram a luz brilhante (115).*

E a quinta raça, de ferro, aquela de que é contemporânea o poeta, é uma raça sofredora, que, todavia, em seus males encontra algum consolo. Foi para ela que Hesíodo escreveu seu poema, para dar-lhe uma norma de viver, diminuir seus sofrimentos e aumentar seus meios de gozar a vida.

Mas, pretendendo conciliar o mito de Pandora e o de Prometeu nos dois poemas hesiódicos, não devemos esquecer tudo que os opõe. Compreendem-se tôdas as divergências que podem existir entre as narrativas dos *Trabalhos* e a genealogia da *Teogonia*. No primeiro, não se trata mais de conciliar a origem do mundo com uma teologia. O poeta só conta êsses mitos para explicar a necessidade do trabalho, que é a consequência de uma lei divina. Ao trabalho ninguém pode escapar, demonstra o poeta, pois o mito de Prometeu indica que tal necessidade faz parte dos desígnios de Zeus (116): é a consequência, não da vingança dos deuses, mas da maldade dos homens.

O mito das raças nada mais é que a continuação do de Prometeu. Mostra aos homens o que os espera, se se entregarem, indivíduos ou povos, a êsse descomedimento, gerador de todos os males e de seu casti-

(114). — Convém aproximar êste texto da *Gênese*, VI, 2 e 4: “Os homens começaram a multiplicar-se e filhas nasceram. Os filhos de Deus vendo que as filhas dos homens eram bonitas tomaram para si como espôsas as que escolheram ... Pois, existiam gigantes sobre a terra nesses tempos e, depois disso, quando os filhos de Deus se uniram às filhas dos homens e tiveram filhos, êstes tornaram-se homens potentes que foram os heróis célebres da antiguidade”. A raça de bronze de Hesíodo parece ser o resultado da união dos Titânidas gigantes com a raça humana da qual se mostraram os protetores. Hesíodo é o interprete de toda uma tradição humana.

(115). — *Trabalhos*, 146-155.

(116). — *Ibid.*, 105.

go. Juventude, vida e justiça opõem-se, nesse mito, à velhice, morte e injustiça, acentuando bem a responsabilidade humana e, de certo modo, abordando o problema do além-túmulo (117).

Necessidade do trabalho, necessidade da justiça eis a lição dada pelas duas narrativas, ao mesmo tempo edificantes e explicativas. Ter-se-á notado que elas se completam mutuamente, e que é preciso também procurar na *Teogonia*, para encontrar certos pormenores. Não que haja forçosamente um progresso na concepção do poeta mas êsse é antes um elemento, um certo aspecto de sua arte. Hesíodo não se perde em pormenores desnecessários: de um mito só apresenta o que é necessário à sua narrativa, à sua demonstração (118).

Há, pois, ainda um pouco de otimismo no poeta, pois a justiça e o trabalho podem manter o homem na verdade. Êle pode reerguer-se moralmente. E até em certo momento pode surgir uma raça como a dos heróis, "mais justa, mais corajosa". Mas percebe-se que há algo de artificial: seria preciso criar um lugar para aquêles que foram cantados pelos aedos homéricos ou épicos, e que não podiam ser os herdeiros da raça de bronze! Aliás, o poeta não demonstra nenhuma simpatia especial por tais heróis: unicamente respeita a tradição. E como prova do caráter artificial dessa passagem, observemos que nenhum metal caracteriza essas gerações de homens, como caracterizam as outras raças (119).

Em conclusão, nosso poeta chega a uma concepção pessimista acerca do homem. Ao homem perfeito e feliz sucedeu o homem ímpio, depois o homem guerreiro das terceira e quarta idades; pois se tais heróis foram melhores que seus predecessores, êles se afirmaram através da guerra. A êsse mal moral corresponde um minoramento físico, que obriga ao trabalho árduo, à luta.

Assim, o homem vai de decadência em decadência. E o poeta prevê uma raça nova, sucedendo à sua, ou melhor, simples prolongamento dela, raça perversa, que desconhece até o temor do céu, sem respeito à velhice, nem ao juramento, sem consciência. Será o reino da fôrça, do crime, do descomedimento, da astúcia, da mentira e do ódio. E o poeta termina com estas palavras (120):

Só tristes sofrimentos ficarão para os mortais; contra o mal não haverá recursos.

(117). — Ver G. Broccia, *Giustizia e vita nel mito esiodeo delle cinque razze*, em *La Parola del Passato*, VI (1951), pp. 95-105.

(118). — Ler-se-á a tese contrária em E. Schwartz, *Prometheus bei Hesiod* em *Sitzungsbericht der Preuss. Akad. des Wissenschaften*, 1915, I, pp. 133 e ss. O autor observa uma espécie de transformação do mito de Prometeu em Hesíodo.

(119). — Deve-se notar que a cronologia do poeta condiz com uma certa realidade. A idade de ferro corresponde à época em que êste metal se expandiu através do mundo egeu, mais ou menos no século XIII. Os heróis são intermediários entre êsse período e a idade de bronze que nos aparece por volta de 2 500.

(120). — *Trabalhos*, 200-201.

É de se admirar que o poeta que por primeira vez introduziu na literatura a noção da justiça, da bondade, seja também aquêles que crê nessa decadência profunda do homem (121). Assim pois, para êle, o trabalho é como um castigo que sobreveio à queda do homem; e, por uma espécie de contradição interna, o poeta que parece visar a uma noção de progresso moral, já que deseja instaurar o reino da Justiça, não parece crer no progresso da humanidade, como se todos seus esforços não pudessem impedir o homem de ser carregado pelo seu próprio peso a caminho da perdição. Seria uma simples contradição do poeta que procura conciliar as diversas lendas? Não parece, porque se sente no poeta idealista uma certa angústia. Se tem fé em Zeus, nesse deus que “percebe tudo, que tudo sabe” e não ignora o que vale a justiça “que encerram os muros de uma cidade”, ao ver como vai o mundo, não pode deixar de exclamar (122):

*Oxála hoje eu cesse de ser um homem justo,
eu e meu filho; pois é mau ser
justo, se o injusto há de receber os favores da justiça!*

Eis a dúvida da alma justa diante da perfídia muitas vêzes vitoriosa. Todavia, o poeta tem fé em Deus:

*Mas custo a crer que tais coisas sejam
ratificadas pelo prudente Zeus.*

Em realidade, a história do mundo seria feita dessas quedas e renascimentos, correspondendo aos períodos em que o homem honra ou ignora a justiça (123). Essa concepção é admirável nesse camponês que não devia ter nenhum conhecimento da história anterior do mundo. Foi com certa razão que se considerou Hesíodo como o primeiro homem de ciência do mundo grego (124). Assim como êle a interpreta, a história do mundo é feita desses períodos de grandeza e de séculos de obscurantismo bárbaro; ora, é justamente isso que cada vês mais nos revelam os trabalhos dos arqueólogos. Mas o sábio, por assim dizer, se junta ao idealista em Hesíodo. Para êle, as alternativas de grandeza e de decadência são devidas à observância ou não-observância da idéia de justiça: é mais uma interpretação de teólogo que de historiador. Todavia, podemos perguntar-nos se, por detrás desses mitos, não se escondem

(121). — P. Schühl, *Essai sur la formation de la pensée grecque*, p. 147.

(122). — *Trabalhos*, 267-273.

(123). — P. Mazon, *Le Mythe des races*, em *Revue des Études Grecques*, XXVII (1914), p. LIV.

(124). — H. T. Wade-Géry, *Hesiod*, em *Phoenix*, III (1949), pp. 81-93.

dem lembranças de tempos remotos em que o Egeu gozava da paz total, de forma que a tradição religiosa (125) seria apenas o eco duma tradição histórica.

Será necessário apontar tudo quanto opõe o pessimismo de Hesíodo ao de Homero na *Iliada*? Para Homero, o homem é como que conduzido pelos deuses e o destino sem que, por sua piedade e virtude, possa absolutamente provocar ou modificar sua sorte. Em Hesíodo, ao contrário, o homem tem possibilidade de agir, de realizar uma escolha entre o bem e o mal, o justo e o injusto; senão, as exortações do poeta não teriam nenhum sentido. Mas a história do mundo assim como a experiência parecem provar que tudo atrai o homem para baixo, que é a muito custo que o homem caminha para o progresso e que muito frequentemente a injustiça triunfa a ponto de nos fazer duvidar de deus. Hesíodo parece ficar no meio entre o pessimismo da *Iliada* e o otimismo muito confiante da *Odisséia*, em que o crime é punido e a virtude sempre recompensada.

Um fato que toca tanto à teologia como à moral de Hesíodo é sua concepção do além-túmulo. Em sua obra, nada lembra a concepção homérica dos Infernos. Será ignorância da obra homérica? Talvez. Será ainda uma tomada de posição em sentido oposto? Isso também é possível. Seja como fôr, os homens, de acôrdo com suas obras, se tornam ora gênios imortais, ora gênios dos Infernos que os homens veneram, ou ainda vítimas do Hades que é a sombria morada da tradição, mas também um lugar de expiação. As ilhas dos Bem-aventurados da tradição sacerdotal aparecem como o único lugar de felicidade de que gozaram certos heróis e essa felicidade é aquela sonhada por qualquer camponês: uma tríplice colheita cada ano. De forma que um duplo castigo é reservado aos maus; uma pena terrestre, a desgraça, a pobreza, a mendicância, a peste, a guerra, a fome e, no outro mundo, uma sanção em que encontrarão a desgraça para todo o sempre. Todavia, o poeta não diz qual será a sorte reservada aos justos, nem se a imortalidade feliz lhes será conferida. É verdade que a religião oficial por si mesma não lhe fornece grande auxílio. Será preciso esperar os mistérios ou a expressão das crenças órficas — de que já se encontram certos vestígios em Hesíodo — para chegar a uma noção mais firme do além-túmulo. No entanto, a morte não é mais o sombrio lugar em que os homens continuam uma vida diminuída sem pensamento e sem fôrça. Eles conservam plena consciência e continuam a ter certa atividade, boa ou má, em contraposição com os vivos. Também isso indica uma evolução em relação a Homero.

Tôda a concepção dos deuses, da moral e da morte, mostra que, para Hesíodo, o homem goza de uma liberdade real e pode escolher por

(125). — O poeta conhece as tradições cretenses. Não é ao fértil país de Creta que Terra e Céu enviam Réia grávida de Zeus? (*Teogonia*, 477). Não foi em Creta que Zeus foi nutrido e cuidado? (*Ibid.*, 480).

si o bem e o mal; pode lutar com suas forças pela felicidade, sem estar prêso a um destino inalterável que o isentaria da responsabilidade: eis mais outro indício de um progresso do pensamento.

*O mundo grego
na época de
Hesíodo*

Outro aspecto interessante que descobrimos na obra de Hesíodo é o quadro que nos apresenta do mundo grego por volta do século VIII A. C. Nós já podemos conhecer um pouco essa época através da obra homérica, mas os fatos da vida contemporânea se encontram tão misturados com elementos heterogêneos que Homero tomou emprestado tanto das epopéias como das tradições anteriores, que é difícil separar exatamente o que convém à época homérica propriamente dita (126). Ademais, é um mundo completamente aristocrático, o da Ásia Menor, tal como aparece nesses poemas. A *Odisséia* faz-nos penetrar melhor na vida íntima dos pequenos príncipes feudais, cuja riqueza é inteiramente rural e freqüentemente bem humilde, e até no mundo camponês, com Eumeu e o vaqueiro. Mas os *Trabalhos e Dias*, contam-nos as preocupações do homem da terra, seus trabalhos, dificuldades, querelas familiares, relações sociais com a "cidade"; e com isso, descobre-se um mundo novo, principalmente se se pensar que se trata dêsse continente, onde há pouco terminou a Idade Média obscura provocada pelas invasões, e sôbre a qual estamos tão pouco documentados (127).

Que nos informa êssa obra sôbre a história geral dêsse tempo que viu, simultâneamente, o desenvolvimento das cidades jônias e eólias e o progresso rápido das cidades comerciantes da Eubéia e do istmo de Corinto, bem como a nova tendência do movimento de colonização a se dirigir do Oriente para o Ocidente? Deve-se notar, de início, que nem todos que outrora se haviam dirigido para a Ásia permaneceram nêsse continente. Êsses gregos, netos ou bisnetos de emigrantes, não se esqueceram de seu país de origem; basta algum incidente para levá-los de novo ao país dos antepassados. Ê o que faz o pai de Hesíodo (128):

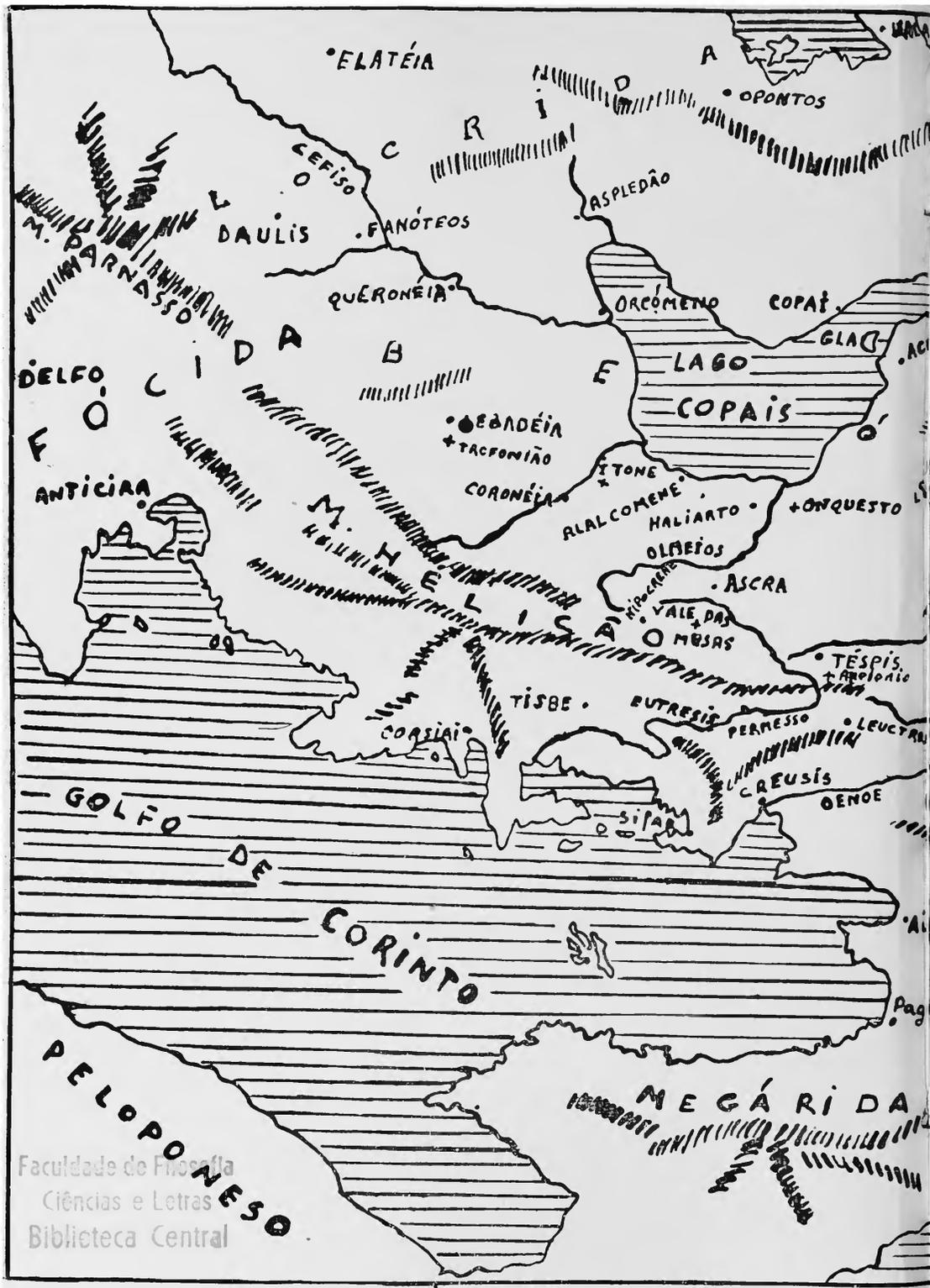
Êle

*navegava, a procura de uma vida mais fácil
e, um dia, chegou aqui, após ter atravessado uma
vasta extensão de ondas,
deixando atrás de si Cumas eólia, num navio negro.*

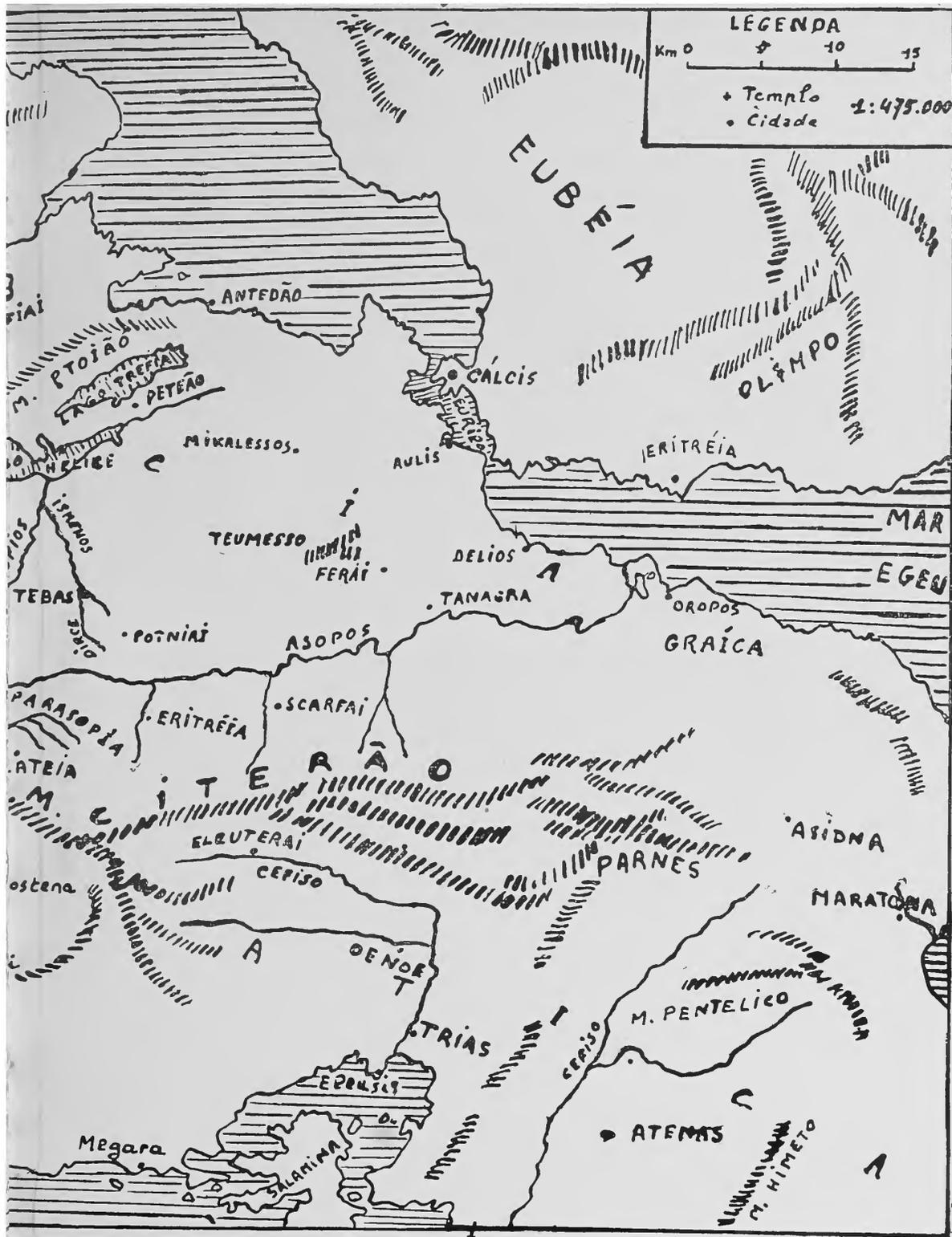
(126). — Convém citar, entretanto, o belo livro de E. Mireaux, *La vie quotidienne aux temps d'Homère*, Paris, 1954, que bem reconstitue tudo que podemos saber sôbre essa época, através de Homero, esclarecendo muitos pormenores e tornando cheio de vida aquilo que poderia parecer como devendo ser apenas um trabalho de arqueólogo.

(127). — A. R. Burn, *The world of Hesiod, a study of the Greek middle ages*, Londres, 1936.

(128). — *Trabalhos*, 635-640.



Faculdade de Filosofia
 Ciências e Letras
 Biblioteca Central



*Não fugia da opulência, da riqueza, da prosperidade,
mas sim da pobreza funesta, que Zeus dá aos homens.*

Nem todos conseguiram vencer na opulenta Ásia.

Que país encontrou esse homem que regressa à Beócia? Terra rude lhe foi concedida, provavelmente ao pé do Helicão; país “máu no inverno, duro no verão, jamais agradável” diz o poeta, que não parece ter amado muito o burgo maldito de Ascra. Esse burgo dependia da cidade de Téspis. E de novo, Hesíodo informa-nos sobre o governo desta pequena cidade: tinha uma assembléia de juizes-reis (129). Parece, pois, que o poder é menos aristocrático, que o princípio monárquico é menos forte nessa região do que na Ásia onde reinavam pequenas dinastias que pretendiam remontar pelo menos aos heróis da glória aquéia. Esses juizes-reis, Hesíodo no-os apresenta em plena ação, juizes que “sabem apaziguar as maiores querelas”, que “atraem os corações com palavras apaziguadoras”, e que fazem justiça com sentenças corretas” (130). Embora eleitos pelo povo, tais juizes não davam suas sentenças de acôrdo com leis estabelecidas, — ainda não havia chegado a hora — acôrdo com leis estabelecidas — ainda não havia chegado a hora — mas, de preferência, segundo sua tradição e sentimento pessoal do direito e da justiça.

Hesíodo parece muito afeiçoado a Téspis; na *Teogonia* canta aquela que — a arqueologia provou-o — era a protetora da cidade, a velha deusa Hécate (131). E se o poeta parece, às vèzes, odiar Ascra, não devemos, entretanto, esquecer os versos em que canta seu pequeno rincão, em que diz “que riqueza há na malva e no asfódelo” (132).

Foi lá também que êle ouviu as Musas a inspirá-lo. Pois, as artes não parecem totalmente esquecidas nessa Grécia continental. Hesíodo não é certamnte o único a compor versos. Concursos são organizados, tal como aquêle a que comparece na Eubéia, na cidade de Cálcis, onde obteve um prêmio. O poeta já disse quanto amava as Musas do Helicão (133). E isso nos prova que, apesar da pobreza das condições de vida e da rude veste que o poeta descreve rapidamente (134), existe entre esses camponêses um certo culto da beleza. Eles amam os belos cantos, respeitam os aedos, assim como adornam sua lareira com vasilhames, vestígios da velha indústria egéia (135). Podemos supor também que esses

(129). — *Teogonia*, 430-435.

(130). — *Teogonia*, 86-90.

(131). — *Ibid.*, 411 e ss. Ver Fr. Pfister, *Die Hekate-Episode in Hesiods Theogonie*, em *Philologus*, 74 (1928), pp. 1-9; M.L. Nilsson, *La Religion populaire dans la Grèce antique*, trad. do inglês, Paris, 1954, pp. 165 e 191.

(132). — *Trabalhos*, 40-41. De Ascra só nos resta uma paisagem triste e pouco confortável onde se ergue uma torre de vigia que, provavelmente, remonta à época clássica. Ver G. Roux, *Le Val des Muses*, etc., em *Bulletin de Correspondance hellénique* LXXVIII, (1954), p. 48.

(133). — *Trabalhos*, 650 e ss.

(134). — *Ibid.*, 391 e ss; 536 e 546.

(135). — *Ibid.*, 26, 600, 744, 748, etc.

camponêses estão habituados à poesia épica, conhecem-na, e que se essa poesia cavalheiresca está longe de satisfazer a todas as aspirações de sua alma, pelo menos lhes ensinou a pensar tanto nos problemas do mundo, da vida e dos deuses, como naqueles da vida quotidiana e da vida moral.

Quanto à vida campestre, vemos os camponêses que, durante todo o ano, ocupados com os trabalhos dos campos, se tornam, por um momento, navegadores. Nenhuma cabana, parece-nos, onde não seja a secar acima da lareira, o leme de um navio, onde não estejam arranjados aparelhos de navegação e velas, enquanto que, bem calçado com pedras, na margem, o navio espera a estação da navegação (136). Ela será breve; trata-se, provavelmente, de ir vender longe a colheita, o vinho ou o óleo do ano:

*Coloca aí, diz o poeta, tóda a carga,
e apressa-te em voltar ao teu lar o mais cedo que puderes.*

Mas êsse é apenas um lado da vida do camponês. Hesíodo, que não esqueceu a lição paterna, aconselha (137): ,

*Não ponhas todos os teus bens no fundo de um navio ôco;
deixa na terra a maior parte e embarca só a menor.*

Da vida campesina, o poeta fala sobretudo do tratamento da terra e das datas propícias. Não se trata de arboricultura, apicultura ou criação. O que deseja é ensinar um método de trabalho, talvez um método novo (138):

*Trabalho bem ordenado, dirá êle, é o primeiro dos bens
para os mortais; trabalho mal ordenado, o pior dos males.*

Pode-se suspeitar que o poeta encontrou, na Beócia, uma população rude, à qual sente necessidade de ensinar o progresso agrícola. Por que Hesíodo insiste na fabricação da carroça “com cem peças diversas”, e na escolha das madeiras que convêm para a construção da charrua (139)? Todos êsses conselhos revelam o velho camponês que conduziu, êle também, sua junta de bois através das lavouras e sabe a atenção que é preciso dar a tudo. Diversas vêzes, encontram-se nos *Trabalhos* descrições ou preceitos que parecem defender teses novas. Se o poeta insiste no fato de que as sementeiras, as lavouras e a colheita devem fazer-se com uma simples túnica, γυμνός, que o alqueive é uma

(136). — *Trabalhos*, 625-630.

(137). — *Ibid.*, 672-673; 689-690.

(138). — *Ibid.*, 471-472.

(139). — *Ibid.*, 425 e ss.

necessidade, — êle afasta os maledícios e acalma os gritos das crianças — é porque encara as operações da terra na seguinte ordem: na primavera, trabalhos dos alqueives, no verão segundo amanhã, em outubro as sementeiras — a terra ainda está leve — seguidas do trabalho de recobrir os grãos “quer a terra esteja sêca ou úmida” (140), diz o poeta; e a colheita será em julho. A terra repousa, pois, o ano inteiro, e só é semeada cada dois anos. O tom de Hesíodo indica suficientemente que não era êsse o método habitual, e que o poeta tem idéias avançadas no que concerne à agronomia.

O poeta insiste novamente, mais adiante, sôbre essa maneira de agir (141). Não é ainda outra vez o sinal de que faz uma indicação nova ao camponês beócio? A época das sementeiras deve situar-se antes do inverno, a estação das chuvas (142); mas o poeta ensina que há ainda uma esperança de boa colheita, embora alguém se tenha atrasado: é preciso que, no comêço da primavera, as chuvas sejam muito abundantes (143). Também acêrca da cultura da vinha, Hesíodo tem suas idéias. Antes da primavera é a época da poda, e insiste: τὴν φθάμενος

*precedendo a primavera cuida de podar as vinhas:
é o momento propício (144).*

E quando todos os trabalhos estão terminados: colheita, debulha, fenos, e o outono chegou,

*..... colhe e transporta para casa todos os cachos.
Expõe-nos ao sol dez dias e dez noites,
coloca-os à sombra mais cinco.
No sexto dia, tira-os e põe nos teus vasos
os dons de Dioniso, ricos de alegria (145).*

É uma técnica jônia, a dos vinhos de exportação (146).

Outras técnicas reclamam suas observações. Fala das vestimentas de inverno e interrompe-se para falar brevemente da maneira de urdir tecidos quentes: “sôbre uma corrente frouxa tece uma urdidura apertada” (147). São ainda os calçados forrados e o “impermeável” de couro (148).

(140). — *Trabalhos*, 460.

(141). — *Ibid.*, 391; 461-463.

(142). — *Ibid.*, 448-450.

(143). — *Ibid.*, 485 e ss.

(144). — *Ibid.*, 570.

(145). — *Ibid.*, 611-614.

(146). — E. Mireaux, *Les poèmes homériques et l'histoire grecque*, Paris, 1948, I, pp. 321-322.

(147). — *Trabalhos*, 538.

(148). — *Ibid.*, 541-546.

A precisão com que descreve a montagem do arado e a escolha das madeiras indica que ainda nesse particular o poeta menciona uma técnica que não é conhecida de todos (149). Pois o trabalho de carpintaria não é de qualquer um (150).

A mesma tendência científica que já constatamos na explicação do mundo, aqui também é reencontrada. Hesíodo adianta suas teorias sobre a maneira de conservar as terras, sobre a fabricação de objetos de primeira utilidade. É todo um progresso agrícola de que o poeta se apresenta como campeão. Intérprete dos deuses, nada repugna à sua inspiração.

Provavelmente, tudo isso pode parecer-nos primitivo. Para deixar repousar a terra, só se conhece o alqueive; um pequeno escravo, atrás do arado é que recobre com o enxadão o grão que ficou descoberto (151). Não se pode porém negar que, em todos êsses conselhos, há uma tentativa de sistematização, a que não falta intêresse.

Parece que o camponês beócio é um pequeno proprietário; pois a civilização continental, nessa parte da Hélade, não comporta grandes propriedades. Mas êsse camponês já evoluiu suficientemente: não é apenas o homem que vive de seus produtos. Exporta-os por si mesmo e além de camponês é um comerciante (152). Já há um progresso real em comparação com a época homérica (153).

Os *Trabalhos* também nos informam sobre as relações sociais dessa época. Note-se como o camponês tratava seus servidores, seus escravos ainda pouco numerosos nessa terra em que a influência egéia sempre foi sensível (154). Depois do trabalho, diz Hesíodo, "deixa teus escravos repousar os seus joelhos" (155).

Fala da alimentação que se deve dar aos criados que receberão "jantar de um pão de quatro cortes e oito porções" (156), e deseja

(149). — *Trabalhos*, 427-431.

(150). — *Ib'd.*, 456-457.

(151). — *Ibid.*, 469-471.

(152). — C. Paparostea, *La pensée épique de l'Hellade — Homère et Hésiode, expression de la Société et de la psychologie rurales*, em *Revista Clássica*, I, (1929), pp. 22-30. O autor opõe demais o mundo de Homero, da grande propriedade, ao de Hesíodo de pequenas propriedades rurais, a não ser que se entenda por mundo homérico o aqueu tal qual o imaginava Homero. Mas é possível que houvesse uma diferença enorme entre a concepção asiática e a do continente. Não se pode acompanhar bem o autor, quando pretende que tivesse havido passagem da grande propriedade à propriedade fragmentada na época de Hesíodo na Beócia (*L'évolution de la pensée grecque, Hésiode, la Théogonie* em *Revista Clássica*, 1929, pp. 115-123).

(153). — A. Traver, *The age of Hesiod, a study in economic history*, em *Classical Philology*, 1924, pp. 157-168.

(154). — Dois estudos sobre o trabalho em Hesíodo não puderam ser consultados: B. Bilinski, *L'antiquité à la manière d'Hésiode, Le travail dans la Grèce antique* em *Revue d'Archéologie*, II, (1948), pp. 31-104 e 486-489; e W. Klünger, *Le travail et la démocratie grecque dans Hésiode* em *Lyst. Filologick*, Prague, 1948 pp. 1-15.

(155). — *Trabalhos*, 608.

(156). — *Trabalhos*, 441-442. Ver interpretação de P. Waltz, *op. cit.*, pag. 26 3, oposta à de H. Ouvré, *Les formes littéraires de la pensée grecque*, p. 101.

que no inverno os homens recebam uma ração mais forte (157). Tal é o seu cuidado de justiça. Já se quis interpretar os *Trabalhos* como uma espécie de defesa da lei e da grandeza do trabalho, defesa necessária numa época em que os “trabalhos manuais começavam a parecer uma tarefa de escravos” (158). Daí a tentativa de opor essa concepção à da época homérica. Parece que há exagêro, principalmente se se pensar que o poema é escrito para camponeses duma região distante e pobre, onde tais novidades não podiam circular (159).

Ainda encontramos vários outros vestígios da vida do tempo de Hesíodo. São as cenas familiares da vida campesina: conselhos dados aos escravos pelo pai de família (160); a forja ou o “lucutório da cidade”, ponto de encontro dos desocupados, dos preguiçosos (161); o inverno em que tudo tiritita (162). Cenas típicas, quando vemos o rendeiro indigente pedir aos vizinhos o empréstimo de seus animais de carga, ou o mendigo, esmolar de porta em porta, acompanhado de sua miserável família (163).

Alguns conselhos dados por Hesíodo, notadamente no fim do poema, embora tenham caráter religioso, podem parecer uma espécie de lição de polidez, que o homem educado, chegado de uma Ásia em que os modos de agir estavam retocados de urbanidade, podia dar aos homens grosseiros com que vivia. São conselhos de higiene, decôro, hças maneiras nos lugares santos e na vida familiar. Se tudo isto se reveste de um caráter religioso é porque Hesíodo está sempre cõscio da onipresença divina e também porque essa ambiência confere mais valor aos seus conselhos. E não é um dos aspectos menos curiosos de sua obra, esclarecendo-nos não só sobre a mentalidade dos habitantes de Ascra como sobre a formação e as tendências de alma do poeta.

Há também outros aspectos sob os quais se poderia estudar esse poema. Voltemos ainda aos pormenores pessoais que o poeta nos dá sobre suas dificuldades com o irmão Perses. São reveladores de uma evolução do homem nessa região e nessa época.

A esperança que, na *Teogonia*, o poeta havia demonstrado acêrca da justiça de sua causa e da lealdade dos juizes ficara completamente desi-

(157). — *Trabalhos*, 559.

(158). — P. Waltz, *op. cit.*, p. 54.

(159). — Ver a êsse respeito A. Aymard, *Hiérarchie du travail et autarchie individuelle dans la Grèce archaïque* em *Revue d'Histoire de la Philosophie*, (Lille), 1943, pp. 124-146. Já se interpretaram também os duzentos e oitenta e cinco primeiros versos dos *Trabalhos* como um arrazoado contra a expropriação. P.B.R. Forbes, *Hesiod versus Perses*, em *Classical Review*, (1950), pp. 82-87. Mas se trata de uma expropriação ou de uma ordenança testamentária? De outro lado, historiadores vêem na época hesódica o início da pequena propriedade substituindo a dos grandes proprietários. M. P. Nilsson vê na superpopulação da Grécia nessa época a explicação de pobreza do camponês e o início duma emigração para as cidades (*La Religion populaire dans la Grèce antique*, tradução francesa, Paris, 1954, pp. 143-144).

(160). — *Trabalhos*, 503.

(161). — *Ibid.*, 493-494.

(162). — *Ibid.*, 512, 535.

(163). — *Ibid.*, 453-454; 399-400.

ludida: o irmão, protegido pelos reis-juizes, pilhou sua parte do patrimônio. E agora, de novo, Perses caiu na miséria. Ele é preguiçoso e, a trabalhar, prefere adquirir seus bens pela violência, pelos processos, encorajado, provavelmente, pelos favores de que gozou nos julgamentos precedentes. E o poeta aconselha-o a desviar dos bens de outrem seu espírito leviano (164). Tôdas as suas intrigas só o conduziram à ruína total, à fome (165), à vergonha que envolve o indigente (166), em fim — embora o poeta não aprove essa maneira de agir — à mendicidade (167). Assistimos aí a tôda uma cena de família. É para o irmão que o poeta compõe todo êsse poema: exorta o desgraçado Perses a trabalhar, a pagar suas dívidas, a pôr-se ao abrigo da fome (168). Mostra-lhe o que deve fazer um bom camponês: trabalhar, não deixar nada para o dia seguinte, não se poupar às fadigas, não contar com os outros (169). Hesíodo canta ainda a felicidade do campo, do rendeiro afortunado, daquele que pode viver dos produtos de seu próprio trabalho, dos produtos de sua terra. A todas essas dificuldades responde com um tom de exortação.

É também o tom da vingança que aparece nesse poema, quando o poeta se dirige àqueles que foram seus juizes como, algumas vêzes, a seu irrimão. É interesnte notar que não é unicamente a alternância de ira e conselhos que confere à obra uma certa desordem. Mas aparecem também contradições de pensamento no homem que, ao mesmo tempo, ama e detesta Ascrea (170), que ama a justiça e desespera de Zeus (171). Em realidade, nesse poeta que crê no trabalho e na justiça e que canta um e outra, houve dupla desilusão: seu irmão foi um preguiçoso e recorreu à violência, e os juizes negaram-lhe justiça; êste sofrimento provocou movimentos diversos. De um lado, o poeta verifica que os homens têm sempre esta tendência à violência; mas sabe também que o trabalho tem um papel apaziguador: êle pode dar a cada um o suficiente, a felicidade; há um certo papel moralizador no trabalho, o que não passou despercebido ao poeta. No fundo, Hesíodo ama sua terra: ela outorga-lhe a independência (172), e essa independência carinhosamente conquistada, não deseja perdê-la por causa do direito do mais forte. Em consequência, o trabalhador revolta-se contra os grandes que podem arrebatar-lhe de súbito o fruto de seu trabalho. Sem dúvida, a lei do mais forte é sempre um fato e o fraco prova-lhe a triste experiência. Mas Hesíodo

(164). — *Trabalhos*, 315.
 (165). — *Ibid.*, 299-300.
 (166). — *Ibid.*, 317-318.
 (167). — *Ibid.*, 399-402.
 (168). — *Ibid.*, 403-404.
 (169). — *Ibid.*, 452-455.
 (170). — *Ibid.*, 640.
 (171). — *Ibid.*, 270-273.
 (172). — *Ibid.*, 365; 475-476.

do decide erguer diante dela a do direito, aliás um direito divino: Zeus que estabeleceu a justiça para os deuses protege-a também entre os humanos. De tal maneira que, quando se encontram aves de rapina nestes reis dos quais se deveria esperar justiça, a sua voz se torne rude. É já uma poesia “engagée”.

Justamente porque tinha fé em seus juizes, Hesíodo teve os olhos abertos sobre a injustiça. Profundamente ferido nesse sentimento de justiça que nele é tão vivo, compreendeu que era a triste e eterna vocação dos fracos serem vítimas dos fortes. E ele se insurgiu contra isso, com toda a independência de quem espera da terra e de seu trabalho os meios de vida, com a independência que lhe confere também seu papel de inspirado: em sua arte não tem o meio de fazer pressão sobre os grandes? Homem religioso, Hesíodo julga contar com a proteção dos deuses. Tudo isso revela a energia do poeta. É uma figura de primeira importância na história da justiça social.

Há ainda que sublinhar na indignação do poeta uma espécie de apêlo ao seus ouvintes, em resumo, como que o nascimento da opinião pública (173). Não vamos, entretanto, acreditar que a indignação de Hesíodo chegue à revolta. Não é mais do que um primeiro passo nesse sentido. Pois, o que era já revolta contra os grandes em Homero, a personagem de Tersites, era ridicularizado pelo poeta épico. Aqui, ao contrário, o poeta incita os grandes à justiça, ameaçando-os, não com a cólera do povo, mas com a cólera de Zeus sobre eles e seus súditos, se não agirem de outro modo. Proclama sua independência, ele que ousa falar da injustiça da qual é vítima e, em voz alta, reclama uma era nova. Provavelmente, não tem outro meio de fazer triunfar a justiça; mas tem fé nesse triunfo, e isso o consola.

Por todos êsses motivos, o papel de Hesíodo é considerável. Diante da força, ele opõe, pela primeira vez, a moral fundada na justiça, o respeito à pessoa humana, levando ao homem essa esperança duma sociedade humana mais justa, mais feliz. É verdadeiramente o grande bem que sobrou para o homem: a esperança na Justiça divina e no seu trabalho.

É também o caráter do camponês do século VIII que transparece através desse poema. Rude vida, é certo, onde pouco tempo é roubado ao trabalho, salvo no verão quando a temperatura não permite mais nenhuma ocupação. Tudo depende, evidentemente, dos elementos, das estações, dos astros. O camponês também é naturalmente adorador

(173). — W. Jager diz: Power is held and culture is transmitted, by the landowning nobles. But the peasants have a life of their own, with considerable intellectual and legal independence. They are free agriculturists and cattle-rearers, living on the produce of their own labour: we do not hear of serfdom... Every day they assemble in the market-place or the *λέσχη* and discuss their public and private affairs. They are quite free in criticising the conduct of their fellows, and even of the noblemen. *Paideia, the ideals of greek culture*, trad. de G. Highet, Oxford, 1946, p. 58.

dêsses deuses populares, deuses da terra, do solo, que lhe concedem a abundância e a fertilidade. Mais do que ninguém, êle está em contacto com tôdas as crenças ou superstições populares cujo alvo principal é desviar a cólera dos deuses. E isso explica tôdas as prescrições do fim do poema, que podem fazer sorrir, mas que se encontram nos campos sob uma ou outra forma, com seu caráter religioso mais acentuado por Hesíodo (173a).

Êsse camponês é capaz de compreender a poesia de Hesíodo, pois é só para êle que o poeta escreve. Ê também um homem que já procura compreender as razões de suas crenças e o poeta, por sua vez, sente a necessidade de ordenar tais crenças para apresentá-las como um todo homogêneo; de outro lado, quer explicar a origem do mundo, do mal. Não se trata, pois, de um camponês ignorante. A vida da cidade ainda não atingiu um tal estado de complexidade que se desinteresse do camponês e o considere um cidadão de segunda importância, um ignorante.

Dessa vida campesina, de seus trabalhos o poeta mostra-nos as dificuldades, relata também as relações entre vizinhos, entre senhores e escravos, e ainda os processos que a terra sempre provocou. São também as alegrias, alegria do repouso, alegria da independência conquistada, da satisfação do bom trabalho, da espera de belas colheitas. De passagem, Hesíodo nos mostra os imprevidentes ou os preguiçosos, privados de tôdas essas alegrias. Sente-se todo o cuidado do camponês por seu trabalho, sua exatidão na ordem e no tempo de execução das tarefas e, igualmente, certa desconfiança que o impele a tomar m'ltas precauções contra os vizinhos, a preferir criadas de uma certa idade, uma empregada solteira; e essa mesma desconfiança o induz a ter um cão que impeça o ladrão de pilhar. Tudo é previsto, bem sentido; é o camponês eterno, e estamos longe de Homero. Ê o ambiente rural da Hélade que nos aparece com todo seu bom senso, sentido prático, espírito desperdoado para as realidades materiais enquanto, que ao contrário, Homero pintava uma civilização brilhante, mais requintada.

O próprio Homero da *Odisséia*, que nos apresenta uma sociedade de senhores rurais, só encara êsse mundo do ângulo do senhor. Um por-queiro como Eumeu informa-nos sobre as relações entre o senhor e o criado, mas não sobre o mundo camponês independente, que só aparece pela primeira vez na literatura com Hesíodo.

Êsse positivismo de Hesíodo transparece claramente em sua maneira de sonhar. Pois através de todo o poema, encontramos um sonho, mas tão prático! Ê o sonho de um mundo feliz onde o homem não teria mais que trabalhar. O sonho mais concreto de um camponês para quem o bem supremo é viver à larga do produto de seu trabalho,

(173a) — Ê suficiente para convencer-se dessa permanência do mundo camponês de tôdos os tempos, ler o livro de M. P. Nilsson, *La religion populaire dans le Grèce antique*, sobretudo pp. 178 e ss.

trabalho que, como homem inteligente, êle procura aperfeiçoar com métodos novos, sem nada entretanto recusar da experiência ancestral. Ê também o sonho de um homem que anseia ver instaurar-se mais justiça e que pensa desempenhar um papel na evolução a que aspira.

Os *Trabalhos*, e aliás também a *Teogonia*, indicam um progresso considerável do pensamento em relação à época homérica, ainda que tão próxima. Encontra-se de um lado uma organização teológica e também, na outra obra, uma explicação da necessidade do trabalho por meio de uma teoria sobre a origem do mal, com um ato de fé na melhoria do homem, apesar de todas as misérias humanas, graças à justiça. E é na Beócia, ao sair de um longo período de ignorância e trevas, que se vê repentinamente surgir essa expressão do homem da terra, que ama tanto o seu trabalho como a lógica.

Devemos ir além e interpretar a parte dos *Trabalhos* que fala de navegação como uma defesa instintiva do camponês contra o mar? O mar é o perigo; é, pois, o jôgo. Desgraçado de quem nele confia plenamente e nele envolve todos seus interesses. Ê o reflexo, talvez, do filho que sabe que a navegação não foi proveitosa a seu pai em Cimé, e que o trabalho da terra contém mais segurança. Não será também uma tomada de posição num problema de seu tempo? Sabemos pelos trabalhos sobre Homero e sua época que a *Odisséia* é por alguns críticos encarada como tendo sido escrita numa ocasião em que a navegação colonial da Ásia se voltava para o Ocidente. Ora, possivelmente, alguns espíritos se erguiam contra essa tendência. Hesíodo teria aparecido vinte ou trinta anos depois. O movimento tomou vulto, e nesse movimento para o Ocidente, tôdas as cidades do istmo tomam a dianteira. Como é que as populações da Beócia marítima não se sentiriam atraídas por êsse desconhecido? Não ouviriam, no íntimo, apesar do congratamento de raças que muitos séculos e as invasões haviam provocado, o apêlo do velho sangue egeu (174)? Não será para retê-los que o poeta lhes aponta os perigos do mar? Prudente, não irá todavia longe demais. O camponês que conserva perto da lareira a roda do leme e as redes contentará seu desejo hereditário indo vender a colheita nas grandes cidades do istmo. Isso deve bastar-lhe. A riqueza, deve adquirí-la permanecendo fiel à terra, à terra que o poeta canta tão bem.

Ê, pois, uma página completa da história do continente helênico do século VIII o que aqui se escreve.

(174). — Não se deve, entretanto, exagerar essa atração do mar sobre as populações do Egeu. Já não se observou que na população que habita as ilhas e a costa do Egeu, era extremamente reduzida a proporção de marinheiros? Ver Y. Chataigneau e J. Sion, *Géographie Universelle*, t. VII, 2a. parte, pp. 513, 561-563 (citado por G. Germain, *Genèse de l'Odyssée*, p. 617).

Seja qual fôr o tom de seriedade do poema, Hesíodo se revela em todos os momentos um observador da natureza em que vive. De início observa os céus como um bom camponês, para conhecer a época das diversas operações campestres: eis as Plêiades (175), Sírio, “que caminha pouco durante o dia e progride mais à noite” (176), mas que, no verão, “queima a cabeça e os joelhos e seca a pele” (177); eis ainda a Constelação de Arcturo que “sobe, radiosa, do meio das trevas” (178). Para significar que as Plêiades deixam o lugar às estrelas do Escudo de Orião, o poeta encontra esta fórmula:

*as Plêiades, fugindo diante da fôrça todo-poderosa
de Orião, caem no mar enevoadado (179).*

É realmente o homem que passou mais de uma noite ao ar livre, a vigiar seus rebanhos (180), a seguir no céu o curso das estrêlas, a admirar seu esplendor.

As estações? Os seres da natureza se encarregam de anunciá-las. Eis o grou que “lança do alto das nuvens seu apêlo”, é o “sinal das sementeiras” e o anúncio “da chegada do inverno chuvoso” (181). O grito do cuco nos ramos do carvalho anuncia, por sua vez, o fim do inverno (182), e, com a primavera, a andorinha “de gemido agudo se atira para a luz” (183).

Leiam-se êstes versos em que o poeta dá esta impressão pesada do verão (184):

*Quando floresce o cardo e quando a cigarra estridente,
empoleirada numa árvore, espalha a sonora canção,
com o bater apressado das asas, nos dias pesados do verão,
as cabras estão mais gordas, o vinho melhor,
as mulheres mais ardentes e os homens mais frouxos.*

Eis o inverno (185).

*..... Bóreas abate-se sôbre o vasto mar,
levanta-o com seu sôpro, enquanto mugem a terra e os bosques.*

(175). — *Trabalhos*, 383; 572.

(176). — *Ibid.*, 417.

(177). — *Ibid.*, 587.

(178). — *Ibid.*, 565.

(179). — *Ibid.*, 619-620.

(180). — *Teogonia*, 22 e ss.

(181). — *Trabalhos*, 449-450.

(182). — *Ibid.*, 486.

(183). — *Ibid.*, 568.

(184). — *Ibid.*, 582-586.

(185). — *Ibid.*, 507 e ss.

Consequentemente, é um verdadeiro sentimento da natureza que transparece através do poema, de uma natureza que o poeta conhece, ama por si mesma e pelo que representa para o camponês que êle não deixa de ser. É a primeira vez que se encontra êsse sentimento na literatura grega, e isso valia a pena notar-se (191).

Todavia, não nos iludamos; por detrás dêsse sentimento real, há sempre um fundamento prático. Se o poeta sabe ver e expressar tudo que há de belo, delicado num quadro da natureza, é incontestável que foi a necessidade de dar um conselho, de precisar uma obrigação do camponês que atraiu a sua atenção. "Hesíodo que vivia perto da natureza, e graças a ela, escreve P. Waltz, conheceu-a bem e, parece, amou-a realmente. Todos os seres provocam seu interêsse ou piedade; ao representar os males do inverno, não se esquece de apontar, ao lado dos sofrimentos humanos, os dos animais e até das árvores. As mais humildes manifestações da vida merecem ser observadas e admiradas: a cigarra que canta, o cardo que se espalha, o caracol que trepa ao longo das plantas celebram a chegada dos belos dias; a aranha e a formiga fornecem aos homens exemplos do trabalho; tais são os espetáculos que o poeta sabe discenir sôbre a terra; e, se ergue os olhos para o céu, é para seguir o vôo dos pássaros migradores ou para vigiar a volta da andorinha. E no entanto, a poesia de Hesíodo nada tem de idílico: jamais sua imaginação pode distraí-lo das preocupações práticas e de seu objetivo moral; tôdas as cenas da natureza contêm um ensinamento que êle se apressa em isolar. Ouvís o canto dos grou nas nuvens? Ponde-vos a trabalhar. A visão dos insetos vem lembrar-vos que o verão avança? Começai a ceifar. Virgílio que se gabava de seguir as pegadas de Hesíodo procurou fazer amar a vida dos campos pelo encanto de seus quadros rústicos. Seus contemporâneos, embotados ou atarefados, deviam encontrar nos campos um frescor desconhecido ou uma diversão para suas preocupações; uns e outros podiam neles gozar de seus repousos. Os *Trabalhos* são compostos com um espírito completamente diferente. Hesíodo que vivia numa região das mais pitorescas, no entanto, não tinha sequer o lazer de errar ao longo dos vales heliconianos, aspirando o aroma dos mirtos e dos loureiros-rosas, ou de se deixar embalar ao ruído monótono das cascatas. Atraem mais sua atenção e cativam seus olhos a beleza das colheitas que amadurecem ou o encanto duma vinha carregada de cachos de uva. Êle não nos permite esquecer por um só instante a dura exigência de nosso destino; longe de nos desviar da vida real, a natureza deve nos reconduzir incessantemente a ela; o amor que ela lhe inspira é sincero,

(191). — Uma tese contrária foi sustentada por L. A. Stella, *Esiodo poeta georgico?* em *La parola del Passato*, 1949, pp. 201-216. O autor julga que o sentimento da natureza e até mesmo a poesia do trabalho são mais o resultado do emprêgo de formas estereotipadas que de um amor real pela vida do campo.

mas não desinteressado; pois, se a observação da realidade exterior não servisse ao homem em sua tarefa, Hesíodo teria proscrito, como o fez Platão, uma contemplação sem proveito" (192).

Chegamos assim a julgar os processos do poeta e do artista. Eles são, evidentemente, diferentes, conforme a poesia seja descritiva, satírica, didática ou moral. Não são, evidentemente, os preceitos geográficos que podem prestar-se a uma alta poesia, se bem que, nós o vimos, o poeta se revele freqüentemente comovido, inspirado pelo espetáculo da natureza. E encontra o pormenor realista, pitoresco. Trata-se de mostrar o pobre camponês que não soube aproveitar o tempo favorável para trabalhar sua terra, e que só recolhe pouca coisa (193):

*Ceifarás de cócoras a pouca espiga que apanhar tua mão,
amarrarás num manajo, empoeirado, com o coração sem alegria,
e as levarás num cesto; e pouca gente, ao te ver, se há de admirar.*

Ao contrário, o poeta deseja sugerir que o camponês não deve perder tempo em conversas, dizendo (194):

*Passa sem te sentares perto da forja e do abrigo ensolarado
nos dias de inverno.*

E representa o indigente como aquêle que perdeu tempo:

*uma esperança pouco confortadora acompanha o indigente,
sentado no locutório da cidade.*

A sua imaginação prática rapidamente transforma em ação viva o dia que se levanta (195):

*A aurora que desponta e lança tanta gente
às estradas, e põe o jugo no pescoço de tantos bois;*

As próprias qualidades se revelam de maneira concreta: o empregado da fazenda (196)

(192). — P. Waltz, *op. cit.*, pp. 107-108.

(193). — *Trabalhos*, 480-482.

(194). — *Ibid.*, 493-494; 500-501.

(195). — *Ibid.*, 580-584.

(196). — *Ibid.*, 443-445.

*cuidadoso de sua tarefa emputra direito o arado
sem procurar com olhadelas os companheiros,
com todo o coração no seu serviço.*

Constantemente aparecem pequenos esboços, rápidos, tirados do vivo:

O vento que dobra em dois a espinha do velho (197).

ou ainda, no inverno, os homens

*cujo dorso é quebrado e cuja frente olha para o solo,
vagueiam, vergados, para escapar à neve branca (198).*

Gosta do detalhe preciso, poder-se-ia dizer técnico: tal o camponês “começando o trabalho e tendo nas mãos o cabo que termina a rabiça” e que toca “o dorso dos bois que puxam na forquilha o jugo” (199).

É um aspecto particular do talento do poeta encontrar imediatamente a expressão concreta. Descreve quase sempre uma ação que se desenrola: Ceifar é “afiar a foice” (200), cessar o trabalho com o dia é “desatrelar os bois” (201), enterrar o grão na terra é “com uma enxada prejudicar os pássaros, escondendo bem a semente” (202). A palavra precisa aparece onde é necessária (203):

*Puxa o navio à praia, cerca-o de todos os lados
com pedras que param o impulso dos ventos de sôpro úmido,
e retira o batoque, para que a chuva de Zeus não apodreça nada.
Coloca em tua casa todos os apetrechos
em ordem; dobra cuidadosamente as asas da nau marinha,
pendura o bom leme sôbre o fumeiro
e, tu, espera que volte a estação navegante.*

Note-se nestes versos que nenhuma palavra é supérflua, ainda a expressão ἀνέμων μένος ὑγρὸν ἀέντων é necessária ao sentido, e não tem nada do termo poético empregado pura e simplesmente por seu valor verbal. Só a palavra πτερά que designa as velas constitui imagem; todo o resto são ações concretas que terminam na imobilidade da espera. É uma cena completa que indica bem o talento descritivo do poeta, tão diverso do estilo épico, e que lhe é pessoal, original.

(197). — *Trabalhos*, 518.

(198). — *Ibid.*, 532-535.

(199). — *Ibid.*, 467-469.

(200). — *Ibid.*, 387.

(201). — *Ibid.*, 608.

(202). — *Ibid.*, 470-471.

(203). — *Ibid.*, 624-630.

Poucas descrições longas, percebe-se; algumas palavras evocadoras lhe bastam, como aquelas que fazem pensar nas longas operações da germinação:

“E que o grão sob o sôlo siga o seu destino” (204), ou ainda para significar que o grão será nesse ano abundante: “Vós tirareis de vossos potes as teias de aranha!” (205). São também imagens cheias de viço que contrastam com têrmos um tanto realistas. Note-se esta imagem da

*mocinha de pele delicada
que permanece no interior da casa, ao lado da sua terna mãe,
ainda ignorante dos trabalhos de Afrodite de ouro* (206).

Mas, finalmente o poeta não ama a descrição por si mesma; para êle, tudo é submisso ao desejo de instruir e de ser útil. Não se percebe nunca o poeta impelido pelo desejo de descrever, pelo prazer de narrar, ou pela música das palavras (207). Como o diz Waltz, “Hesíodo retira sistematicamente de suas narrativas e expressões tudo que não tende de maneira direta a uma finalidade exortativa ou didática” (208).

À maneira dos poetas épicos, Hesíodo emprega a imagem. Para evocar a desgraça daquele que confia todos os seus bens ao navio e perde tudo com êle, o poeta encontra esta metáfora (209):

*Seria terrível, por ter imposto a seu carro um fardo muito pesado,
ver, de súbito, o eixo quebrado e a carga perdida*

O preguiçoso

*mostra instintos do zangão sem dardo
que, recusando-se a trabalhar, o trabalho das abelhas perturba
devorando-o* (210).

Evidentemente, essas imagens são muito menos numerosas que em Homero. O assunto presta-se menos para isso e as imagens nem sempre são bem sucedidas, assim por exemplo aquela mão comparada “a um ramo de cinco galhos, sôbre o qual, com o ferro negro, se desprende o sêco do verde”, isto é, de que se cortam as unhas (211). Isso são algumas poucas escórias.

(204). — *Trabalhos*, 617.

(205). — *Ibid.*, 475.

(206). — *Ibid.*, 519-521.

(207). — P. Girard, *Le mythe de Pandore dans la poésie hésiodique* em *Revue de Études Grecques*, XXII (1909), pp. 217-230.

(208). — P. Waltz, *A propos de l'Elpis hésiodique* em *Revue des Études Grecques*, XXIII, (1910), p. 38-57.

(209). — *Trabalhos*, 692-693.

(210). — *Ibid.*, 303-306.

(211). — *Ibid.*, 742-743.

Os processos empregados pelo poeta são muito variados. Quer explicar a origem dos sofrimentos dos homens, surge o mito de Pandora, ao qual não se deve atribuir a mesma importância religiosa que tem quando aparece na *Teogonia*. Existe aqui um valor bem mais poético. O mito das Raças é uma espécie de explicação cosmogônica do mundo da qual o poeta reconhece o caráter "douto"; mas nem por isso é um processo menos poético, e Hesíodo aí encontra com a maior facilidade a inspiração épica. Os belos traços não faltam, tal como a morte dos humanos da terceira geração (212),

*a negra morte os levou,
por mais terríveis que fôssem, e abandonaram a brilhante luz do sol.*

E leia-se também a bela narrativa da criação da mulher pelos deuses do Olimpo . . . (213). O mesmo não acontece na descrição simultaneamente cômica e dramática de Zeus enganado por Prometeu e já saboreando sua vingança?

Noutras passagens o poeta cria, repentinamente, alegorias (214):

*Então, deixando pelo Olimpo a terra de largas estradas,
ocultando seus belos corpos com véus brancos,
Consciência e Vergonha, abandonando os homens
subirão até os Imortais.*

Ao descrever as violências de que é alvo a justiça, dirá (215):

*Juramento logo se apresenta, correndo sobre o rasto
da sentenças torcidas,
enquanto um clamor se eleva, o da Justiça,
arraçada para onde a levam
os comedores de presentes, que fazem justiça
à força de sentenças torcidas;
e ela os segue, chorando a cidade e as habitações dos homens,
que a baniram e dispensaram sem direito.*

Da mesma forma por que dá vida a tais alegorias, — e isso é tanto mais fácil pois, para Hesíodo, Justiça é uma deusa, filha querida de Zeus — o abstrato é concretizado; o descomedimento, por exemplo, de que diz (216):

(212). — *Trabalhos*, 154-155.

(213). — *Ibid.*, 59 e ss.

(214). — *Ibid.*, 197-200.

(215). — *Ibid.*, 219-224.

(216). — *Ibid.*, 214-216.

..... os grandes, até êles,
têm dificuldade em suportá-lo, e seu pêso os esmagá,
nos dias em que esbarram com desastres.

Enfim, o apólogo aparece pelo menos uma vez, sem que todavia, o poeta extraia a lição diretamente, mas com sentido transparente:

*Agora aos reis, embora sábios, contarei uma história.
Eis o que o gavião dizia ao rouxinol de pescoço pintado,
enquanto o carregava lá no alto, no meio das
nuvens em suas garras rapaces.*
*Êle, desgraçadamente, transpassado pelas garras aduncas,
gemia; e o gavião, brutalmente, lhe diz (217):*
*“Miserável, por que choras? Pertences ao mais forte que tu.
“Irás para onde eu te levar, por maravilhoso cantor que sejas,
“e de ti, à minha vontade, farei meu jantar ou te devolverei a
liberdade.*
*“Louco é o que resiste ao mais forte que êle.
“Não obtém a vitória, e à vergonha acrescenta o sofrimento”.*
Assim falou o gavião rápido que plana as asas abertas.

Essa imagem foi-lhe inspirada pela observação dos fatos da vida do campo. Mas o poeta sabe, através duma cena apanhada do vivo, pintar um quadro de costumes sociais. Adivinham-se até as ameaças que lhe fizeram para que não colocasse sua arte a serviço de idéias que podiam parecer subversivas duma ordem estabelecida, os conselhos de uma sabedoria que poderia parecer a verdadeira, e que consiste em não esbarrar com as potências do momento. Note-se tudo que aí pode haver de insultuoso aos reis, na comparação com as aves de rapina, e de belo na imagem do rouxinol-poeta.

Assim, pois, o apólogo que será empregado de maneira corrente no jambo por Arquíloco aqui se encontra em sua forma perfeita. Pareceria então que êsse processo, já antes do poeta de Paros, tivesse tido uso normal na poesia satírica, a menos que aqui já se encontre um vestígio da influência exercida pelo poeta satírico . . .

O poeta sabe, pois, servir-se de tons diferentes. Os conselhos que dá ao camponês poderiam ser cansativos. Já demos exemplos dêsses traços pitorescos, realistas que o poeta introduz sem cessar, intercalando ora um rápido idílio, ora uma descrição imaginada. Salientou-se, da descrição do inverno, aquela história do polvo que parece deslocada e cheia de ingenuidade, e que poderia ser o vestígio de um conto popular

(217). — *Trabalhos*, 202-212.

utilizado pelo poeta (218). Em outra passagem, em dois versos, é sugerida a miséria do pobre obrigado a solicitar um empréstimo e que se vê repellido (219):

*fácil é dizer: "Dá-me teus bois e teu arado",
mais fácil responder: "Meus bois têm a sua tarefa".*

A lição é rápida, extraída da linguagem corrente de todos os dias.

Mas a forma que caracteriza o mais das vezes o estilo de Hesíodo é a sua interpelação dirigida, em geral, ao irmão Perses, e que por vezes toma forma de uma adjuração (220):

*Vai, regulemos nossa querela por um destes julgamentos direitos...
Já recebeste bastante, no dia em que nós repartimos
nosso patrimônio.*

Ele se torna mais incisivo, como o irmão mais velho que repreende o pródigo (221):

*Vai, pensa em meu conselho,
resolve pagar tuas dívidas e põe-te ao abrigo da fome.*

Ou ainda, num quadro cheio de pitoresco, sobretudo quando se considera que Perses ainda não era casado (222), êle lhe diz:

*Trabalha, Perses, pobre tolo,
nos trabalhos que os deuses reservaram ao homem,
se não queres, um dia, com teus filhos e tua mulher,
o coração atormentado,
ir pedir a vida de vizinho em vizinho, sem que
nenhum deles te atenda (223).*

Sente-se no início desses versos uma certa ironia; esta se torna mais forte ainda (224):

*Trabalha, Perses, nobre filho, para que a fome te odeie,
cu ainda:*

(218). — *Trabalhos*, 525-528.
(219). — *Ibid.*, 453-454.
(220). — *Ibid.*, 35-37.
(221). — *Ibid.*, 403-404.
(222). — *Ibid.*, 695.
(223). — *Ibid.*, 397-400.
(224). — *Ibid.*, 299-300.

*Eu te falo como homem que quer teu bem, grande tolo, Perses;
da miséria ganha-se tanto quanto se quer . . .
e sem dificuldade (225).*

E a linguagem torna-se familiar:

A estrada é plana, e fica bem perto de nós.

O tom passa vingador e solene. Consideremos o apólogo de que falamos há pouco. Quanta ironia neste preambulo (226):

Agora, aos reis, embora sábios, eu contarei uma história.

Após alguns versos em que a descrição — embora rápida — é bem pitoresca, eis a violência de tom. O rouxinol-cantor é oprimido pelo gavião que pretende fazer dêle o que lhe aprouver; mas o tom logo se eleva: o poeta, tal como um novo Tirésias, aponta os males que ameaçam a cidade regida por tais soberanos, e assim designa os culpados à vingança popular; depois apela aos Deuses todo-poderosos, ao eterno Vidente, e as palavras se tornam rudes: loucura dos reis, opressão, obras perversas, funesto descomedimento. E é com uma certa autoridade que profere (227):

*Meditai nisto para regular vossa linguagem, ó reis
comedores de presentes e para sempre renunciái
às sentenças torcidas.*

Foi com justa razão que se comparou o tom do poeta ao dos profetas da Antiga Lei. Revela uma eloquência real que deseja ser convincente e a que não falta grandeza.

Já se viu que, se êsse tom é freqüentemente muito áspero nas invectivas, didático, e mesmo terra à terra nos conselhos, Hesíodo sabe, em um texto concentrado, abrir perspectivas grandiosas sôbre todo um mundo moral e humano; eis ainda outro elemento de sua arte. Assim o poeta é sensível ao pitoresco do traço que aponta, tal como o mendigo apanhado de surpresa pelo inverno e que “aperta seu pé inchado com a mão emagrecida” (228), ou o homem que, com os filhos e a mulher vai de porta em porta (229). Alhures, a chuva ameaça, e Hesíodo adverte ao camponês (230):

(225). — *Trabalhos*, 286-288.
(226). — *Ibid.*, 201 e ss.
(227). — *Ibid.*, 263-264.
(228). — *Ibid.*, 497.
(229). — *Ibid.*, 399-400.
(230). — *Ibid.*, 554-556.

*não esperes para pôr fim à tua obra e voltar a casa,
se não queres que uma nuvem negra caia do céu e te envolva,
molhando-te os membros, inundando tuas vestes.*

E também as confidências que o poeta nos transmite servem para modificar o tom, como que abrindo parenteses; ora fazem uma pausa, como a referência ao pai e à chegada à Beócia, no momento em que o poeta falava de navegação, ou quando, com o mesmo objetivo, narra seus sucessos literários; ora contribuem para dar às interpelações ao irmão uma feição completamente dramática.

Mas, a êsses traços pessoais, o poeta acrescenta elementos que são tirados da sabedoria devida à experiência. Numerosos versos são verdadeiros provérbios que agradam ao seu bom senso camponês, e que êle sabe que devem agradar, igualmente, ao seu auditório de senhores rurais. Nem é menos sensível, parece, à repetição intencional dos mesmos sons nesses adágios populares (231):

*καὶ δόμεν, ὅς κεν δῶ, καὶ μὴ δόμεν ὅς κεν μὴ δῶ,
δώρη μὲν τις ἔδωκεν, ἀδότη ὃ δ' οὐ τις ἔδωκεν.*

*Dá a quem dá, não dê a quem não dá.
Dá-se a um doador; a quem não é doador, ninguém nunca deu.*

A aliteração é um efeito frequente: acaso não é essencialmente popular?

Nesse acúmulo de sentenças às quais o poeta sabe dar uma forma colorida, atraente, não há verdadeiramente um raciocínio. É a voz da sabedoria popular. É um argumento que têm muito mais força porque é apresentado sob um aspecto tocante e rudimentar. É o sinal de uma época. Na epopéia homérica não se encontravam argumentos reais, afirmações sólidas, maciças. Aqui se pode notar um progresso. Se não há raciocínio, há a busca de uma explicação. É essa explicação é dada por meio de notas de bom senso devidas quer à observação, quer à experiência popular. A vida pública, as discussões sociais chegarão a pouco e pouca a dar estôfo à discussão, articular os argumentos.

Enfim, ainda que a composição de grandes trechos não seja de seu agrado, o poeta sabe tirar partido de trechos paralelos, correspondentes uns aos outros. Todos os textos em que pinta a felicidade do homem da primeira idade e o descomedimento dos da idade de ferro (232) o

(231). — *Trabalhos*, 354. Sobre as semelhanças entre a sabedoria hesiódica e os adágios populares primitivos, bíblicos e modernos, veja P. Waltz, *op. cit.*, p. 123, notas 3 e 4.

(232). — *Trabalhos*, 354. Sobre as semelhanças entre a sabedoria hesiódica e os adágios popula-

provam ou ainda quando opõe a recompensa dos povos justos ao castigo dos povos criminosos (233). Tudo isso revela uma arte consciente, que não ignora nenhuma de suas possibilidades.

É claro que Hesíodo é tributário da língua épica, da chamada língua de Homero. Tõda a língua da *Teogonia* descende diretamente da empregada provavelmente pela hinologia e os sacerdotes. Nota-se grande número de versos que parecem inspirar-se nos poemas homéricos. Basta comparar entre si os versos seguintes: *Iliada*, I, 70 e *Teogonia*, 32 e 38; *Odisséia*, VIII, 169 e ss. e os versos 83 e ss.: são retratos com têrmos idênticos. Outros versos hesiódicos são repetições de versos homéricos. Os versos 58-59 correspondem à *Odisséia*, X, 469-470; o verso 373 repete *Odisséia*, IV, 479 e a segunda parte do verso 705, o hemistíquio da *Odisséia*, XV, 357. Enfim, o verso 27 é uma transposição da *Odisséia*, XIX, 23. Provavelmente se notariam também numerosos versos idênticos em Hesíodo e nos poetas cíclicos se se conhecessem melhor êstes últimos. Asinalemos que o *Hino Homérico XXV* apresenta os mesmos versos 2-5 que a *Teogonia*, 94-97. Esta semelhança prova que se trata mais duma língua tradicional da poesia que de reminiscência do próprio Homero, sem que, todavia, se possa negar essa influência de maneira total. Pode-se, pois, afirmar que a língua da *Teogonia* descende diretamente da língua empregada pela hinologia e pelos sacerdotes.

Reconhece-se a mesma origem "homérica" nos *Trabalhos e Dias* em que alguns versos são retomados integralmente, tais como 317 e 318, um empréstimo ao mesmo tempo da *Iliada* e da *Odisséia* (234), ou o verso 53, que se compõe de dois pedaços da *Iliada*, XXIII, 482 e I, 511. É evidente que se trata de fórmulas épicas que serviram tanto a Homero como a Hesíodo na composição de tais versos. Outros versos de Hesíodo têm uma forma completamente tradicional:

fala e começa a rir o pai dos deuses e dos homens (235).
ou ainda:

Fala, e todos obedecem ao senhor Zeus, o filho de Crono (236).

(233). — *Trabalhos*, 225-247.

(234). — *Odisséia*, XVII, 347; *Iliada*, XVIII, 486. A. Severyns, *Homère, le poète et son oeuvre*, pp. 51-52, observou que, ao ler as diversas fórmulas chamadas homéricas, mas que pertencem simplesmente à tradição épica, se chega tanto a versos homéricos como hesiódicos; assim *Trabalhos*, 53 e 69. E isso demonstra como tõda essa poesia depende da tradição literária épica: o poeta sabe usar com pleno conhecimento as fórmulas que conhece de cõr.

(235). — *Trabalhos*, 59.

(236). — *Ibid.*, 69. Ver a êste respeito a edição Rzach; e P. Waltz, *op. cit.*, pp. 36-37.

Note-se que tais expressões como os epítetos "Ἡφαιστον περικλυτόν, χρυσέην Ἀφροδίτην, Ἀργεῖοφόντην" (237), aparecem particularmente nos textos míticos. E isso indica que o poeta está na dependência direta dos templos e de sua literatura. Notemos ainda que é sobretudo em fim de verso que se encontram as chamadas expressões "homéricas". São expressões feitas, conhecidas e de que o poeta se utiliza para terminar um verso, ἐπὶ χθονὶ φῦλ' ἀνθρώπων, ἀνέμοιο θνέλλη, Διὸς ὄμβρος (238). Mas em Hesíodo há um desejo real de adaptar à reflexão essa língua que é essencialmente da narração. Eis porque o estilo é nitidamente diverso nos trechos em que o poeta é apenas didático. Quando o pensamento é claramente diferente do dos poetas épicos, as semelhanças se tornam raras e são muito menos percebidas; é o caso dos *Trabalhos*.

O vocabulário de Hesíodo é também, o mais das vèzes, um vocabulário homérico. Mas o poeta procura a precisão e não se contenta com tomar empréstimos puramente formais. Assim é que emprega em sentido justo expressões a que a língua épica havia esvaziado o conteúdo (239): ζείδωρος ἄρουρα, o solo fecundo, εἰροπόκοι δ' οἶες, as ovelhas lanudas, φάος ἱερόν, a santa luz, ὄξέος ἠελίοιο, o sol agudo, etc.: freqüentemente inventa epítetos de natureza, à maneira homérica, e são epítetos desconhecidos por Homero, madeiras que não se aferroam ἀδηκτοάτη, ἀκιώτατος, o trabalhador que chega por último ao trabalho é chamado ὀψαρότης, a novilha que pasta nos bosques se torna ἰλόφαγος (240), o inverno torna-se a época dos dias matadores de bois, βουδόρα. Esta expressão βουδόρα foi também interpretada como um termo popular tirado do falar dos camponeses de Ascra transposto pelo poeta numa expressão poética (241). Ao contrário, freqüentemente, Hesíodo suprime os epítetos que encontrava na língua épica, quando são apenas um ornamento, sem significado real. Há, pois, em sua língua, algo de mais preciso, mais sóbrio — o que não impede que Hesíodo encontre um vocabulário figurado, como a palavra "torcido" que qualifica as sentenças injustas: σκολιῆσι δίκησιν (242), ou o verbo δύνωσιν que marca o desaparecimento dos astros no horizonte (243). O poeta não hesita em compor palavras metafóricas que obrigam o ouvinte a refletir para compreender a que êle se refere. Depois de ter chamado com um termo genérico os habitantes das florestas: ἰληκοῖται, êle precisa, κεραοὶ καὶ νήκεροι, com ou sem chifres. O ladrão é o que "dorme de dia": ἡμερόκοιτος, as noites são

(237). — *Trabalhos*, 60, 65, 68, 77, 84.

(238). — *Ibid.*, 90, 551, 626, 676.

(239). — Ver por exemplo os epítetos homéricos dos versos 117, 234, 237, 238, 339, 379, 414, 484, 532, 537, 565, 620, 622, 674, 692, 735 dos *Trabalhos*.

(240). — *Trabalhos*, 339, 420, 429, 435, 451, 490, 514, 516, 529, 567, 568, 581, 590 591 602.

(241). — Ver J. Herbillon, "Boudoros" em *Revue Belge de Philologie*, 1949, pp. 107-111. Ao lado dessas expressões se encontra, no verso 172, a respeito da colheita, um epíteto épico, mas pouco conveniente: μελιηδέα καρπόν

(242). — *Trabalhos*, 250.

(243). — *Ibid.*, 616.

as benfeitas: *εὐφρόνας*, o caracol é chamado “porta-casa”: *φερέοικος* (244). Há algo que tem sabor de língua popular. As alianças de palavras são inesperadas. Uma palavra da língua épica encontra-se colocada ao lado de um termo popular, evidentemente ignorado por Homero, e isso cria uma impressão original: reconhece-se a expressão e, apesar disso, ela é inteiramente nova. Evidentemente, haveria erro em querer comparar o estilo dos dois poetas. Homero tem mais grandeza, mais amplitude; Hesíodo limita-se às frases sentenciosas mas consegue, de maneira original, compor essas fórmulas que nos impressionam, utilizar os ditados populares e sabemos por alguns desenvolvimentos que ele sabe, quando quer, atingir amplitude e uma certa grandeza.

Por tudo isso, a língua de Hesíodo tem algo de mais moderno, que a diferencia consideravelmente da de Homero. E todavia, a língua empregada é o dialeto jônico e comporta mais eolismos que a de Homero. Isso pode resultar simplesmente da tradição manuscrita. E a questão reaparece, como para Homero: Hesíodo escreveu em língua eólica pura ou numa mistura de dialetos? Como para Homero, ainda é a esta última solução que devemos ater-nos. A tradição homérica, ou simplesmente épica e religiosa, parece ter imposto essa língua. Mas que houvesse mais eolismos que em Homero é muito possível, e a própria origem da família de Hesíodo devia impelir o poeta a êsse uso.

Todavia, pode causar espécie o fato de que o dialeto beócio não seja empregado quando se trata de falar a camponêses dessa região. É porque a única língua da poesia épica, naquela ocasião, era a da Iônia, a língua já tão misturada com elementos antigos, particularmente aqueus, e que encontramos nos poemas homéricos (245). Mas se aparece mais evoluida que em Homero, já que o poeta conhece numerosas contrações que a língua homérica desconhece, ou absolutamente não emprega, se ela ignora também numerosos arcaísmos de que se utilizava a língua épica, não se deve concluir que se trate de uma língua falada: é, ao contrário, uma língua ainda artificial. O emprêgo do digama por si só seria um sinal evidente dêsse fato, — pois, mais ainda que em Homero, há algo de disparatado — se não se levar em conta que tal emprêgo aqui como em Homero, está preso ao emprêgo de fórmulas feitas que remontam a uma época em que o digama tinha valor. A prova está em que o digama faz posição ou impede o hiato; ora, quando não se trata mais de expressões tradicionais, o poeta age como se tal letra estivesse totalmente enfraquecida (246). Enfim, numerosos eolismos nada têm que ver com a língua épica e devem resultar de empréstimos feitos pelo poeta de sua língua materna, aquela que herdara do pai, o cidadão de

(244). — *Trabalhos*, 524, 529, 560, 571, 778.

(245). — Ver o estudo da língua de Hesíodo, *Sulla lingua de Esiodo e sull'esametro dattilico*, em C. Galloveti e A. Ranconi, *La lingua Omerica*, Bari, 1948.

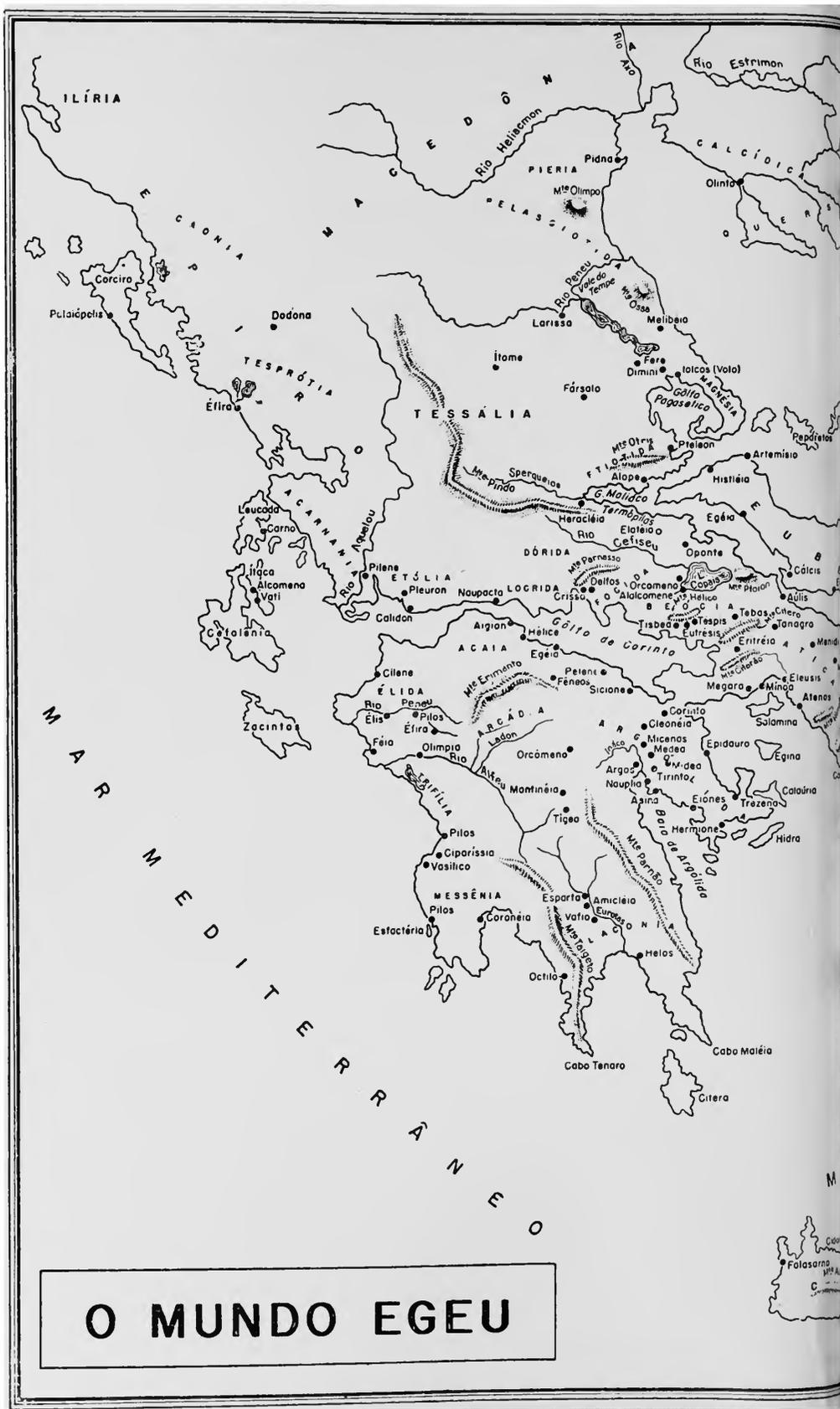
(246). — R. Aubreton, *Introdução a Homero*, pp. 67-72.

Cimé. Todavia, sabe-se que fatos que freqüentemente se nos apresentam nessa língua herdada da epopéia como eolismos, nada mais são que formas antigas, aquéias, que nos chegaram sob essa roupagem; assim, sempre será difícil distinguir o que o poeta deve à sua origem e o que lhe advém de sua formação poética.

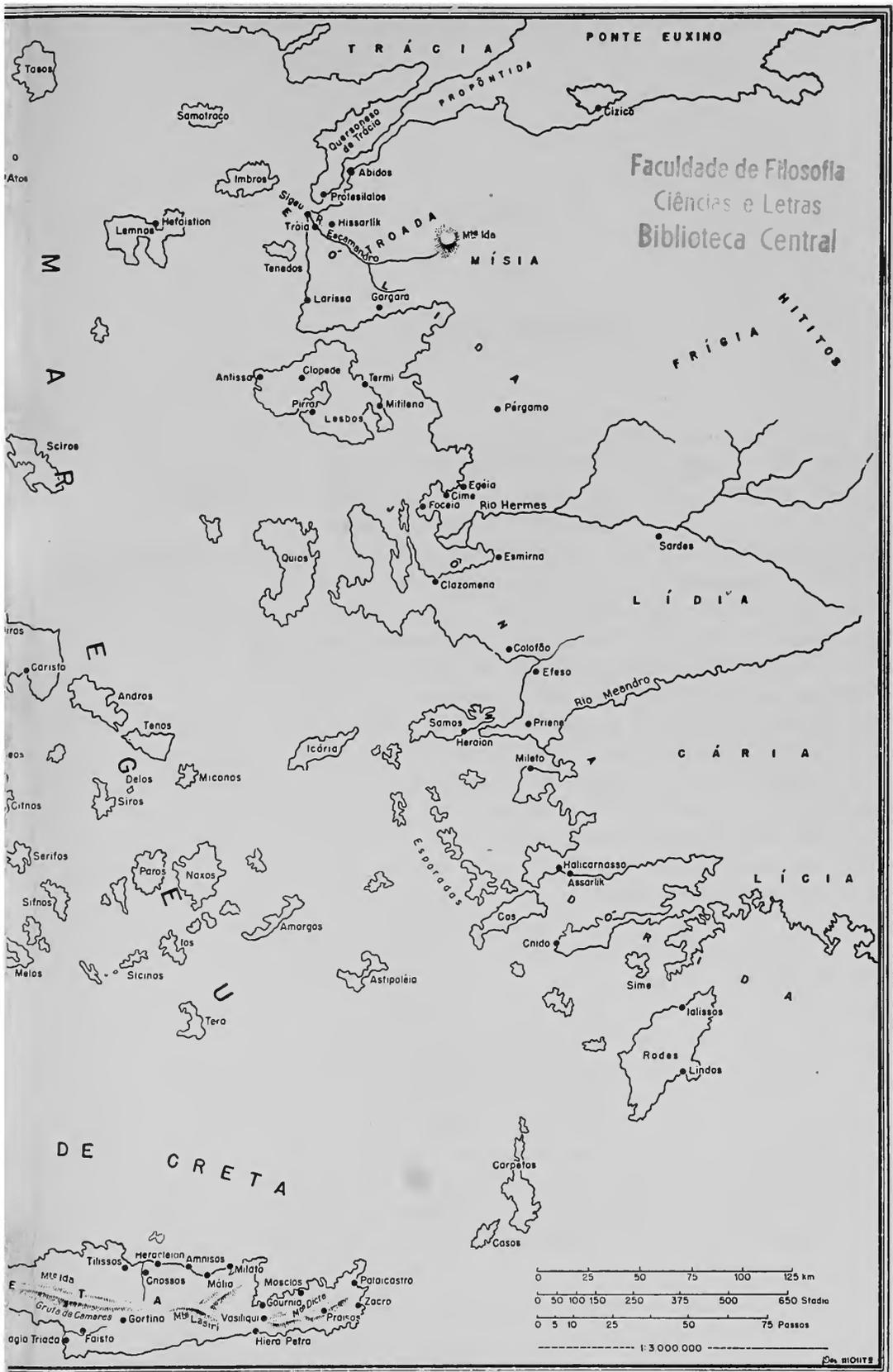
De outro lado, a presença de algumas formas dóricas se explica muito bem pelo fato de que esse gênero poético não tinha as mesmas razões que a epopéia para excluir o dialeto dórico: o assunto era neutro. Ademais, a influência dos dórios deveria ter-se feito sentir sobre as populações que tinham visto passar a onda invasora. Apontou-se, também, a influência da literatura cresmológica de Delfos sobre o nosso poeta, mas isso é mais do que duvidoso.

Acrescentemos, para concluir, que o hexâmetro datílico apresenta tôdas as características do verso homérico, ainda com mais regularidade (247).

(247). — Ver quanto ao estudo de hexâmetro dos *Trabalhos*, P. Waltz, op. cit., Cap. VI, pp. 191 e ss.; e também C. Gallavotti e A. Ranconi, op. cit..



O MUNDO EGEU



Faculdade de Filosofia
 Ciências e Letras
 Biblioteca Central

CAPÍTULO IV

O POETA HESÍODO

As fontes de Hesíodo É sempre difícil o problema das fontes, quando se trata de escritores que, para nós, aparecem como sendo os primeiros. Que podemos saber dos antecessores de Hesíodo?

Quanto à *Teogonia* parece evidente que as fontes são eminentemente sacerdotais. Mas nela não encontramos a concepção antropomórfica que Homero, e talvez outros aedos antes dêle, haviam divulgado. Ainda que a língua da *Teogonia* possa parecer homérica quanto à forma, seus epítetos e ainda mesmo na composição do verso, não há necessidade, já o dissemos, de conceber uma influência direta de Homero sobre Hesíodo. Basta que o poeta de Ascra tenha tido conhecimento das obras épicas anteriores. E isso é evidente no que concerne ao filho do colono de Cimé da Ásia, ainda que os camponeses de Ascra e os beócios de Téspis não tivessem tido contacto com a literatura da Grécia e da Ásia. Mas também isso é inaceitável, pois o emprêgo por Hesíodo de uma língua artificial feita essencialmente de eolismos e jonismos, tão distante da dos beócios, mas todavia compreendida por êles, prova que tal língua era a da poesia em geral, e, que mesmo em lugares tão recuados e perdidos o conhecimento dessa literatura se havia expandido.

Ademais há muitas divergências entre a posição religiosa de Hesíodo na *Teogonia* e a de Homero, para que se possa aceitar uma influência profunda dessa obra sobre a teologia de Hesíodo. Ao contrário, já chegou a ser considerada como uma reação ao pensamento de Homero. No entanto, como no poeta épico, sente-se em Hesíodo uma tendência a procurar uma explicação dos fatos, divinos e humanos. Mas, longe de voltar-se para o homem, como em Homero, a síntese hesiódica é essencialmente uma síntese divina. Assim, o poeta de Ascra participa, como Homero, da mesma tendência "científica", coordenadora e mesmo unitarista, dando a Zeus um papel essencial no mundo dos deuses. Mas, essa ten-

dência não é olímpica, como em Homero; ela está num estágio mais antigo, menos evoluído. Basta-lhe estabelecer entre os deuses laços de filiação, uma genealogia, de acôrdo com a velha tendência que se encontra entre os Indús e os Celtas, e que aparece tão freqüentemente nas narrativas homéricas. Aqui, podemos dizer que possuímos essa tendência em seu estado puro. Todavia, descobre-se um verdadeiro ensaio de racionalização nessa maneira de estabelecer uma filiação lógica entre as diversas divindades. Uma desordem de plano, algumas contradições provam que não foi uma obra fácil e que embora estando em estreita dependência com os tempos, o poeta realiza obra pessoal (1). Não é um empreendimento espantoso o tentar coordenar, unificar os mitos de tôdas as divindades, tais como cada hino narrava em sua honra?

Assim, pois, através da *Teogonia* adivinha-se uma literatura hínica, teogônica ou teológica, e talvez até órfica, se se pensar no papel que o poeta atribui ao Amor. “Não é portanto impossível, escreve P. Mazon, que Hesíodo tenha sido realmente o primeiro a fazer de um poema dêsse gênero um catálogo completo dos deuses da Grécia, e a substituir narrativas cosmogônicas ou epopéias à glória dêste ou daquêle deus por um repertório ordenado de tôdas as divindades, desde o comêço dos tempos até a época do poeta. Eis o que pode ter sido a verdadeira originalidade de Hesíodo. Nenhum documento, nenhum indício nos permite afirmar que a *Teogonia* hesiódica não fôsse o primeiro repertório dêsse gênero que a Grécia conheceu” (2).

Alguns hinos homéricos fornecem-nos exemplos desta literatura antiga, e Hesíodo parece ter intercalado um especimen na sua obra, hino de sua composição e sinal duma devoção particular. É o cantico a Hecate que vai do verso 411 a 452 da *Teogonia*. Teve necessidade de explicar o culto desta deusa, a única dos Titânidas a conservar o seu papel divino, a receber tais honras.

As fontes dos *Trabalhos e Dias* são por certo completamente diversas. Todavia há duas semelhanças bem nítidas com a *Teogonia*, naturais num poeta que, antes de compor uma obra moral, pensara em unificar os diversos hinos individuais que conhecia. De início, a concepção de Zeus, que se torna, por assim dizer, o deus único, de quem depende a evolução do mundo. Zeus é na verdade o deus universal. As outras divindades permanecem como divindades locais; o poeta parece quase ignorá-las com exceção de Deméter e Posidão. Além disso, na explicação do mundo que Hesíodo retoma nos *Trabalhos* com os mitos de Pandora e das cinco ida-

(1). — Th. Sinko, afirma que Hesíodo está na origem de numerosos nomes inventados por êle e aos quais, a seguir e graças a êle, os mitólogos e poetas deram uma vida particular, (*De nonnullis catologis ab Hesiodo inventis* em *Eos*, 1937, pp. 421-428).

(2). — P. Mazon, *Hesiodo*, p. 22.

des, encontramos a mesma preocupação e a mesma inspiração teogônica da *Teogonia*. O poeta somente parece precisar o pensamento, depois de ter recolhido sobre o assunto tradições mais claras, e também porque se tratava não mais de dar razões do castigo de Prometeu, mas principalmente de explicar a origem do mal no mundo, portanto, a necessidade da Luta e do Trabalho. É uma arte que se resente tanto de toda a literatura religiosa, sacerdotal, hínica do passado, dessa arte jônica da Ásia Menor que o poeta leva ao continente, como das tendências filosóficas da Jônia que vão dentro em pouco tentar uma explicação do mundo.

Na *Teogonia*, também já se encontra a tendência do autor a falar de si mesmo, de seus negócios de família; e isto a seguir há de desenvolver-se cada vez mais, na segunda obra do poeta. Foi ele o iniciador desse movimento literário? Ou devemos suspeitar uma tendência já estabelecida, pois que essa inspiração pessoal se encontra também posteriormente, na obra de Arquíloco, e talvez no *Margites* atribuído a Homero?

Mas, nos *Trabalhos*, o poeta parece ter apelado ainda a uma literatura completamente diversa, literatura popular, que é expressão de uma sabedoria prática. Já existiam, como haverá em grande número mais tarde, desde os Pisistrátidas, coleções de provérbios que são tanto aforismos em que o bom senso popular é resumido, como observações sobre o momento propício aos diversos trabalhos manuais? Pode-se pensar que os *Trabalhos* retomam muitas dessas sentenças, quer o poeta as tenha adotado em conjunto, unindo-as como podia umas às outras, — e isso não era fácil — quer nelas se tenha inspirado, para resumí-las em fórmulas atraentes e que têm permanência (3). Ainda literatura popular que pôde inspirar-se nas cantilenas compostas para excitar o trabalhador a executar os gestos que convêm ao seu trabalho no tempo desejado. Já se quis também ver nos *Trabalhos* o vestígio da literatura cresmológica que muito se deve ter desenvolvido desde os tempos mais antigos. O oráculo desempenha um papel importante, e os lugares em que os deuses são invocados são inúmeros. Observou-se que certo número de sentenças hesiódicas podia aproximar-se de respostas oraculares (4).

Se se acrescentar que os recentes trabalhos sobre a literatura oriental que nos impeliram a comparações entre as obras do oriente e as obras clássicas nos dão a conhecer tradições idênticas às referidas por Hesíodo, ter-se-á feito a soma das influências, que se podem discernir nessa obra (5). É principalmente na *Teogonia* que se descobrem fontes comuns com o mundo de Leste. Toda uma tradição babilônica teria sido

(3). — Ver A. Hoekstra, *Hésiode, Les Travaux et les Jours, l'élément proverbial et son adaptation*, em *Mnémosyne*, 1950, pp. 89-114.

(4). — P. Waltz, *op. cit.*, pp. 13-15.

(5). — Sobre as origens orientais da *Teogonia*, ver F. Dornseff, *Hesiods Werke und Tage und das alte Morgenland*, em *Philologus*, 1934, pp. 397-415, et *Altorientalisches in Hesiods Theogonie*, em *Antiquité classique*, 1937, pp. 231-258. Também R. Cantarella, *Elementi primitivi nella poesia Esiodica*, em *Revista Indo-greco-italica di filologia*, 1931, pp. 105-149.

transmitida ao mundo grego através da literatura hitita e da epopéia de Kumarbi. Citemos, de acôrdo com G. Germain, a castração de Ami por Kumarbi que se deve aproximar da de Urano (6); os filhos nascidos da semente divina caída sôbre a terra em que se pode reconhecer o nascimento de Afrodite; Kumarbi devorando seus próprios filhos e engulindo, como Crono, pedras. Por fim, a luta dos deuses do Olimpo e dos Titãs da *Teogonia* aproxima-se da do deus da Tempestade, com a Terra de obscuridade, os Rios e as Montanhas das lendas orientais (7). Todavia, a lenda grega aparece já como o resultado de uma transformação intelectual, e a tradição da qual usou Hesíodo deve ser muito mais próxima do fundo primitivo. Compreende-se, lendo a *Teogonia*, que os deuses são apenas, na origem, criaturas de Urano e da Terra, e não existe nenhuma diferença de natureza entre os Titãs, os Ciclopes, os Cem-Braços e Crono com tôda a sua descendência. Todos são gigantes, do mesmo sangue, da mesma fôrça; pode-se percebê-lo no episódio em que Prometeu deseja enganar Zeus. Esse homenageia a ciência do Titanida: "Filho de Japeto, que tem mais conhecimento do que ninguém no mundo" (8). Aparece também na luta que o Crônida deve sustentar com seus irmãos contra seus tios, os Titãs, e em que precisa, para vencê-los, dos Cem-Braços, os quais também pertencem à primeira geração. Em tudo isso, pode-se ver a lembrança divinizada dêsses homens das primeiras idades, de suas lutas, de suas vitórias e talvez também da vitória de Zeus, que conquistou a primazia pela sua inteligência, invenções, armas excepcionais. Pois, não é assim que é preciso interpretar o poder que lhe conferem o raio, o trovão, o relampago? (9) É com o crime de Cronos contra seu pai que aparece sôbre a terra a Morte, a Dôr, a Vingança e todos os males (10). Sentem-se as fontes primitivas de que o poeta hauriu.

Quaisquer que sejam os empréstimos que o poeta pôde fazer de tradições longínquas, pode-se fazer o cálculo do que persiste profundamente como sua obra original, principalmente nos *Trabalhos*, tanto no

-
- (6). — G. Germain, *op. cit.*, p. 455. O texto dessa epopéia foi publicado por Guterbock, *Des Kumarbi Mythos*, e a semelhança com a obra de Hesíodo estudada por R. D. Barnett, *The epic of Kumarbi and the Theogony of Hesiod*, em *Journal of Hellenic Studies*, LXII (1945), pp. 100-101. Salientaram-se igualmente nos preceitos que parecem esparsos através dos versos 727-765 sobrevivências de usos muito antigos e próprios da cultura mediterrânea. Aliás são encontrados até na literatura hindú. Ver V. Pisoni, *Dalle stelle alle stalle*, em *Rheinisches Museum für Philologie*, 1938, p. 96. 239-246 e L. Rademacher, em *Rheinisches Museum für Philologie*, 1938, p. 96.
- (7). — R. Dussaud, interpreta êsse episódio como uma herança dos mitos uritos e fenícios (*Les antécédents orientaux de la Théogonie d'Hésiode* em *Mélanges Grégoire*, I, pp. 227-231. Sôbre a castração de Kumarbi, veja ainda P. D. Barrett, *op. cit.*
- (8). — *Teogonia*, 559.
- (9). — *Ibid.*, 501-506.
- (10). — É tentador aproximar a era dos primeiros seres à idade de Ouro da qual fala Hesíodo nos *Trabalhos*. Notar-se-á que o poeta não dá nenhuma informação sôbre a criação do homem, mas êste existia já anteriormente às lutas dos Titãs e de Zeus, e dessas lutas os homens participaram ao lado dos Titãs, pois que Hesíodo diz: Foi no tempo em que se resolvia a querela dos deuses e dos *homens mortais*, *Teogonia*, 535-536.

domínio do pensamento como no da expressão (11). Exortação pessoal, busca de explicação para as necessidades sociais, alta concepção do papel da divindade, apêlo à opinião pública contra os poderosos, esperança na justiça tanto no mundo íntimo como no domínio social, em tudo isso encontramos a forte personalidade de Hesíodo. Ele soube, partindo de suas querelas pessoais, elevar-se às grandes idéias gerais numa linguagem que se apega profundamente ao passado assim como às tradições populares (12).

Não mais ousaremos dizer com os críticos do *Data e vida de Hesíodo* século XIX “que se nota, na *Teogonia*, uma ingenuidade de crença e de concepção que não permite supor que essa notável tentativa de síntese tenha sido composta depois da metade do século VII” (13). Já dissemos que se devia pensar acêrca da ingenuidade dos poemas dêsse período (14). Nos poemas hesiódicos, entretanto, nada nos permite atribuir-lhes uma data precisa. Heródoto faz Hesíodo viver quatrocentos anos antes de sua época, ou seja por volta de 850; Apolodoro atribue-lhe como datas 846-777; a *Souda* como o mármore de Paros aponta 808. É a opinião adotada por alguns modernos como Bergk, Croiset, enquanto que Beltrami opta pela data de 750 e Christ por 700 (15). Certo é que as reminiscências de Hesíodo são abundantes em Solão, Teógnis; Semônides de Amorgos apresenta em suas poesias várias passagens inspiradas em nosso poeta (16). Hesíodo foi, pois, popular desde o século VII. Ademais, podemos muito bem considerar as reminiscências homéricas da língua de Hesíodo como consequências duma língua tradicional do gênero épico, da qual o poeta da *Teogonia* e dos *Trabalhos* teria herdado. Algumas tomadas de posição contrárias às de Homero atestam que o poeta de Ascra conhecia o poeta asiático (17). E como se poderia ter dado o contrário, se se pensar na proximidade de Esmirna, Quios, Mitilene e da cidade de que provém a família de Hesíodo? Convém, pois, considerá-lo como um poeta pelo menos ligeiramente posterior ao poeta épico.

-
- (11). — É possível, por exemplo, que a modificação feita no mito de Pandora seja obra do poeta, assim como a atribuição das desgraças dos mortais às mulheres. Essa lenda, muito antiga, tinha outra forma na mais longínqua antiguidade, e Homero conheceu a lenda em que se mencionavam dois vasos e não um só. Ver Ch. Picard, *Le péché de Pandora*, em *Acropole*, Belles Lettres, 1932, pp. 37-39.
- (12). — A. Zacharov, *Hésiode et les Travaux et les Jours*, em *Recueil Guebelev*, pp. 118-142, trabalho que só conhecemos através duma resenha.
- (13). — A. e M. Croiset, *op. cit.*, I, p. 557.
- (14). — R. Aubreton, *Introdução a Homero*, p. 116-118; 147-151; 155-156; 258-259.
- (15). — T. W. Allen, *op. cit.*, admite as datas dadas por Apolodoro, isto é 846-777. R. Eisler, *Metallurgical anthropology in Hesiod and Plato and the date of Phoenician lie* em *Isis*, XL (1941), vê uma correspondência entre a influência de um rei núbio e a obra de Hesíodo que se situaria por volta de 760.
- (16). — Comparar *Semônides*, frag. 7,76 (ed. Bergk) e *Trabalhos*, 58; frag. 7,21 e *Trabalhos*, 70; frag. 6 e *Trabalhos*, 702-703.
- (17). — E. Mireaux, *Les poèmes homériques et l'histoire grecque*, II, pp. 420-430.

Ora, se adotarmos para a *Iliada* uma data próxima de 750 mais ou menos, vemos, que é no fim do século VIII que se deve situar a existência de Hesíodo (18).

Veremos que os fatos parecem concordar com esta cronologia. Reportando-nos aos diversos escritos da época bizantina, (19) notaremos que êles nos falam da luta poética entre Hesíodo e Homero, ou referem narrativas lendárias acêrca de sua morte. De tudo isso não podemos extrair informações certas. Todavia, essa luta poética poderia demonstrar que a tradição colocava os dois poetas muito próximos um do outro, e que essa oposição observada entre os dois poetas não é unicamente obra dos críticos. Em conclusão é à própria obra que se devem pedir as informações mais exatas.

O pai de Hesíodo era eólio. Era um armador de Cumas da Eólida, a cidade de Cimé (20). O poeta conta que as dificuldades financeiras, e até a pobreza foram a causa de sua partida. Pensou-se que as dificuldades encontradas pelo pai de Hesíodo não eram pessoais, e se pretendeu extrair de alguns fatos conhecidos da história da Ásia Mediterrânea uma explicação para êsse movimento migratório do continente para a península helênica. Os acontecimentos da Ásia teriam provocado uma grande perturbação nas cidades jônias e eólias. A Lídia — a antiga Meônia — tinha substituído em 680 a política pacífica dos Heraclidas pela conquistadora dos Mermnados. Gíges, tomando brutalmente o lugar de Candaulo, queria ao mesmo tempo possuir no Egeu portos bem situados e tomar o caminho do Ponto Euxino. Tenta então, com auxílio de Mileto de que se torna aliado, sufocar as outras cidades comerciais da costa, provocando dessa maneira a ruína de algumas cidades, tais como Cimé, que volta então a ser completamente agrícola (21).

Êste acontecimento foi o que provocou o infortúnio do armador eólio e o obrigou a abandonar a pátria? Não seriam suas idéias profundamente democráticas, a julgar pelas de seu filho, a causa dessa partida, quase um exílio, e em que perdeu todos os seus bens? Aceitando essa explicação, o poeta teria nascido por volta de 680. Veremos que esta cronologia não deixa de encontrar dificuldades e, sem dúvida, um melhor conhecimento da história das cidades durante os anos anteriores permitiria outras su-

(18). — Ver R. Aubreton, *op. cit.*, 265-272; encontramos mais ou menos a cronologia de P. Waltz, *Hésiode et son poème moral*, p. 39. A crer na cronologia de F. Jacoby, *The date of Archilochus* em *Classical Quaterly*, 1941, pp. 97-109, Hesíodo teria vivido cinqüenta anos antes de Arquíloco. Todavia admitindo-se que Arquíloco tenha vivido na geração subsequente à de Homero, vê-se que é preciso considerar Arquíloco e Hesíodo como contemporâneos.

(19). — Ver êstes textos em Wilamowitz, *Vitae Homeri et Hesiodi*, Bonn, 1916. Todas as informações que os antigos deram a respeito de Hesíodo se encontram reunidas na obra de Jacoby, *Hesiodi Carmina*, I: *Theogonia*, Berlin, 1930, pp. 106-130.

(20). — A Cumas da Itália foi fundada cerca de 750 por Cálcis e nada parece ter com a Cimé da Ásia.

(21). — E. Mireaux, *op. cit.*, II, p. 24.

posições. De qualquer forma, o infeliz se dirigiu para a Beócia de onde outrora haviam partido seus antepassados, e fixou-se em Ascra, ao sul do Helição. Lá nasceu o poeta, a crer em Plutarco.

Era uma região cruel e triste à qual o emigrante só pudera abordar após um périplo ao redor do Peloponeso, para chegar ao fundo do golfo de Corinto. Região estéril onde poucas terras aráveis se encontram no fundo dos vales, em que o camponês tira proveito da menor nesga de terra suspensa no flanco da montanha. O próprio clima é rude; o inverno conhece longos meses de neve e as tempestades de vento do Norte; o verão é abafante pois o Helição impede qualquer influência marítima. Região dificilmente freqüentada, onde só vivem pobremente os camponeses, tal o lugar em que se fixou o infeliz homem de Cimé, onde criou família. O poeta foi camponês assim como se tornara o seu pai. Menino, provavelmente apascentava os rebanhos nas encostas do Helição (22), mas conhecia principalmente o trabalho duro, "o trabalho dos bois e das mulas pacientes" (23). É, portanto, o fruto da experiência de camponês o que êle dará em sua obra. Seus poemas também nos falam da piedade do homem, descrevem-nos as suas lutas. Após a morte do pai, Hesíodo teve que repartir a pequena herança paterna com o irmão Perses. Isso deu lugar a contestações e Hesíodo apelou para os juizes de Téspis, a cidade vizinha, de que dependia Ascra. Provavelmente a êsses juizes é que o poeta se dirige na *Teogonia*:

*É nisto que se conhecem os reis sábios, porque aos homens
um dia lesados, sabem dar, na praça, uma desforra
sem combate, atraindo os corações com palavras apaziguadoras (24).*

Mas os juizes embargaram-lhe a demanda, pois, diz êle, seu irmão havia sabido torná-los favoráveis (25), com presentes. Sente-se por detrás dessa confiança tôda a revolta que se expressa, que é o sinal duma época que não se resigna mais ao destino, em que se sente a possibilidade de mudar algo na ordem das coisas e a vontade de não aceitar um julgamento presumido injusto.

Pode-se conjecturar, de acôrdo com os *Trabalhos*, que já estamos numa época de transição e se tentou dar uma data ao eclodir dêsse espírito novo. Sabe-se que lá por 670 apareceu, na Grécia, o primeiro tirano: em Sicione, país dórico, Ortágoras tomou o poder, opondo-se aos aristocratas militares. Em 667, Cipselo estabeleceu a tirania em Corinto. No mundo do golfo de Corinto, tais acontecimentos deviam ter feito eco, e supõe-se que êsse apêlo a uma liberdade real que se revela

(22). — *Teogonia*, 23.

(23). — *Trabalhos*, 46.

(24). — *Teogonia*, 88-90.

(25). — *Trabalhos*, 37-39.

em Hesíodo pôde nascer dêsse fato. Vê-se então, no mundo grego, um desejo de sacudir o jugo das velhas aristocracias de senhores rurais, uma necessidade de conhecer as leis que regem as relações entre os indivíduos. Reclamam-se leis civis escritas; deseja-se conhecer o ritual religioso. Tôda a obra de Hesíodo corresponde a essa necessidade de reclamar a justiça e uma justiça de acôrdo com normas conhecidas de todos. Mas não é preciso rejuvenescer tanto a época em que viveu Hesíodo. Essa tendência nova não nasceu de um dia para o outro. Hesíodo dá-nos um eco das idéias novas que então se desenvolviam.

A primeira obra de nosso poeta foi a *Teogonia*, a julgar pelo prólogo, e sua carreira poética foi gloriosa. Êle mesmo nos lembra que um dia de Áulis partiu para a Eubéia:

*Foi lá que, para tomar parte nos torneios do valoroso Anfidamas,
embarquei para Cálcis. Muitos prêmios
eram propostos pelos filhos do herói; e foi então, posso lembrar,
que um hino me deu a vitória e ganhei um tripé com duas asas,
que consagrei às Musas do Helicão
nos mesmos lugares em que, pela primeira vez,
elas me colocaram na estrada dos cantos harmoniosos (26).*

Êsse concurso de que nos fala Hesíodo já causa dificuldades às cronologias precedentes, segundo as quais o poeta, nascido por volta de 680, escreveria em 660. De fato, êsse torneio poético em Cálcis para onde vai o poeta condiz mal com as perturbações da Eubéia. A guerra lелantina que incendiou todo o Egeu, opondo as duas vizinhas durante tanto tempo unidas, Cálcis e Erétria, devia erguer sucessivamente uma contra a outra, durante quase todo o século VII, Corinto, Sicione, Egina, Mitilene e Cálcis contra Erétria e Mileto. Talvez essa luta se tivesse iniciado no último quartel do século VIII.

Seria verdadeiramente êsse o momento em que o poeta teria ido à cidade guerreira? Nada, nem na *Teogonia* nem nos *Trabalhos* pode permitir-nos crer que o poeta houvesse conhecido a luta armada ao seu redor, que dela tivesse presenciado os horrores. Já observamos até que, em nenhuma parte da obra, se vê alusão à guerra e que, ao contrário, se trata de um poema de paz. Êsse concurso se teria realizado antes da guerra lелantina. Eis-nos pois recuados a uma data anterior a 720. O poeta teria nascido antes de 750, e Hesíodo seria contemporâneo de Homero. Isso dá nova luz aos acontecimentos políticos da costa da Ásia Menor no decorrer do século VIII. Foi então que o pai de Hesíodo e Perses procuraram abandonar a Ásia, ou unicamente, como diz o poeta,

(26). — *Trabalhos*, 651-659. Tais versos foram considerados apócrifos por Frick, Flack, Rzsch e Rhode. Mas a única razão para duvidar de sua autenticidade é o fato de Plutarco já os ter repellido, sob o pretêxo de que se tratava de uma alusão ao concurso poético que opusera Homero a Hesíodo.

em busca de fortuna, — mas não se entende por que razão teriam voltado a Ascra! — ou, melhor, como resultado dos acontecimentos políticos, muito anteriores à conquista da Lídia por Gíges, que o teriam obrigado a abandonar sua cidade, completamente desprevenido. Podem-se suspeitar fracassos de navegadores na política colonizadora que impelira numerosas cidades para o Ponto Euxino, ou também as idéias novas que se manifestavam tanto na Ásia como no território helênico, mais ou menos um século antes dos estabelecimentos dos poderes tirânicos, e provocadas pelo povo como reação contra as aristocracias constituídas; de tudo isso o episódio de Tersitas na *Iliada* já nos permitia timidamente suspeitar a realidade (27). Vêm-se as reações dos grandes contra as novas idéias democráticas, reações de que o pai de Hesíodo pode ter sido vítima.

Gostaríamos também de saber quem é o Anfidamas cuja memória se celebrava em Cálcis, se foi para um aniversário ou por ocasião de funerais que os filhos organizaram êsses jôgos com concurso poético, se, enfim, o epíteto de “valoroso” (28) lhe foi dado por feitos guerreiros para cujo elogio o talento do jovem poeta teria sido tão pouco conveniente.

O poeta venceu por meio de um hino. No tempo em que compôs a *Teogonia*, portanto, exercitava-se na poesia hínica. Podíamos suspeitá-lo, e gostaríamos de conhecer o poema que lhe teria propiciado o prêmio. Sabemos ainda através dêsse texto, que o poeta atravessou o mar uma só vez:

Não tenho outra experiência de náus de mil cravelhas,

diz o poeta (29). Sua vitória não o incitou a renovar semelhantes aventuras; no entanto, sabemos que, de acôrdo com sua concepção, a poesia lhe confiava uma missão: não podia deixar de cantar. Deve-se atribuir à guerra essa imobilidade em seu país natal? É possível conjecturá-lo.

Provavelmente, Hesíodo teve outras disputas com o irmão; os conselhos que lhe dá nos *Trabalhos* provam que Perses invejava os bens do irmão: “as riquezas não se devem arrebatat” (30), e o poeta já havia dito:

*Trabalha, Perses, nobre filho, para que a fome
te odeie, e sejas querido de Deméter . . .
a fome é, em tôda parte, a companheira do homem que nada faz . . .*

(27). — Pretende-se ver neste episódio de Tersites um motivo para rejuvenescer o poema da *Iliada* ou para suspeitar uma interpolação recente: Vê-se que isso resulta essencialmente de idéias preconcebidas, pois que se ignora quase tudo acêrca dêsse período.

(28). — O texto diz *δαίφρονος* (*Trabalhos*, 654).

(29). — *Trabalhos*, 660.

(30). — *Ibid.*, 320.

*Nas condições em que te colocou a sorte, é de teu
interêsse trabalhar,
afastando dos bens de outrem o teu espírito leviano...* (31).

Então Hesíodo tenta um acôrdo amigável com o irmão, mas desta vez diante de testemunhas, para não se arriscar a novas dificuldades (32). É, pois, nessa época que se deve situar a composição dos *Trabalhos e Dias*.

Na *Teogonia*, o poeta mostrava sua afeição pelo poder estabelecido, os reis "veneráveis", mas já fazia uma diferença entre os príncipes que se mostravam prudentes, "os que todo o povo admira" e os que não sabem fazer obra de justiça, encontrando as palavras apaziguadoras (33).

O jovem poeta não havia esquecido a mentalidade paterna, embora temperado pelas honras que certamente os chefes da sua terra lhe propiciaram em virtude de seus sucessos poéticos. Os *Trabalhos* revelam um espírito rebelde que ousa falar claro, já pronto à luta e que não hesita em dar lições aos poderosos que se mostram injustos com seus súditos. A vida tornou o poeta mais amargo, mais sensível às realidades, certamente mais concorde com os ensinamentos recebidos na mocidade. Ele está cômico dos problemas que se apresentam tanto ao cidadão como ao poeta digno dêsse nome, ao qual as Musas e os deuses confiaram uma missão.

Infeliz em suas relações fraternas, o poeta também deve tê-lo sido no amor; pois as tendências misóginas que já demonstra na *Teogonia*, no episódio de Prometeu, amplificam-se na época da redação dos *Trabalhos*: "Quem confia em uma mulher confia nos ladrões"; e aconselha ao camponês que conserve a cabeça fresca diante das mulheres! (34) Acaso já não propusera a questão de se saber se era ou não conveniente casar-se? (35) Talvez que suas desgraças ainda se devam a Perses, já que diz que quem rouba os bens de outrem comete um crime semelhante a quem sobe, furtivo, no leito de um irmão para unir-se à mulher dêle, falta repugnante! (36)

Devem-se atribuir outras obras a Hesíodo? A crítica moderna (37) reconhece como de sua autoria os 56 primeiros versos do *Escudo*, que teriam sido tomados de empréstimo, como o diz o argumento, ao livro IV do *Catálogo* de Hesíodo, freqüentemente chamado as *Ehéias* porque devia começar pelas palavras ἠ οἴη, isto é o *Catálogo das Mulheres*. Atribuía-

(31). — *Ibid.*, 299, 301, 314-315.

(32). — *Trabalhos*, 371-372. De acôrdo com J. F. Latimer, *Perses versus Hesiod* em *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 1930, pp. 70-79, não houve necessariamente um processo entre os dois irmãos; o autor julga, ademais, que se houve processo, Hesíodo foi vencedor. Os argumentos não são convincentes.

(33). — *Teogonia*, 80-92.

(34). — *Trabalhos*, 373.

(35). — *Ibid.*, 376-380.

(36). — *Ibid.*, 328.

(37). — P. Mazon, *op. cit.*, pp. XV e 119.

se ainda a Hesíodo uma *Ornitomancia* e uma *Melampodia*, poemas sôbre a arte divinatória (38).

Numerosas lendas envolvem a morte de Hesíodo. Provam que o poeta foi ilustre e que seu corpo foi disputado, o seu túmulo pelo menos. Parece, entretanto, que morreu em Ascra e que, mais tarde, suas cinzas foram transportadas para Orcómeno, onde Aristóteles diz ter visto o seu túmulo (39).

O caráter de Hesíodo As qualidades que caracterizam o poeta são essencialmente a piedade para com os deuses, o respeito ao trabalho e o amor à ordem.

A piedade, êle a demonstra tanto por sua obra religiosa — que é um ensaio de sistematização, em que representa os deuses no que êles têm de grande, esquecendo-se das baixezas sôbre que tanto insistia Homero — como por sua confiança em Zeus e Hécate! É certo que êle não pôde silenciar sôbre certa barbárie das primeiras divindades. Mas quanta confiança em Zeus, o justiceiro, quanto amor pela deusa Hécate e suas caras Musas! E os mil preceitos que dita ao irmão camponês não são ainda outra prova dêsse sentimento da onipresença divina, que é preciso incessantemente respeitar e honrar? É evidentemente uma piedade prática, pois são os deuses os que dão o fruto a qualquer trabalho. Dêles provêm todos os bens. Não se pode negar que ha um certo idealismo e até misticismo nesse pragmatista. Em tudo, êle vê a necessidade de relacionar a ação com a divindade. Assim, o trabalho tem sua razão de ser na independência e segurança que dá ao homem. Mas Hesíodo percebe intimamente que existe outro motivo mais secreto, religioso, e que o trabalho depende de um desejo divino no qual sentimos como que um castigo.

Hesíodo é um trabalhador. Já se disse que essa era uma tendência natural de seu espírito. Todavia, não se devem esquecer certos textos onde êle canta o tempo em que o homem vivia sem trabalho, feliz e próspero; e a felicidade dos heróis na ilha bem-aventurada não é recolher, sem fadiga, triplas colheitas anuais? Por certo é um trabalhador. Mas isso lhe advém mais da necessidade, do raciocínio, do próprio sentimento religioso, do desejo de possuir independência e bem estar que de uma tendência natural. Esse trabalhador não gostaria mais freqüentemente de,

*estender-se à sombra, para beber o vinho negro,
regalar-se num bom festim, e
o rosto voltado para o sôpro do Zéfiro,*

(38). — A e M. Croiset, *op. cit.*, p. 478.

(39). — P. Waltz, *op. cit.*, pp. 32-33; P. Mazon, *Hésiode*, pp. XII-XIV; W. Schiller, *Die Tiere beim Tode Hesiods*, em *Anthropos* (Viena), 1934, pp. 812-814.

bebendo duma fonte inexaurível e corrente,

servir três partes de água e uma de vinho (40)?

Não gostaria de poder abandonar-se mais freqüentemente à inspiração das Musas? Assim parece. Mas êle encontra também contentamento e alegria na realização de sua tarefa, e esta é prática. Quando trabalhar? Quando semear? Como construir uma charrua? É de tudo isso que se faz a vida de cada dia. Acima de tudo, encontramos em Hesíodo, um sentimento inato da justiça. Esta vem de Zeus e permite gozar em paz do fruto do trabalho. É em nome dessa justiça que dirá a verdade a todos, aos seus iguais e aos chefes, de maneira dura, áspera e até com tom satírico. Mas percebe-se que, no íntimo, êle não sente ódio. Deseja ver Perses feliz, até rico; pede essencialmente uma paz em que os homens não mais se entredilacerem e sejam felizes. Esta sêde de justiça confere-lhe uma coragem real para falar claramente aos grandes, para ousar compará-los à ave de rápina. Mas nessa invectiva não há vingança: é com gravidade que êle a formula na esperança de ver estabelecer-se uma era de justiça, em que, todavia, não ousa confiar demasiadamente! . . .

Ao mesmo tempo, prático e idealista, quer impelir os homens a não cair no vício que causou a desgraça dos homens da quinta geração. Esse idealismo não deixa de ser acompanhado de uma certa sensibilidade em relação ao homem, assim como em relação à própria natureza. É de um certo Amor que êle extrai essa confiança no futuro, o desejo de aperfeiçoar a humanidade. Diga-se o que se disser, é um belo caráter que nos revela em seus poemas, ao mesmo tempo tão didáticos e pessoais.

Todavia, não se pode negar que se há um progresso na concepção da justiça, há também uma face do homem que aparece em Homero e que é completamente silenciado por Hesíodo. A fraternidade dos combates, a doçura da cooperação, a amizade desinteressada, o socorro aos desgraçados, as profundas afeições, tudo isso Hesíodo parece ignorar. Pode ser o resultado duma existência dura, existência de camponês em que é preciso bastar-se a si mesmo, lutar incessantemente; as relações são ásperas entre camponeses: a posse da terra confere essa aspereza. E o retrato que êle descreve dos homens de seu tempo, seus contemporâneos da quinta geração, revela-nos qual era a sociedade que êle encontrara na Beócia, no solo de Ascra, e que devia ser tão diferente daquela que seu pai conhecera na Ásia, que êste o fizera amar. Sua virtude parece então ter sido submissa a dura provações, e também o seu idealismo. Não encontramos um eco nos versos em que parece duvidar de sua Missão?

(40). — *Trabalhos*, 592-596.

*Oxalá hoje eu cesse de ser um homem justo,
eu e meu filho; pois é mau ser
justo, se o injusto há de receber favores da justiça.*

Todavia, logo recobra o ânimo:

*Mas custo a crer que tais coisas sejam ratificadas
pelo prudente Zeus (41).*

Isso resume bem a sua alma. A desgraça não lhe faltou. Ele não desespera e, já aberto à reflexão filosófica, não cessa de ser um idealista, embora permanecendo profundamente prêsso às realidades da vida quotidiana. Eis o que explica todo um aspecto de sua alma e obra.

Todos os seus poemas revelam o homem sério, profundamente religioso, mas sem grandes arrebatamentos líricos. Seus dons são essencialmente práticos, embora não se possa recusar ao poeta um patético real. Todavia faltaram-lhe as dádivas que fazem os maiores poetas.

(41). — *Trabalhos*, 170-173.

CAPÍTULO V

INFLUÊNCIA DE HESÍODO

Qualquer que seja o juízo que nós modernos fizermos sobre a obra e a arte de Hesíodo, é incontestável que o poeta exerceu sobre o seu tempo e sobre o pensamento grego uma influência de primeira ordem. E antes de tudo é evidente que a *Teogonia* deve ter contribuído a ordenar todo o mundo religioso, tão diverso, tão caótico, cujas tradições variavam de cidade em cidade, de templo em templo. E essa influência, ela a repartiu com a epopéia homérica. Dêsse prestígio, a lenda do concurso poético entre Homero e Hesíodo é um traço significativo (1). Que este último houvesse podido triunfar sobre o poeta de Quios, eis o que marca bem a estima que lhe tributavam. Sem dúvida, essa lenda não nos chegou, sob uma forma compilada, senão no II século d. C.; mas sabemos que, desde o V século a. C., já era um fato considerado como certo, e que a ensinavam aos jovens. Se, como diz P. Mazon, se trata de um documento sem valor propriamente histórico, isso não diminui a prova de consideração que envolvia a obra do poeta beócio. O fato de que seu túmulo tenha sido disputado por Naupacto e Orcómeno, afirmando ambas essas cidades seus direitos, tudo isso só nos pode esclarecer sobre a influência e a glória de Hesíodo (2).

Tanto quanto a de Homero, sua obra é citada por todos os escritores da Hélade, seja expressamente, seja por citações. Evidentemente, não se trata de crer que Hesíodo fôsse a única fonte das diversas tradições da Grécia. A maneira pela qual os trágicos se ocuparam das lendas mostra tanto a variedade das fontes como a fantasia com que as acomodavam. Há, entretanto, através do mundo grego, uma persistente e considerável influência de Hesíodo.

(1). — *Vitae Homeri et Hesiodi*, na edição de U. von Wilamowitz, Bonn, 1916. Plutarco, *Questionum convivalium*, V, 2, 6 (674 f); *Septem Sapientium convivium*, X 153 f.
(2). — P. Mazon *Hesíodo*, pp. X-XIV, e Plutarco, *Moralia*, 162 b.

É incontestável que a forma épica usada pelo poeta não convinha para exprimir idéias e sentimentos novos. Ràpidamente será deixada de lado e se encontrará outro meio de expressão. Mas desde o nascimento da poesia, a influência de Hesíodo se verifica.

Dos poetas elegíacos só temos fragmentos que, dificilmente, nos permitem um exame de influências. Bastará assinalar uma alusão de Tirteu ao vencido obrigado a mendigar com a sua família; Mimnermo distinguindo as Musas, filhas de Urano e as filhas de Zeus, não podia ignorar o poeta de Ascra; e Solão canta a lei, como Hesíodo a justiça, e também sua confiança na precariedade das obras de violência, pois Zeus, que vê tudo, manifestará sua Vingança (3).

Desde o VI século, um filósofo como Heráclito julga útil refutar uma opinião do poeta beócio, conta-nos Plutarco (4). Trata-se de combater a distinção que o poeta faz entre dias propícios e nefastos. Sua autoridade é pois encarada como tendo valor e como devendo ser discutida num livro de ciência. E o próprio Plutarco, quatro séculos depois, suscita a questão de saber qual dos dois tivera razão, se o poeta ou o filósofo. Por que essa referência a Hesíodo, senão por ter sido êle o primeiro a tratar públicamente de um assunto que, mais tarde, seria amplamente comentado?

Esse prestígio do poeta, nós o encontramos muitas vêzes nas produções do V século, nem sempre com referência precisa a Hesíodo, mas como alguma coisa que é o sinal de uma influência mais profunda, o resultado de um conhecimento habitual de sua obra. É assim que encontramos nas *Eumênides* de Ésquilo (5) a fórmula da tríplice bênção que recebe o homem prudente e piedoso:

*Que a rica fecundidade do solo e dos rebanhos
jamais se canse de tornar uma cidade próspera...
Que o germe dos homens aí seja também protegido.*

É ainda uma tríplice maldição que traz a deusa Ártemis às cidades dos maus, dirá por sua vez o poeta alexandrino Calímaco, repetindo, seis séculos mais tarde, o poeta de Ascra (6):

*Infeliz, tu lhes fazes sentir tua dura cólera.
A peste devasta seus rebanhos, e as geadas, seus campos;
os velhos, em suas casas, cortam suas cabeleiras para chorarem seus
filhos; as mulheres*

(3). — Tirteu, *fram.* 10 (Bergk), citado por Licurgo, *contra Leócrates*, 107; Mimnermo, *fragm.* 13, citado por Pausânias, IX, 29, 4; Solão, *fragm.* 4, citado por Demóstenes, *Embaixada*, 255 e *fragm.* 13 de Stobeu, *Florilégio*, IV, 15.

(4). — *Ibid.*, *Camilo*, 138 a.

(5). — *Eumênides*, 916-1020.

(6). — *Hino a Ártemis*, 126-131.

*morrem de parto, repentinamente, ou, se escapam disso,
põem no mundo uma progenitura que não se sustenta
nem direito, nem firme”.*

E, para pintar a prosperidade dos bons, êle continua a imitar Hesíodo:

*Mas àqueles que olhas com caridade e benevolência,
a êsses as belas colheitas, o bom acréscimo
do gado e o bem que prospera.*

São as mesmas bênçãos, tradicionais desde Hesíodo, que, no côro das *Suplicantes*, Êsquilo implora para Argos, a fim de recompensá-la da hospitalidade que ela dá aos filhos de Dânao (7):

*Que a peste jamais torne vazia de homens a cidade...
Que a flor da mocidade permaneça na haste...
Que Ártemis-Hécate... proteja o parto de suas mulheres.*

Lembranças de Hesíodo encontram-se em outras passagens de Êsquilo, o poeta religioso por excelência, e que não podia ignorar o poeta teológico, seu predecessor. Em *Agamenão*, êle se inspira na lenda de Áulis, tal como a lemos nos *Trabalhos* (8):

*...de Áulis, onde outrora os Aqueus
esperaram o fim da tempestade, ao tempo em que êles
haviã reunido um vasto exército
para irem da Grécia santa contra Tróia de belas mulheres.*

E, em Êsquilo, temos a descrição dessa espera (9):

*Velas dobradas, ventres vazios, o povo dos Aqueus se enervava
à vista de Cálcis, no meio dos recifes de Áulis.
Os ventos sopravam do Estrímão, trazendo com êles
os atrazos funestos, a fome, os ancoradouros perigosos,
a dispersão das equipagens e a deterioração
dos cascos e dos cabos;
e, pelas delongas sempre renovadas, despedaçavam
na expectativa a flor dos Argivos.*

(7). — *Suplicantes*, 645-678.

(8). — *Trabalhos*, 651-653.

(9). — *Agamenão*, 188-198; 146-150.

Influência poética e religiosa, mas também influência sobre os pensadores da Grécia. Se acreditarmos nas testemunhas de suas discussões, Sócrates parece haver feito numerosas alusões ao poeta hecíodo. Basta ler esse escritor que foi, sem dúvida, o mais fiel à sua memória, tanto mais que, não sendo filósofo, não nos faz correr o risco de atribuir a Sócrates o que por direito lhe pertencia: Xenofonte. Pelas *Memorabilia*, sabemos que certas citações de Hesíodo tinham sido censuradas em Sócrates, servindo para apoiar a acusação de corruptor da mocidade sustentada contra ele. Citando estes versos em que o poeta incitava ao trabalho (13):

*Não há opróbrio em trabalhar, o opróbrio consiste em nada fazer.
Se trabalhas, aquele que nada faz logo invejará tua riqueza:
riqueza é sempre seguida de mérito e de glória,*

Sócrates teria incitado a não recuar diante de nada de injusto ou de vergonhoso, desde que aí se encontrasse um ganho certo. E disso ele defendia-se bem (14). Ao contrário, seu panegirista cita os versos de Hesíodo que, na boca de Sócrates, eram um apelo à constância (15):

*A miséria, pode-se, tanto quanto se quer, apanhá-la,
e sem fadiga; o caminho é plano e ela se aloja bem perto de nós.
Mas, diante do mérito, os deuses imortais puseram o suor.
Longo e árduo é o caminho que a ele conduz,
e áspero para começar. Mas logo que o cume seja atingido,
é-lo então fácil, por difícil que seja.*

Não é próprio elogio da virtude?

Quanto à impiedade da qual o acusavam, ele não fazia mais que lembrar os versos de Hesíodo que lhe eram familiares (16):

*Mas antes, de acôrdo com teus meios, oferece sacrifícios
aos deuses imortais,
com as mãos puras e sem mácula.*

Equivale a dizer que os sacrifícios mais agradáveis aos deuses eram os dos homens mais virtuosos; e ele citava o verso seguinte para exprimir a loucura dos que agiam sem o auxílio divino (17):

Pede aos deuses seus favores por meio de libações e oferendas.

(13). — *Trabalhos*, 311-313.

(14). — *Memorabilia*, I, 2, 56.

(15). — *Trabalhos*, 286-292; *Memorabilia*, II, 1-20.

(16). — *Trabalhos*, 335-336.

(17). — *Ibid.*, 338; *Memorabilia*, I, 3, 3.

Platão, por sua vez nos atesta o renome de Hesíodo. Entretanto, é evidente que êle, no decorrer de sua vida, não conservou a mesma concepção da obra do poeta, chegando até a combater sua influência. Mas isso é ainda uma prova evidente da autoridade de que Hesíodo gozava no século V. De início, encontramos numa das primeiras obras de Platão a opinião de seu mestre, Sócrates, sobre o poeta de Ascra. Na *Apologia*, o Sábio fala do além, dêsse lugar onde encontrará tôda justiça, e acrescenta: “Se aí houvesse a companhia de Orfeu, Museu, Hesíodo e Homero, o que não daríeis para gozar disso? Quanto a mim, desejaria morrer muitas vêzes, se isso fôsse verdade” (18).

Para conhecermos melhor o pensamento de Platão, leiamos o *Banquete* que nos fala suficientemente da glória dos poetas tradicionais: “Não há quem não aceite ter tal posteridade (espiritual) de preferência à geração humana, quando, voltando as vistas a Homero, a Hesíodo e a qualquer outro poeta, considerar com inveja que descendentes êles tiveram e deixaram, capazes, sendo êles próprios imortais, de conferir aos poetas em questão, a imortalidade da glória e da lembrança” (19).

Através de sua obra, verificamos que o poeta era uma autoridade que todos desejavam ter a seu lado na discussão. No *Protágoras*, o sofista faz de Hesíodo um de seus antepassados na arte da sofística (20). Críctias, no *Carmidas*, (21) apela para o testemunho do poeta, num intuito de mostrar que, se o trabalho jamais é censurável, a obra fabricada pode merecer críticas. Se, no *Banquete*, Agatão se insurge contra a concepção de Hesíodo, que faz do Amor um deus mais antigo do que Crono e Jápeto, o causador, portanto, das violências e dos crimes do mundo dos deuses (22), Sócrates julga que os nomes dos deuses correspondem exatamente a seus caracteres: “Se eu me lembrasse da genealogia hesíodica, e dos ancestrais mais remotos que ela dá a êsses deuses, não me cansaria de explicar a exatidão de seus nomes” (23); e, desejoso de ver sua etimologia dos nomes divinos apoiada pelo testemunho de Hesíodo, no *Crátilo* o filósofo atribui ao poeta uma genealogia de Oceano que não é sua, mas sim de Homero. É verdade que êle esclarece: “Assim diz Homero e também, creio eu, Hesíodo...” (24). O poeta é verdadeiramente colocado no mesmo plano que Homero, como o será ainda no de Arquíloco, o grande satírico (25).

Mas, a partir da *República*, Platão toma outra atitude. Devendo construir a cidade ideal, êle critica ao poeta — como aliás também a Homero — e tende a querer enfraquecer sua ação. Já vemos aí Adi-

- (18). — *Apologia*, 41 a.
 (19). — *Banquete*, 209 d.
 (20). — *Protágoras*, 316 d.
 (21). — *Carmidas*, 163 b.
 (22). — *Banquete*, 195 c.
 (23). — *Crátilo*, 396 c.
 (24). — *Ibid.*, 402 b.
 (25). — *Ião*, 331 c.

manto citar o testemunho de Hesíodo para mostrar que a justiça não é praticada senão para obter o favor dos deuses, e não por ela mesma, pretendendo que os poetas são os primeiros a se queixarem da dificuldade que existe na prática da virtude, pois que Hesíodo dissera:

*O vício, pode-se, tanto quanto se quer, alcançá-lo,
e sem fadiga: o caminho é plano e êle se aloja bem perto de nós
Diante do mérito, porém, deuses imortais puseram o suor (26).*

Enquanto no *Minos*, a propósito da reputação de crueldade que os trágicos conferiram ao rei de Creta, Sócrates insurge-se, afirmando não ser essa a opinião de Homero e de Hesíodo, e “que era preciso acreditar neles, mais do que nesse bando de trágicos”, e que, ao contrário, Minos fôra o confidente do Grande Zeus (27), nós temos na *República* asserções bem diferentes. Platão mostra-se aí hostil a Hesíodo, que considera, como uma das razões da prática da justiça, a recompensa e a reputação (28); e, se Platão julga que os guardiães devem saber reconhecer a que raça pertencem os homens, essas raças das quais fala Hesíodo (29), verifica que os poetas são incapazes de ajudar os homens a se tornarem virtuosos (30). Por isso êle decide exilar de sua República êsses homens que se divertiram em contar fábulas mentirosas, em representar os deuses de um modo que, afirma Platão no comêço, nada tem de comum com o original. Não devemos crer, com efeito, que houve tais atrocidades durante o reinado de Urano, que Crono exerceu uma vingança tão cruel sôbre seu pai, nem que os deuses tenham dado provas de tais vícios. Mas, se isso é realmente conforme a verdade, o filósofo pretende que essas são coisas que devem ser ditas em voz baixa e diante de iniciados, os quais êle deseja que sejam no menor número possível. . . (31). Enfim, êle tenciona exilar os poetas da sua república ideal, só concedendo o título de cidadão aos que estiverem de acôrdo sôbre as virtudes das divindades dignas de inspirar os humanos. Não pensará êle aí no poeta caro ao seu coração, em Píndaro? Porém, mesmo essa hostilidade, nos é preciosa para avaliarmos a influência de Hesíodo sôbre os contemporâneos de Platão, influência tão grande, que o filósofo não hesita em pronunciar a pena máxima contra os que tentassem fazer a mesma obra que o poeta de Ascra. E essa segunda opinião de Platão só aparece quando o filósofo toma consciência das necessidades de construir Utopia.

(26). — *Trabalhos*, 287-289.

(27). — *República*, II, 363 a-b; 364 c-d. Nesse último texto, a palavra “Kakótêta” é tomada em sentido diferente, pois que Adímanto lhe dá o sentido de vício enquanto que Hesíodo fala da miséria que se consegue facilmente. Dessas transposições, porém, temos exemplos e, aos olhos dos antigos, isso em nada diminua a força do testemunho.

(28). — *República*, X, 612 b.

(29). — *Ibid.*, VIII, 546-547 a.

(30). — *Ibid.*, X, 600 d.

(31). — *Ibid.*, II, 377 d.

Para Aristóteles, Hesíodo é uma verdadeira autoridade científica, cujo testemunho tem a força de uma afirmação. A *Metafísica* invoca seu depoimento para colocar na origem de todas as coisas o Caos, o Vazio. E, se Aristóteles parece aludir a uma outra teogonia, anterior talvez à do velho poeta, quando converte o Amor na causa principal de todas as coisas, devemos nos lembrar de que Hesíodo fez dele um ente divino (32).

Amor, o mais belo dentre os deuses imortais.

A razão dessas citações freqüentes de Aristóteles, é que Hesíodo foi um dos primeiros a tratar da natureza das coisas. Para ele, tudo foi criado, nada há que não tenha sido gerado, e dêesses seres chamados à vida, uns subsistem, outros desaparecem. Aristóteles, discorrendo sobre o que é corruptível e sobre o que não é, mostra que uns e outros não podem provir dos mesmos princípios; interpreta o verso em que o poeta mostra os deuses alimentando-se com néctar e ambrósia, como a afirmação de que a diferença que existe entre os seres corruptíveis e incorruptíveis provém dessa divergência de alimentação e como a busca, por parte do poeta, de uma explicação dessa dissemelhança fundamental dos seres. E ele opõe essa opinião à de Melisso, à de Parmênides e à de muitos outros, censurando Hesíodo, pois “dos que misturam mitos e filosofia, não é justo examinar as teses com demasiada precisão” (33). Aí, entretanto, não há uma real condenação, mas sim uma justa avaliação do que deve ser a exegese de um poeta. Numerosas são as citações de Hesíodo que, em Aristóteles, se referem à moral. É interessante notar o uso que faz o filósofo deste verso tão citado do poeta (34):

*Nenhuma reputação morre completamente quando numerosos
são os que a proclamaram,*

para provar que, em consequência da opinião de um grande número, podemos considerar que a felicidade é o bem supremo procurado por todos (35).

Os conselhos de vida prática são feitos também de versos hesiódicos, tanto sobre a escolha da esposa, quanto sobre o número dos amigos e sobre o que constitui a base da sociedade (36). E deixamos de mencionar inúmeros versos de Hesíodo, tornados verdadeiros provérbios, que o filósofo cita sem cessar (37).

(32). — *Metafísica*, I, 4, 1; *Xenófanes*, I; *Questões Naturais*, IV, 1; e de Hesíodo: *Teogonia*, 116-120.

(33). — *Do Céu*, III, 13; *Metafísica*, II, 4, 12-14; *Teogonia*, 659-641.

(34). — *Trabalhos*, 763-764.

(35). — *Ética a Nicodemo*, VIII, 13, 5.

(36). — *Econômica*, I 42; II, 1. *Ética a Nicodemo*, X, 10, 1; *Política*, I, 1, 6.

(37). — *Retórica*, II, 5, 21; *Política*, V, 9, 10; *Ética a Eudemo*, VII, 10, 16; *Ética a Nicodemo*, IX, 1, 6.

Assim, Hesíodo é ao mesmo tempo considerado pelos maiores filósofos como uma autoridade em todos os domínios.

Esse renome, Hesíodo o deve também ao lugar que ocupou no ensino da mocidade. Sabemos por Isócrates que “os versos de Hesíodo, de Teógnis e de Focílides foram os melhores conselheiros da vida prática”, e que havia coleções de sentenças gnômicas tiradas de suas obras, as quais logo se tornaram do domínio público (38). Esses poetas são, por isso, considerados como a própria expressão da sabedoria grega. É ainda o que diz Ésquines: “Pois eu creio que, se nós aprendemos de cor desde nossa infância as sentenças dos poetas, é para aplicá-las, uma vez chegados à idade adulta”. E isso é uma resposta a Platão, que lhes recusava o título de mestres da virtude. E o orador pede a seus ouvintes que façam abstração da forma versificada das sentenças hesiódicas para extrair delas o pensamento, pois que Hesíodo fôra um educador das multidões e um conselheiro das cidades (39). Certos versos hesiódicos reaparecem ainda freqüentemente nos discursos dos oradores, como um testemunho irrecusável da verdade dos fatos de que são acusados os réus:

Ela não se dissipará jamais completamente a reputação proclamada por numerosos homens. Ela também é uma divindade (40).

Hesíodo continuará, para todos os que herdarem o pensamento científico de Aristóteles, uma fonte legítima. Diodoro da Sicília cita Hesíodo quando discute certas afirmações do poeta concernentes às constelações; e aí de novo Hesíodo é encarado não como simples poeta, cujas teses têm apenas um valor científico relativo, mas como homem de ciência (41). Trata-se da passagem em que Hesíodo marca os trabalhos que devem ser empreendidos quando aparece a constelação de Orião. É também seu desaparecimento que deve marcar a época da sementeira e o momento em que a navegação se torna perigosa, devendo, portanto, ser abandonada (42).

Se passarmos em revista os geógrafos, veremos Estrabão invocar como autoridade suficiente o testemunho do poeta arcaico a respeito de alguns lugares dos quais faz menção em sua obra (43).

O nome de Hesíodo sai sem cessar de pena de Plutarco que é uma de nossas habituais fontes para o que podemos juntar da tradição sobre

(38). — *Ad Nicocleum*, II, 43.

(39). — *Contra Ctesifonte*, III, 134-135, onde Ésquines cita *Trabalhos*, 240-247. Veja ainda *Sobre a Embaixada Int'el*, 158.

(40). — *Trabalhos*, 240-247; *Ésquines*, *Sobre a Embaixada Int'el*, 144; *Contra Timarco*, 129.

(41). — *Biblioteca Histórica*, IV, 854. Veja ainda outras alusões ao poeta em IV, 7, 2, em que o historiador cita três versos de Hesíodo, e V, 81, 4, onde encontramos uma genealogia a propósito da qual o testemunho de Hesíodo é citado.

(42). — *Trabalhos*, 597-621.

(43). — I, 2, 14; I, 2, 35; VII, 66; IX, 2, 25; XIII, 4.

o poeta de Ascra. Plutarco é seu compatriota e não perde uma só ocasião de cantar essa honra de sua terra natal. Que homenagem lhe presta quando diz que, tanto no tempo quanto na glória, êle está muito próximo de Homero (44), e estamos aqui a quase um milênio do poeta... É ainda Plutarco que nos dá certos detalhes ora tradicionais (45), ora puramente hipotéticos, a respeito dos conhecimentos médicos de Hesíodo (46) e de sua morte (47). Através de tôda a sua obra colhemos numerosas referências ou citações tanto para explicar e criticar, como para comentar certos versos ou expressões empregadas pelo poeta. Os comentários que nos conservaram os escólios nos dão numerosos exemplos do trabalho filológico feito por Plutarco sôbre a obra de seu compatriota (48).

Filóstrato, como já o fizera Plutarco, menciona a lenda do torneio poético (49), e nos conta que Hesíodo venceu pela doçura, o que quer dizer, sem dúvida, que êle cantava as obras da paz. E êsse julgamento deve ser levado em consideração (50). Através de sua obra, seja em sua narrativa edificante sôbre Apolônio de Tíanis, seja em suas vidas dos Sofistas, seja ainda em suas descrições de obras de arte, êle se compraz em citar e em louvar o poeta; e, uma só vez, em criticá-lo (51).

Dêsse renome de Hesíodo, Pausânias nos dá ainda uma prova quando nos conta que no decurso de sua viagem a Delfos, no século II d. C., aí encontrou uma estátua do poeta, perto, sem dúvida, dessa pedra divina que Crono havia vomitado depois de a ter engulido, julgando ser o corpo de Zeus recém-nascido (52):

*E Zeus a fixou na terra de largas estradas
em Pito, a divina, ao sopé dos flancos do Parnaso,
monumento durável para todo o sempre, admiração
dos homens mortais*

Na descrição dos lugares que visita, o mesmo Pausânias conta que viu uma estátua do poeta igualmente em Téspis, o que era bem merecido; mas uma outra encontrava-se em Olímpia, e isso era uma honra que Hesíodo compartilhava com Homero (53).

Quando, no século III, Basílio de Cesaréia, o grande prelado, se torna o restaurador das letras clássicas, o primeiro escritor do qual men-

(44). — *Consolação ad Apol.*, VII, 105 c.

(45). — *Septem Sapientium Convivium*, X (154 c); *Quest. conv.*, V, 2, 6.

(46). — *Sept. Sap. Conv.*, XIV.

(47). — *De solertia Animalium*, XIII, 10; XXIV, 8; *Sept. Sap. Conv.*, XIX.

(48). — Para todo êsse comentário, veja por exemplo, a edição Didot, vol. V, pp. 20-32.

(49). — *Heronas*, 19, 3.

(50). — *Heronas*, III, 37-38.

(51). — *Apolônio de Tíanis*, VI, 2, 2, (v. 150); *Soph.*, I, 26, 1 (v. 125); *Imag.*, II, 26, 2, (v. 442), 11, 28, 3. (v. 777).

(52). — *Descrição da Grécia* X, 24, 6; IX, 27, 5; *Teogonia*, 498-500.

(53). — *Pausânias*, V, 26, 2; IX, 27, 5.

ciona o testemunho é Hesíodo. E aqui é o moralista que reaparece, e de quem o bispo cita, por assim dizer, o texto (54):

*É um homem completo êsse que sempre por si mesmo vê,
depois de refletir, o que mais tarde e até o fim será melhor.
Este tem ainda o prêmio que se dá aos bons conselhos.
Mas aquêle que não sabe ver por si mesmo, nem
acolher em sua alma
os conselhos de outrem, em compensação, para nada presta.*

E acrescenta essas palavras que nos mostram quantos leitores o poeta tinha nesse tempo: "Vós mesmos vos lembrais, evidentemente, dos versos" (55). É ainda de uma expressão análoga que êle se serve numa outra passagem: "Que outro motivo podia bem ter Hesíodo, na nossa opinião, quando escrevia êsses versos que estão em tôdas as bocas, se não excitar os jovens à virtude: Rude no comêço, de acesso difícil, cheio de suor e de esforços é o caminho que conduz à virtude, subindo? Está longe de ser o próprio texto do poeta, mas o que nos interessa é ver que Hesíodo, dez séculos após a sua morte, é sempre para os gregos um autor que se lê, do qual êles tiram as máximas que servem de guia para a vida.

Não é só na Grécia que o divino Hesíodo é conhecido e amado. Em Roma, o próprio Virgílio presta homenagem ao velho poeta quando diz na VI *Égloga* (56):

*Estas canas, toma-as, as Musas t'as dão, elas
que outrora as tinham trazido ao velho de Ascra; é
com elas que êle se comprazia,
cantando, em fazer descer das montanhas, os olmos de troncos rígidos.*

À sua referência à *Teogonia*, o poeta latino acrescenta um grandioso elogio ao velho poeta grego, ao qual concede os mesmos milagres que a Orfeu. E, no momento de exaltar os trabalhos da terra em seu segundo canto das *Geórgicas*, (57) é ainda a Hesíodo que êle se referirá:

*Salve, grande mãe das colheitas, ó terra de Saturno,
grande nutriz de heróis; em tua honra empreendo
cantar a arte antiga*

(54). — *Trabalhos*, 293-297.

(55). — *Aos jovens, sôbre o modo de tirar proveito das letras helênicas*, I, 4-20; V, 9-13. (Edição de F. Boulanger, *Les Belles Lettres*).

(56). — *Bucólicas*, VI, 70.

(57). — *Geórgicas*, II, 173-176.

*que fez tua glória; assás ousado para abrir as fontes sagradas,
eu canto o poeta de Ascra nas cidades romanas.*

Assim, pois, tôda a Antigüidade conheceu, amou e venerou o velho Hesíodo. Comentado já por seu compatriota Plutarco, e através dos séculos pelos sábios bizantinos, êle nos chegou como um testemunho do pensamento religioso e do despertar social dos tempos antigos; e sua vida continua em nossos tempos, quando procuramos adivinhar quais poderiam ser as preocupações do mundo rural e artífice dessa época sôbre a qual a história nos dá tão poucas luzes. Êle é ainda para nós fonte de informações sôbre as origens da religião grega e de sua mitologia.

Além de sua obra, já uma outra influência de Hesíodo da qual não nos devemos esquecer. Não será justo crer que essa obra, colocada sob a proteção das Musas, contribuiu grandemente para espalhar êsse culto através do mundo grego? E, nesse culto, o Vale das Musas heliconianas ocupa um lugar de destaque. À semelhança dêsse local sacro cantado pelo poeta, e sem dúvida porque o poeta o cantou nesses versos conhecidos em todo o mundo helênico, na Grécia peninsular e também na Magna Grécia, expande-se o costume de consagrar às Musas um lugar sagrado, altar, *témenos*, bosque, raramente um templo, como em Téspis. Encontram-se dêsses *Museion* em Atenas, Delfos, Olímpia, Trezena, Esparta e Terã. A Magna Grécia os conhecia como Pitágoras em Crotona, em Metaponte e ainda em Siracusa e Tarento. Alexandria também construiu o seu, aliás luxuoso. Correspondem todos êles, porém, à concepção primitiva, à tradição que provém da Beócia. Não nos esqueçamos de que êsses lugares sacros da Grécia exerceram uma influência muito importante no pensamento grego. Aí foi realmente elaborada a filosofia do mundo ocidental com Pitágoras, Platão, Aristóteles, Teofrasto e mesmo com Plutarco (58). Isso significa ainda uma contribuição cujas repercussões totais não podemos medir. Se Hesíodo não nos apresenta uma poesia, que possa, a nossos olhos, rivalizar com a de Homero, como acontece com Homero, não cansamos de ler e de re-ler o velho poeta amado pelas Musas do Hêlicão, de encontrar em sua obra novos esclarecimentos sôbre o homem de seu tempo e sôbre suas crenças.

(58). — Ver P. Boyancé, *Le culte des Muses et les philosophes grecs*, Paris, 1937.

58	:	79	200 - 201:	47	315	:	56	56
59 - 67:		31	201 e ss. :	69	317 - 318:		56,	71
59 e ss. :		60	202 - 212:	67	320	:	31, 36,	83
59 :		71	202 - 273:	26	320	:		36
60 :		72	207 e ss. :	34	321	:		37
60 - 76:		43	207 - 212:	34	325 - 326:			36
65 :		72	210 - 221:	6	328	:		84
67 - 68:		43	213 - 216:	29	330 - 332:			38
68 :		72	214 - 216:	66	334 - 336:			35
69 - 82:		43	219 - 224:	66	335 - 336:			93
69 :		71	220 - 221:	34	338	:		93
70 :		70	222	28	338 - 339:			32
70 - 72:		28	225 e ss. :	34	339	:		72
77 :		72	225 - 247:	71	342	:		38
77 - 78:		43	228	31	344 - 363:			6
84 :		72	234	72	352	:		36
84 - 86:		43	237	72	353 - 354:			28
90 - 105:		31	238	72	354	:		70
90 :		72	240 e ss. :	34	357 358:			38
101 :		45	240 - 247:	97	362	:		37
105 :	33,	46	241 - 248:	6	365	:	37,	56
106 - 201:		25	243	31	366 - 367:			36
107 :		40	250	72	366 - 380:			6
109 e ss. :		41	252 - 335:	6	370	:		35
109 - 126:		70	253 - 225:	32	370 - 372:			28
109 - 142:	41,	42	253 - 257:	33	371 - 372:			84
111 - 115:		6	260 - 263:	30, 34	373	:		84
112 - 113:		40	263 - 264:	29, 69	375	:		28
117 :		72	267 268:	31	376 - 380:			84
122 :		32	267 - 273:	48	377	:		28
122 - 123:		33	270 - 273:	50	379	:	31,	72
123 :		32	274 - 285:	20	383	:		59
124 - 125:		28	275	36	383 - 627:			26
126 :		32	277 - 280:	35	387	:		64
127 - 128:		41	281 e ss. :	31	388 - 393:			30
129 - 136:		45	282 - 283:	35	391	:		53
135 :		45	284 - 286:	35	391 e ss. :			51
137 - 139:		45	286 - 382:	20	397 - 400:			68
141 - 142:		30	286 - 288:	69	399 - 400:		55,	69
145 :		42	286 - 292:	93	399 - 402:			56
145 - 155:		40	287 - 289:	36,95	406	:		28
152 - 153:		33	293 - 297:	99	414	:		72
153 - 161:		6	294 - 317:	28	415	:		31
154 - 155:		60	299	83	417	:		60
169 :	6,	28	299 - 300:	56, 68	420	:		72
170 - 171:		33	301	83	425 e ss. :			52
170 - 173:		87	302	30	427 - 431:			54
174 - 185:		6	303 - 306:	65	435	:		72
180 :		33	308 - 309:	37	441 - 442:			54
184 - 201:		70	310	28	443 - 445:			63
190 :		39	311 - 313:	92	448 - 450:			53
194 :		35	313	37	449 - 450:			60
197 - 200:		60	314	32, 37	451	:		72
199 - 204:		6	314 - 315:	83	452 - 455:			56
					453 - 454:		55,	68

456 - 457:	54	551	:	72	672 - 673:	52
460 :	53	554 - 556:	:	69	674 :	72
461 - 463:	53	559 :	:	55	676 :	72
461 - 473:	61	560 :	:	73	686 :	6, 38
465 :	32	561 - 563:	:	28	689 - 690:	52
467 - 469:	64	565 :	60, 72	72	692 :	72
469 - 471:	54	567 :	:	72	692 - 693:	65
470 - 471:	64	568 :	60, 72	72	694 :	38
471 - 472:	52	570 :	:	53	695 :	68
474 :	31	571 :	:	73	695 723:	26
475 :	65	572 :	:	59	702 - 703:	79
475 - 476:	56	580 - 584:	:	63	707 :	38
476 :	37	581 :	:	72	709 - 713:	36
480 - 482:	63	582 - 586:	:	60	711 - 712:	88
484 :	72	587 :	:	60	713 - 714:	38
485 e ss. :	53	588 596:	:	61	717 - 718:	37
486 :	60	590 :	:	72	720 :	38
488 - 489:	31	591 :	:	72	721 :	38
490 :	72	592 - 596:	:	86	724 - 726:	32
491 - 494:	6	597 - 621:	:	97	724 - 828:	26
493 - 494:	55, 63	600 :	:	51	735 :	72
496 :	37	602 :	:	72	737 740:	61
497 :	69	608 :	54, 64	740 :	:	28
499 :	37	611 - 614:	:	53	742 - 743:	65
500 :	63	616 :	:	72	744 :	51
503 :	55	617 :	:	65	748 :	51
507 e ss. :	60	619 - 620:	:	60	755 756:	32
511 - 512:	60	620 :	:	72	763 - 764:	96
511 - 519:	6	622 :	:	72	778 :	72
512 :	55	624 - 630:	:	64	794 - 797:	28
514 :	72	625 - 630:	:	52	826 - 828:	39
516 :	72	626 :	:	72	828 :	6
518 :	64	628 - 691:	:	26	881 - 885:	41
519 - 521:	65	630 - 641:	:	38		
524 :	73	635 - 640:	:	50		
525 - 528:	68	638 :	31, 37	37		
527 - 528:	6	640 :	:	56		
529 :	72, 73	649 :	:	28		
529 - 530:	61	650 :	:	51	1 - 32:	6
532 :	72	651 - 659:	:	82	1 - 56:	84
535 :	55	651 - 653:	:	91	207 - 213:	6
532 - 535:	64	654 :	:	83	350 - 354:	6
536 :	51	654 - 662:	:	28	382 - 384:	6
537 :	72	659 :	:	9	426 - 440:	6
538 :	53	660 :	:	83	456 - 480:	6
541 - 546:	53	660 662:	:	30		
544 - 552:	6	667 :	:	32		
546 :	51	668 :	:	31		

ESCUDO

ÍNDICE ANALÍTICO

- Afrodite 12, 16, 21, 23, 31, 43, 78
Agamenão 33
agricultura 26, 30, 52, 53, (idéias novas sobre) 30, 52, 53
alegorias, 66
alem-túmulo 47, 49
Alexandria 5
aliteração 70
amizade 38, 96
amor 12, 14, 16, 86, 94
Anfidamas 83
Apolo 18
Apolodoro 79
apólogo 67
Apolônio de Tíanis 68
Aristarco 66
Aristóteles 7, 35, 89, 95, 100
Arquíloco 67, 77, 80, 94
arte da *Teogonia* 21, 24; - dos *Trabalhos* 28, 63-61
Artemis 18, 90
Ascra 51, 55, 56, 75, 79, 81, 83, 85, 86, 90
Atena 18, 31, 43
Atlas 45
Áulis 82, 91
- Basilio de Cesaréia 98
Bem-Aventurados (ilha dos) 33, 49
Beócia 51, 59, 81, 86
biblica (inspiração) 35, 40, 46, 69
bizantinas (edições) 6
bronze (idade do) 46, 47
- Cálcis 51, 80, 82
Calímaco 12, 90
camponesa (vida) 52, 57, 58
Candauro 80
Catálogo das Mulheres 12, 84
Cem-Braços 12, 78
Céu 12
Cimé 59, 75, 80, 81
Cipselo 81
codices 5, 6
colonização 50-59
- comentários 7
concurso (com Homero) 28, 80 89^a
confidências pessoais 70
Corinto 81, 82
cosmogonia 18-21, 40-49
Croiset (A) 8, 11, 17
Crono 12, 16, 22, 40, 41, 78, 94, 95, 98
Cumas 80
- Daniel 40
decadência humana 39, 45, 46, 47, 48
Demeter 3
demônios 32
destino 19
deuses de Hesíodo 16, 31
dialética 70
dialeto dos pomas 73
digama 73
Dike 19
Diodoro de Sicília 97
Dioniso 18
ditados 30
dorismos 74
- Egina 82
Élpiis 44, 46
enjambement 22
enumerações 23
eolismos 73
Epimeteu 43, 46
epítetos épicos 72
Eretria 82
Eris, ver Luta
Escudo 5, 6, 84
Esmirna 79
Ésquilo 44, 90, 91, 97
Ésquines 7, 97
Estobeu 7
Estrabão 27
Estyge 12
Eubéia 51
Eudemo 15

- Felicidade 26, 37
 fenícias (influências) 15
 ferro (idade do) 47
 Focilides 97
 fogo (episódios do) 35, 42, 43
 fontes 35, 40, 42, 75-79
 fórmulas épicas 71
 freixos (filhas dos) 42
 Gaia, ver Terra
 genealogia 75, 76
 Gênios 33, 42
 Giges 80, 83
 Graças 18, 43
 guerra 21-22, 32, 36, 82
 Hades 49
 hebraicas (influências) 15
 Hécate 12, 14, 19, 51, 76, 85
 Hefesto 31, 43, 92
 Helicão 9, 14, 18, 28, 51, 81, 100
 Heracles 18, 39
 Heraclides 80
 Heraclito 90
 Hermes 43
 Heródoto 18, 79
 heróis 47
 Hesíodo (data de) 79, (biografia)
 80, (caráter) 84, 85-87
 hexâmetro 74
 hinos 75, 76
 homem (criação do) 40, 42, 45, 78
 Homero 13, 14, 15, 16, 49, 50, 57,
 71, 72, 73, 75, 78, 82, 85, 86
 89, 94, 98
 Horas 18
Iliada 39, 49, 71
 imagens 65
 Infernos 49, (gênios dos) 33, 49
 influência de Hesíodo 89, 98
 inspiração 33, 29, 40
 interpolações 28
 ironia 68
 Isócrates 97
 Japeto 12, 33, 94
 jônico (espírito) 15, 75
 jonismos 73
 juizes-Reis 51, 56
 justiça 19, 25, 33, 34, 35, 47, 56, 66
 86
 justiça social 56,
 Kumarbi 78
 Lascaris (Constantino) 7
Laurentianus gr. 31, 32: 5
 31, 39: 5
 32, 16: 5
 liberdade humana 49, 50
 Libetherion 18
 Lídia 80
 língua de Hesíodo 71
 Lutas 10, 25, 36
 Mãe (Grande) 14
 mal (problema do) 20, 45
Margites 77
 marítima (vida) 34
 Mazon (P.) 5, 12, 23, 76, 89
 Mecône 41
 Menito 45
 Meônia 80
Messanius gr.: 6
 Mileto 80, 82
 Mimnermo 100
 Minos 11
 Mireaux (E.) 17
 misogenismo de Hesíodo 43, 84
 mistérios 49
 misticismo 32
 Mitilene 82
 mitos 40, 66, 76
 Mnemósina 18, 20
 moral 31, 40
 Moschopoulos (Manuel) 7
 mulher (aparição da), ver Pandora
 mundo (concepção do) 40, 48
 Museu 94
 Musas 9, 11, 13, 17, 18, 19, 20, 25,
 51, 85, 86, 90, 100; (Vale das)
 14, 18, 28, 100; — olímpicas 18
 Natureza (sentimento da) 59-67
 navegação 26, 30, 52, 59
Odisséia 33, 39, 49, 50, 71
 Olímpia 98
 olímpica (concepção) 18, 31
 Onipresença (de Deus) 30, 55
 Orcômeno 85
 Orfeu 15, 92, 99
 orfismo 76
 Origenes 7
 Ortagoras 81
 Pandora 25, 33, 44, 45, 46, 66, 79
 papyri 6
 Parcas 18
Parisinus gr. 2708: 6
 2771: 6
 2772: 6
 2773: 6
 " *suppl. gr.* 464: 6
 Pausânias 10, 14, 98
 Pergamo 5

- Perses 25, 26, 28, 55, 68, 81, 82, 86
 pessimismo 47, 49
 piedade 32, 85
 Pieria 18, 28
 Pistrátidas 6, 77
 Pitágoras 160
 Planude (Máximo) 7
 Platão 7, 15, 35, 44, 63, 93, 94, 95, 97, 98
 Plutarco 7, 14, 28, 81, 90, 97, 98, 100
 pobreza 37, 38
 Poder 92
 poesia (concepção da) 13, 30, 31
 poesia pessoal 27, 29, 70, 71
 polêmica 27
 Posidão 14, 32, 33, 76
 Proclo 14, 31, 33
 progresso moral 48, 59, 86
 Prometeu 12, 18, 19, 25, 33, 39, 41, 43, 45, 46, 47, 66, 77, 78, 91, 92

 Queda do homem 33, 41, 42, 45, 46, 78
 Quios 79, 89

 Raças (episódio das) 25, 33, 40-46, 66
 racionalização 76
 realismo 29, 63
 religião de Hesíodo 17, 28, 33, 35
 responsabilidade humana 39, 40, 46
 sacerdotais (influências) 15
 rouxinol (episódio do) 34, 57
 sacerdotais (influências) 15
 sátira 26, (dos reis) 29
 Semônides 79
 Sicione 81, 82
 simbolismo 20
 social (vida) 54, 55
 Sócrates 92, 93, 94
 Sófocles 44
 Solão 79
- Scuda 79
 superstição 55, 81

 Teofrasto 100
 Teognis 44, 79, 97
Teogonia: análise 12; cronologia: 8, 79-80
 teogonias 14
 teogonia (criação da) 18
 teologia 31, 100
 Terra 12, 14, 22, 32
 Tersites 57, 83
 Téspis 51, 75, 81, 98, 100
 tiranias 83
 Tirteu 90
Titanomaquia 12
 Titãs 12, 41, 78, 91, 92
 trabalho 25, 36, 40, 46, 47, 55, 56, 59, 77
Trabalhos e Dias (análise dos) 25; (composição) 27
 Triclinio (Demétrio) 7
 Tzetzes (João) 7

 Unidade da obra hesiódica 8, 27
 Urânidas 15
 Urano 12, 16, 22, 78, 90, 95

 Variedade de tom 68, 69
Venetus Marcianus gr. 464
 vida (concepção da) 19
 violência (não-) 36
 Virgílio 62, 99
 vocabulário 72, 73

 Waltz (P.) 8, 44, 62, 65
 Wilamowitz (U. von) 11

 Xenofonte 7, 92

 Zeus: 12, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 25, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 40, 41, 44, 45, 56, 66, 76, 78, 95, 92, 98, (filhas de) 20.

ÍNDICE DAS GRAVURAS

I	O altar das Musas no Vale do Helicãc (B. C. H. 1954, p. 26)	42
II	“A colheita” — vaso de steatite do Minoano médio III, encontrado em Hagia-Triada Museu de Candia	43
III	Mapa de Beócia	50
IV	O mundo Egeu	74

SUMÁRIO

PREFÁCIO	3
CAPÍTULO I A OBRA DE HESÍODO	
A tradição manuscrita	5
Bibliografia	7
Unidade da obra hesiódica	8
CAPÍTULO II A TEOGONIA	
Unidade da Teogonia	11
O poeta inspirado	13
A concepção dos deuses	14
A cosmogonia da Teogonia	19
A arte na Teogonia	21
CAPÍTULO III OS TRABALHOS E DIAS	
Análise e unidade do poema	25
A teologia e a moral de Hesíodo	31
A concepção do mundo em Hesíodo	40
O mundo grego na época de Hesíodo	50
O sentimento da natureza	59
A arte nos Trabalhos	63
A língua de Hesíodo	
CAPÍTULO IV O POETA HESÍODO	
As fontes de Hesíodo	75
Data e vida de Hesíodo	79
O caráter de Hesíodo	85
CAPÍTULO V INFLUÊNCIA DE HESÍODO	
Índice dos lugares	101
Índice analítico	104
Índice das gravuras e mapas	107
Índice geral	108

**IMPRESSO NA SECÇÃO GRÁFICA DA
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

